



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

NATALIA DA SILVA MALAGUTTI

**PERCEPÇÕES DA SUSTENTABILIDADE EM CONTEXTO
ORGANIZACIONAL:
INTERPRETANDO A LUZ DA TRIADE
BOURDIEUSIANA**

Londrina
2018

NATALIA DA SILVA MALAGUTTI

**PERCEPÇÕES DA SUSTENTABILIDADE EM CONTEXTO
ORGANIZACIONAL:
INTERPRETANDO A LUZ DA TRIADE
BOURDIEUSIANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Administração (Mestrado em Administração – Linha de Pesquisa: Gestão de Organizações) da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Borim-de-Souza

Londrina
2018

NATALIA DA SILVA MALAGUTTI

**PERCEPÇÕES DA SUSTENTABILIDADE EM CONTEXTO
ORGANIZACIONAL:
INTERPRETANDO A LUZ DA TRIADE
BOURDIEUSIANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Administração (Mestrado em Administração – Linha de Pesquisa: Gestão de Organizações) da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Rafael Borim de Souza
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Natalia Rese
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Prof. Dr. Luciano Munck
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 14 de dezembro de 2018.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus, por me presentear com a capacidade de pensar, e por me dar a disposição e a força tão necessária para seguir em frente.

Agradeço ao meu orientador Rafael Borim, obrigada pela sua dedicação, sabedoria e paciência. Obrigada pelos momentos em sala, pela sua conduta e ética, por me apresentar que a docência é um dom, e que tem o poder de transformação. Agradeço também pela sua amizade, por todos os momentos de alegria e também os que causaram reflexões, saiba que estes me transformaram em uma pessoa mais compreensiva, e mais apaixonada pelo seu trabalho e pela grande pessoa que você é. Sem você meu grande amigo, esta pesquisa nunca iria acontecer, e minha vida não teria a alegria que tem hoje. Obrigada por ser você.

Ao grupo EOSI, pelas profundas reflexões, obrigada por me ajudarem a compreender que o mundo é uma construção social.

A Beatriz Zanoni e Jacque Chiba, vocês são inspiração, agradeço pelo companheirismo, e pelos momentos de loucuras, principalmente aqueles em aniversários.

Nitt e Letrari, agradeço pela imensa ajuda com os dados, sem vocês esta pesquisa não teria se concretizado. Obrigada pelas tardes juntos, pelas risadas e pela amizade.

Aos meus pais, obrigado por compreenderem minha introspecção, por estarem sempre ao meu lado, e por apoiarem meu caminho profissional e pessoal.

Agradeço a minha professora de graduação Carine Maria Senger, que me inspira a cada lembrança que tenho das suas aulas, obrigada por iniciar em mim a vontade de seguir a carreira acadêmica.

Agradeço a banca, pelas considerações e pela inspiração baseada no profissionalismo. À Capes, pelo financiamento durante o mestrado.

Quando descobri que é sempre só você
que me entende do início ao fim.
E é só você que tem a cura para o meu vício
de insistir nessa saudade que eu sinto
de tudo que eu ainda não vi.
(Renato Russo)

MALAGUTTI, Natalia da Silva. **Percepções da sustentabilidade em contexto organizacional**: Interpretando a luz da triade bourdieusiana. 130 f. Dissertacao (Mestrado em Administracao) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

RESUMO

A crescente crise ambiental e, conseqüentemente, as patologias sociais geram preocupações e estabelecem discussões sobre o desenvolvimento sustentável e a sustentabilidade. Decorrente deste fato, as organizações, que são parcialmente responsáveis pelo crescimento econômico e desenvolvimento social, apresentam papel importante para a modificação deste cenário. A teoria, por sua vez, apresenta inúmeras abordagens que vinculadas às organizações acarretam narrativas, significados e diretrizes muitas vezes incompreensíveis para a população. Para tanto, esta pesquisa analisa, por meio da triade bourdieusiana, como a sustentabilidade permeia o campo organizacional. Com o objetivo de apresentar o significado atribuído ao desenvolvimento da sustentabilidade na realidade cotidiana organizacional. Desta forma, o objetivo geral desta pesquisa é baseado na percepção da sustentabilidade em contexto organizacional. Este objetivo foi respondido por meio de uma análise de narrativas pela abordagem construcionista, que apresentou as organizações como campos distintos, com características diferentes, e particulares no que se refere ao capital e ao *habitus*. O significado da sustentabilidade foi analisado e apresentado por meio dos estilos de raciocínio de Balbinot e Borim-de-Souza (2012), que proporcionou uma relação entre as duas organizações investigadas, que apresentaram significações atribuídas ao estilo Normativo Reducionista Fraco e Funcionalista, com influências de um estilo intermediário, que torna o homem membro pertencente do meio ambiente e responsável pelas ações que geram e transformam o meio social. Por fim, foi realizada uma comparação entre as duas organizações, com o objetivo de apresentar diferenças e igualdades que possibilitarão guiar outras pesquisas.

Palavras-chave: Campo. *Habitus*. Capitais. Sustentabilidade. Pierre Bourdieu.

MALAGUTTI, Natalia da Silva. **Narratives about sustainability in two organizations**: interpreting relationships in the light of the Bourdieusian triad. 2018. 130 p. Dissertation (Master in Administration) - Londrina State University, Londrina, 2018

ABSTRACT

The growing environmental crisis and consequently social pathologies generate worries and establish discussions on sustainable development and sustainability. Due to this fact, organizations, which are partially responsible for economic growth and social development, play an important role in modifying this scenario. The theory, on the other hand, presents innumerable approaches that tie to the organizations entail discourses, meanings and directives often incomprehensible for the population. For this, this research analyzes, through the Bourdieusian triad, how sustainability permeates the organizational field. In order to present the meaning attributed to the development of sustainability in the daily organizational reality. In this way, the general objective of this research is to interpret, through the field, capital and habitus, the relations between the narratives about sustainability in an organizational context. This objective was answered through an analysis of narratives by the constructionist approach, which presented the organizations as distinct fields, with different characteristics, but which possessed capitals and habitus in consonance. The meaning of sustainability was analyzed and presented through Balbinot and Borim-de- Souza's (2012) reasoning styles, and a relationship was identified between the two organizations, which presented meanings attributed to the Weak and Functionalist Reductionist style, with influences of an intermediate style that makes the man member belonging to the environment and responsible for the actions that generate and transform the social environment. Finally, a comparison was made between the two organizations, with the aim of presenting possible gaps that could guide other research.

Keywords: Field. Habitus. Capitals. Sustainability. Pierre Bourdieu.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** - Primeira e segunda dimensao dos estilos de raciocinio de Balbinot e Borimde- Souza (2012)55
- Figura 2** - Estilos de raciocinio para a caracterizacao do desenvolvimento sustentavel e sustentabilidade como objetos de estudo para gestao por Balbinot e Borim-de-Souza (2012)61
- Figura 3** - Comparacao do espaco social das organizacoes NAC e INT95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Período histórico dos paradigmas e suas posições conceituais.....	58
Quadro 2 -	Funções dos entrevistados	70
Quadro 3 -	Documentos analisados	73
Quadro 4 -	Categorias de Análise	74
Quadro 5 -	Etapas de análise de dados	81

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	OBJETIVOS	14
1.1.1	Objetivo Geral	14
1.1.2	Objetivos Específicos	14
1.2	JUSTIFICATIVA	15
2	REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1	SOCIOLOGIA BOURDIEUSIANA	17
2.1.1	Bourdieu como Próprio Objeto de Pesquisa	17
2.1.2	Campo	20
2.1.3	Capitais	25
2.1.3.1	Capital cultural	27
2.1.3.2	Capital social	29
2.1.3.3	Capital econômico	32
2.1.4	<i>Habitus</i>	34
2.1.5	Poder Simbólico	38
2.2	SUSTENTABILIDADE E ORGANIZACOES: EM BUSCA DE UMA BASE DISCURSIVA.....	43
2.2.1	Sustentabilidade e Desenvolvimento Sustentável: Um Breve Histórico	43
2.2.2	Narrativas Sobre a Sustentabilidade: Uma análise Contracionista	46
2.2.2.1	Discursos sobre sustentabilidade: uma revisão empírica.....	49
2.2.2.2	Estilos de raciocínio para a caracterização do desenvolvimento sustentável e sustentabilidade como objetos de estudo para gestão	52
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	62
3.1	A PESQUISA PARA BOURDIEU E SUA RELACAO COM AS ORGANIZACOES	62
3.2	IDENTIDADE EPISTEMOLOGICA DA PESQUISA	63
3.3	CLASSIFICACAO GERAL DA PESQUISA	65

3.4	ESTRATEGIA DE PESQUISA	66
3.4.1	Objeto de Análise	67
3.4.2	Coleta dos Dados	68
3.4.3	Categorias de Análise	73
3.5	ANÁLISE DE DADOS	76
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	82
4.1	OBJETO DE ESTUDO - ORGANIZAÇÃO COMO AGENTE PESQUISADO.....	82
4.1.1	Objeto de estudo – organização NAC	83
4.1.2	Objeto de estudo – organização INT	85
4.2	RELACIONAMENTO ENTRE PESQUISADOR E PESQUISADO	86
4.2.1	Posicionamento do pesquisador nas organizações NAC e INT e a abordagem ética	87
4.3	REVELANDO O CAMPO DAS ORGANIZAÇÕES	91
4.3.1	O campo da organização NAC	91
4.3.2	O campo da organização INT	94
4.4	REVELANDO OS CAPITAIS DAS ORGANIZAÇÕES	95
4.4.1	Os capitais da organização NAC	96
4.4.2	Os capitais da organização INT	98
4.5	REVELANDO O <i>HABITUS</i> DAS ORGANIZAÇÕES	100
4.5.1	O <i>habitus</i> da organização NAC	101
4.5.2	O <i>habitus</i> da organização INT	103
4.6	AS NARRATIVAS ORGANIZACIONAIS SOBRE SUSTENTABILIDADE A PARTIR DO <i>FRAMEWORK</i> DE BALBINOT E BORIM-DE-SOUZA (2012)	106
4.6.1	Categorização das narrativas da organização NAC	107
4.6.2	Categorização das narrativas da organização INT	111
4.7	O DISCURSO DINÂMICO SOBRE SUSTENTABILIDADE A LUZ DE PIERRE BOURDIEU E A APROXIMAÇÃO CONSTRUTIVISTA ENTRE AS DUAS ORGANIZAÇÕES ANALISADAS.....	113
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
	REFERÊNCIAS	121

1 INTRODUÇÃO

O crescimento econômico, a proliferação de organizações e as modificações culturais ligadas ao comportamento estratégico organizacional acarretam patologias econômicas, sociais e ambientais, e impulsionam discussões sobre o desenvolvimento do sistema econômico dominante. Tais problemas, ainda que não sofrido por todos, repercutem uma preocupação crescente sobre uma crise socioambiental que proclama pelo estabelecimento de relações entre as três esferas, econômica, social e ambiental.

Decorrente deste fato, os conceitos vinculados ao desenvolvimento sustentável e a sustentabilidade foram disseminados por eventos, convenções e relatórios que destacaram e acarretaram narrativas, significados e diretrizes, muitas vezes incompreensíveis para a população. Dentre os eventos se destacam: Estocolmo, 1972; Relatório de Brundtland, 1987; Conferência do Rio de Janeiro, 1992 e Rio+10. Tais marcos buscaram coerência teórica e empírica, que respondesse às necessidades de um meio social marcado pela degradação e abuso na utilização de recursos escassos.

O relatório de Brundtland ficou conhecido pois apresenta um conceito que aborda as gerações futuras em conformidade com a geração atual, e visa buscar um crescimento contínuo como fator determinante para as benfeitorias sociais, ambientais e econômicas. Segundo Banerjee (2003) a definição de Brundtland não é realmente uma definição, é um “slogan” que não permite elaborar conceitos teóricos. Desta forma, a definição de Brundtland não apresenta a noção das necessidades e desejos humanos, mas sim uma busca incessante pelo crescimento econômico.

A definição de Brundtland para Banerjee (2003) compreende um estado atual problemático, que carregará para o futuro recursos cada vez mais escassos. Dado este cenário, a definição de desenvolvimento sustentável admitida pelo Relatório de Brundtland torna-se incoerente pois a geração futura será incapaz de acessar o mercado atual, ou como Martinez-Alier (1987) menciona: indivíduos que ainda não nasceram possuirão dificuldades ontológicas, pois não conseguirão acessar sua presença no mercado atual de recursos inesgotáveis (BENERJEE, 2003).

As organizações, neste parâmetro, ganham destaque negativo, pois está em suas naturezas o processo de extração e transformação dos recursos

naturais para consumo humano e carregam consigo o estabelecimento de políticas rigorosas que dão prioridade a fatores estritamente econômicos. Porém em consequência, as organizações também são os principais atores com potencialidade de gerar respostas às patologias sociais (MUNCK; BORIM-DE-SOUZA, 2009).

Segundo Munck e Borim-de-Souza (2009), tal preocupação em compreender e solucionar problemas ambientais acarretou diversas discussões sociopolíticas com o objetivo de conciliar os diferentes interesses ao termo desenvolvimento sustentável, e por meio de conceitos e práticas, constituir uma sociedade sustentável. Essa busca por uma prática sustentável faz com que as organizações que possuam o interesse sociopolítico sejam o principal objeto de pesquisa para este estudo. Os agentes, porém, enquanto pertencentes ao campo organizacional, também são considerados importante pois, são os detentores da força que impulsiona tais práticas e também são os que sofrem os resquícios das patologias sociais enquanto pertencentes a uma sociedade insalubre.

Desta forma, a pesquisa em proposição busca apresentar a percepção sobre sustentabilidade construídas pelos agentes pesquisados que configuram o campo da sustentabilidade em contexto organizacional a partir da conceituação social da tríade bourdieusiana que compreende a noção de campo, habitus, e capitais. A sustentabilidade é compreendida por meio dos estilos de raciocínios apresentados por Balbinot e Borim-de-Souza (2012).

A abordagem de campo será trabalhada a partir de uma região objetiva, micro, previsível e estruturada, que possui autonomia relativa ao espaço social que a cerca, e que se configura em um espaço relacional, onde se difundem e se reproduzem as práticas sociais pelo interesse dos agentes pertencentes ao campo. Assim, o campo para esta pesquisa é a configuração da sustentabilidade em ambientes organizacionais.

Com relação aos capitais, eles serão abordados mediante as estratégias encontradas nas narrativas analisadas do campo organizacional relacionado com a sustentabilidade. O apontamento da posse de capacidades culturais, sociais e econômicos permitiram que fosse compreendido como o trabalho de acumulação de capacidades estratégias acontece.

E no que se refere ao *habitus*, a ação dos indivíduos, ou mesmo a intenção revelou a disposição do agente referente ao objetivo do campo. Desta forma, foi analisado a partir de narrativas que apresentavam disposições duráveis,

socialmente construídas que tinham a possibilidade de apresentar um poder de união e de separação no campo. O *habitus* diz respeito ao desenvolvimento de forças sociais, caracterizadas pelas narrativas vinculadas à sustentabilidade.

Com relação aos estilos de raciocínios referente ao desenvolvimento sustentável e a sustentabilidade apresentados por Balbinot e Borim-de-Souza (2012), estes guiaram esta pesquisa nas abordagens ontológicas, nas perspectivas epistemológicas, nos conceitos sobre desenvolvimento sustentável e nos significados sobre sustentabilidade. Esta abordagem permitiu que os dados fossem compreendidos a partir de um caminho percorrido conceitualmente. Onde a caracterização e classificação das narrativas fossem separadas a partir dessas premissas, que permitiram a formulação de uma configuração do caminho discursivo sobre a sustentabilidade.

Os estilos de raciocínio abordam, dois principais caminhos: O discurso Normativo Reducionista Fraco e Funcionalista, e o discurso Positivo Holístico Forte e Crítico. O primeiro discurso é caracterizado por uma ontologia objetiva, que acarreta em uma epistemologia positiva, voltado para o paradigma tecnocêntrico, com versões sobre o desenvolvimento sustentável de forma institucional e objetivo, que repercute em uma sustentabilidade literal. Este caminho aborda uma caracterização institucional, que analisa o desenvolvimento sustentável e a sustentabilidade por uma visão reducionista, não considerando a crise ambiental como problema primário. Este caminho ainda possui influências de uma sustentabilidade intermediária, que possui um posicionamento social, e propõe soluções que corroboram para o desenvolvimento sustentável.

O segundo caminho, o Positivo Holístico Forte e Crítico possui uma ontologia subjetiva, que considera uma realidade socialmente construída e uma epistemologia interpretativa, que considera os significados por meio da interpretação. O paradigma dominante neste caminho é caracterizado pelo ecocêntrico, que considera o ser humano como parte integrante do planeta. A versão conceitual do desenvolvimento sustentável é classificada como a versão ideológica, pois possui uma visão crítica de mundo, tornando o desenvolvimento sustentável como o processo para se alcançar a sustentabilidade. A sustentabilidade aqui é apresentada como ecológica, pois possui características multidimensionais e complexas, voltada para um viés crítico do tema. Este caminho também possui influências de uma sustentabilidade social, que procura reconhecer que o ambiente natural é fundamental

para a sobrevivência humana, e que os fenômenos são construídos e construtores de um mundo social.

Diante disto, esta pesquisa possui cunho qualitativo, exploratório e descritivo, que é classificada por uma pesquisa teórica, pelo seu aprofundamento nos conceitos sobre a tríade bourdieusiana e sobre sustentabilidade, é uma pesquisa empírica por abordar dois estudos de caso, que permitem verificar, a partir de uma realidade, como acontecem as relações permeadas pelo tema.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, foram analisados por meio da análise de narrativa construcionista, que permitiu interpretar a tríade bourdieusiana por meio da percepção da sustentabilidade que permeia o campo, da identificação dos capitais e da análise do *habitus*. O contexto social foi considerado, pois está vinculado ao tipo de análise de narrativas adotado, que permite uma percepção do significado da sustentabilidade, a partir do contexto social do entrevistado, do entrevistador e da organização como agente estático e público.

Em sequência será abordado o objetivo geral e os objetivos específicos propostos por esta pesquisa, juntamente com a justificativa, que demonstra a relevância para o tema proposto.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

- Analisar as percepções sobre a sustentabilidade por meio da tríade bourdieusiana.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Compreender o campo organizacional configurado a partir das relações estabelecidas entre as narrativas sobre a sustentabilidade em contexto organizacional.
- Identificar os capitais movimentados nas relações atribuídas entre as entre as narrativas sobre a sustentabilidade em contexto organizacional.

- Analisar o *habitus* incorporado pelas relações estabelecidas entre as narrativas as narrativas sobre a sustentabilidade em contexto organizacional.

1.2 JUSTIFICATIVA

Os estudos que consideram a sustentabilidade como objeto de pesquisa que vem se desenvolvendo há muito anos. Apesar de haver inúmeros estudos vinculados à sociologia bourdieusiana, pouco deles evidenciam a tríade e a sustentabilidade em conjunto. A versão social da teoria de Bourdieu permite nomear nas sociedades capitalistas avançadas, os diversos conceitos abadados sobre a sustentabilidade.

Tais tendências reprodutivas podem ser usadas com o intuito de alcançar um *habitus* que permeia a sustentabilidade e que se apresente através de uma maior valorização das narrativas apresentadas pelos agentes, repercutindo em possíveis estratégias que facilitem a inclusão do conceito sobre sustentabilidade na cultura, no meio social e também no contexto econômico.

Desta forma, considera-se que esta pesquisa é relevante pois propõe uma interpretação da sustentabilidade por meio da tríade bourdieusiana em duas organizações. Argumenta-se que tais análises contribuem cientificamente para os estudos sobre os conceitos de Bourdieu, sustentabilidade e internacionalização, pois esta pesquisa aborda uma organização nacional e outra internacional.

Assim, esta pesquisa propõe uma análise individual de cada conceito, cada abordagem e cada perspectivas, teoricamente e empiricamente, sobre a teoria sociológica de Pierre Bourdieu e sobre sustentabilidade a partir da oportunidade de aplicação dos estilos de raciocínios propostos por Balbinot e Borim-de-Souza (2012).

Sobre os conceitos da sociologia de Pierre Bourdieu, esta pesquisa corrobora para a compreensão dos termos a partir das leituras das obras do próprio autor, que considera o contexto da pesquisadora como fator importante para a elaboração e compreensão das narrativas relativas a sustentabilidade. Com relação a sustentabilidade, esta pesquisa apresenta considerações importantes, pois promove o alinhamento teórico do desenvolvimento sustentável como conceito multifacetado, classificando suas versões em linhas ontológicas, epistemológicas e paradigmáticas,

contribuindo assim para o desenvolvimento do conceito amparado em abordagens metodológicas conhecidas e legitimadas pelos estudos organizacionais.

Com relação ao caráter empírico desta pesquisa, considera-se que os estudos abordados aqui são relevantes para compreensão do indivíduo como parte integrante de uma sociedade capitalista, que necessita de novas abordagens que apresente o desenvolvimento sustentável por níveis de análise distintos.

A contribuição prática desta pesquisa está ligada as ações decisórias organizacionais. Os caminhos teóricos propostos bem como a pesquisa realizada, mostraram possíveis formas de dominação, acarretando assim na explicação do funcionamento, mesmo que subjetivo, de alguns processos dentro de uma organização. Com os dados extraídos desta pesquisa, é possível estabelecer modificações organizacionais que facilite os processos decisórios sobre sustentabilidade, assim como a aplicabilidade dos conceitos em outras áreas.

Com relação a contribuição para a sociedade, esta pesquisa colabora para o melhor entendimento da sustentabilidade em si e também esclarece como a sustentabilidade é tratada em organizações nacionais e internacionalizadas, repercutindo em um esclarecimento de ordem regional, nacional e internacional.

No que se refere à contribuição desta pesquisa para os estudos organizacionais, considera-se que, a relação entre sustentabilidade e a sociologia bourdieusiana possuem representatividade, pois estabelece uma nova forma de compreensão do campo organizacional. Campo este que antes estava vinculado ao agente externo e hoje pode ser compreendido como agente presente e atuante sobre suas próprias cognições. Esta abordagem é auxiliada pelo método de pesquisa utilizado, que permite compreender a percepção da sustentabilidade por um olhar construcionista, inserindo o pesquisador no mesmo ambiente que o pesquisado, fazendo com que as subjetividades sejam ouvidas e consideradas como parte integrante dos dados analisados.

Em síntese, a ausência de estudos que relacionam todas as teorias citadas anteriormente, bem como suas reflexões ontológicas, epistemológicas e paradigmáticas, e também a aplicação e verificação empírica das propostas feitas, justificam o desenvolvimento desta pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico foi elaborado com o intuito de abordar as teorias utilizadas nesta pesquisa. A primeira sessão deste capítulo aborda a sociologia bourdieusiana, contemplando as teorias de campo, *habitus*, capitais e poder simbólico. A segunda sessão aborda o tema sustentabilidade, iniciado por uma breve apresentação do momento histórico que propulsou o termo sustentabilidade e em seguida foi abordado a sustentabilidade como discurso. Os dois capítulos teóricos corroboram para responder os objetivos desta pesquisa, pois fundamentam toda a estrutura teórica utilizada para analisar e interpretar os dados.

2.1 SOCIOLOGIA BOURDIEUSIANA

Este capítulo tem o objetivo de conceder uma compreensão sobre o pensamento de Pierre Bourdieu. As discussões abordadas aqui dão prioridade à história de Bourdieu, e sua sociologia. Posterior a isto, o entendimento de alguns conceitos são fundamentais para a compreensão de seus pensamentos, como o conceito de campo de capitais. Em seguida, aprofunda-se nas discussões de dois pontos fundamentais para esta pesquisa: Habitus e Poder Simbólico. Estes conceitos mostram-se significativos uma vez que o interesse principal está em desvendar como os aspectos econômicos, culturais e sociais, possuem o poder de controlar pensamentos, ações e até mesmo princípios inerentes ao ser humano.

2.1.1 Bourdieu como Próprio Objeto de Pesquisa

Pierre Félix Bourdieu, sociólogo francês, nascido em agosto de 1930 teve sua adolescência marcada pela passagem na instituição pública de ensino secundário *Liceu Louis-le-Grand*. Passagem esta que, segundo Dortier (2008), permitiu o surgimento de grandes obras, provenientes de grandes experiências fundadoras, traumas e de tensão interior. O autor conta que Bourdieu, um jovem provinciano de esquerda e desajeitado, viu-se mergulhado em um mundo que não condizia com a sua herança cultural. De origem humilde, filho de um funcionário dos correios, estava em meio aos burgueses, brilhantes, oriundos de uma infância culta,

na qual, precocemente, frequentavam museus, possuíam livros, viajavam, adquiriam a fala e a escrita sem maiores esforços sob uma natureza socialmente já constituída pelos pais.

Ao contrário deles estava Bourdieu, com sua escrita difícil e pouco esclarecedora, com um estilo literário refinado e prolixo, tendencioso ao elitismo (ALVES, 2008). Bourdieu (2004a), neste ponto, se sente acusado pela complexidade de suas frases, que desencoraja antecipadamente as más leituras, muitas vezes previsíveis aos olhos do autor. Para o autor, tal estilo de escrita permite que seu discurso seja entendido por aqueles que necessitam da compreensão. Bourdieu promove, a partir de sua linguagem, um artifício de restrição de ingresso a sua sociologia, delimitando quem pode entrar no seu campo e seus ensinamentos. Suas obras, a partir disto, só serão entendidas por aqueles que estão dispostos a compreendê-las, e ao mesmo tempo, por aqueles que estão dispostos a jogar o seu jogo.

Em 1954, Pierre Felix Bourdieu conclui graduação em filosofia na ENS (École Normale Supérieure), porém, mais uma vez, sai com ressentimento sobre o intelectualismo parisiense. Sua experiência no colégio *Liceu Louis-le-Grand* e também em sua graduação permitiu que ele enxergasse outras formas sociais que reproduziam uma posição socialmente ocupada pelos agentes que detinham certo grau de superioridade.

Dortier (2008) acredita que a mudança de cultura possibilitou Bourdieu encontrar os códigos implícitos, as rotinas e as bases que governam o mundo das ideias, as regras. Bases estas que regem os gostos, as preferências e as escolhas, sejam elas tratadas em ambientes escolares, científicos, artísticos, gastronômicos, ou culturais. Para Alves (2008) a inquietação, e também inspiração do sociólogo, se deu mediante a própria diferença em relação àqueles outros jovens. A partir de sua experiência, Bourdieu dedicou-se a encontrar maneiras pelas quais as formas de linguagens possuíam um certo poder quando utilizadas em momentos adequados (ALVES, 2008).

Da mesma maneira, as estratégias utilizadas por agentes dotados de competências, chamadas por Bourdieu de capitais, faziam com que um determinado objetivo fosse alcançado sem mesmo muito esforço. Suas pesquisas então, passaram a ser dissecações do instrumento da linguagem, dos atos e das estratégias como

coisas manipuladoras, como um poder subentendido socialmente, invisível, porém existente, logo simbólico (BOURDIEU, 2012; DORTIER, 2008).

A visão de Bourdieu, enquanto próprio objeto de pesquisa (DORTIER, 2008), demonstra que seu objetivo é escapar das generalizações, adotando uma microsociologia como delimitador de observação, mas nunca esquecendo do ambiente macrossociológico que permeia o contexto individualizado dos agentes. Sua abordagem implica em compreender as bases fundadoras pelas situações relacionais entre indivíduos, e entre indivíduos e estrutura, se aprofundando na prática enquanto ação.

Para Misoczky (2003, p.11), a sociologia bourdieusiana se interessa pelas relações e não pelas realidades fenomênicas das relações, “[...] opõe-se tanto à ênfase antropológica na linguagem quanto ao estruturalismo, recusando-se a reduzir os agentes (eminentemente ativos e atuantes) a simples fenômenos da estrutura”. Brulon (2013) considera que Bourdieu rompe com o dualismo dominante em sua área, na medida em que ele transpõe fronteiras entre diversas áreas de conhecimento e também entre dicotomias como subjetivo/ objetivo, estrutura/ ação e indivíduo/ sociedade, apresentando alternativas para se pensar o mundo social.

Segundo Bourdieu (2004a), seus pensamentos são organizados nas relações entre agentes e na relação entre agentes e estrutura, e seus fundamentos epistemológico se traduzem em uma abordagem construtivista-estruturalista ou estruturalista-construtivista, que proporciona tanto um sentido objetivo para visão de mundo, independente da ação humana (estruturalista), quanto um sentido simbólico, subjetivo, que acontece por meio dos esquemas de percepção, pensamentos e ações construídas socialmente (construtivismo) (BOURDIEU, 2004a).

Isso pode ser verificado em seus trabalhos etnográficos intitulados: *A Distinção - Crítica social do julgamento* e *Homo Academicus*, e estatísticos intitulados: *Sobre a Televisão* e *A Reprodução - Elementos para uma teoria do sistema de ensino*, que demonstram a preocupação em compreender o agente em seu campo (análises etnográficas), e o campo em que o agente está inserido (análise estatística).

Mais amplamente, sua sociologia tenta encontrar os mecanismos estruturais de dominação existentes, sem se desvincular do contexto histórico carregado pela história de cada agente, para que se possa compreender o *habitus* como constructos incorporados que guiam suas ações e regras de um campo enquanto contexto social específico, conduzido pela própria estrutura, construída pela

própria experiência, carregado pelas próprias relações entre os agentes, ou seja, uma natureza socialmente construída.

Portanto, o entendimento sobre a trajetória de Bourdieu mostra que sua sociologia, assim como suas experiências, não abrangem somente críticas e revelações relacionadas às desigualdades de um sistema econômico, mas sim as desigualdades não reveladas que possuem o poder de conduzir ou oprimir práticas, de "di-vidir" visões de mundo e de impor preferências estimadas aos poucos obtentores de capacidades.

Exposto isto, esta pesquisa abordou o conceito de campo a partir da leitura e compreensão das obras de Bourdieu, especialmente as obras intituladas *Coisas Ditas* (2004a), *Razões práticas* (1996) e *Os usos sociais da ciência* (2004b). Em seguida foi abordado o conceito de capitais, elencando os principais tipos de capitais trabalhados por Bourdieu, para este tópico foi utilizado as obras *The form of capital* (2011), *Escritos de educação* (2007b) e *Capital simbólico e classes sociais* (2013). Logo após esta abordagem foi trabalhado os fundamentos do habitus com a obra principal intitulada *O senso prático* (2009). E por fim, a compreensão do poder simbólico como compêndio e, ao mesmo tempo, como parte fundamental para esta pesquisa, com a obra *O poder simbólico* (2012).

2.1.2 Campo

Com o objetivo de conceder, primeiramente, formulações centrais sobre a teoria de Bourdieu, inicia-se uma abordagem sobre a noção do conceito de Campo. Para Bourdieu a noção de campo consiste em uma hipótese, que entre dois polos muito distantes, chamado de texto e contexto, existe um universo intermediário onde se manifestam as práticas sociais (BOURDIEU, 2004b). O contexto, nesta teoria, representa os significados construídos no cenário social em que o agente está. Por ele é possível compreender os motivos das práticas e os interesses atribuídos a algo. O texto representa a forma objetiva e estruturada, criada por e para os agentes. As duas polaridades são abordadas por Bourdieu (1996), como o comum e o profundo, o ôntico e o ontológico, a linguagem e o discurso, e representam, respectivamente, uma visão estruturalista-construtivista e construtivista-estuturalista do mundo social.

Neste espaço social, onde se encontram as duas polaridades (texto e contexto) acontecem as práticas sociais em um universo intermediário. A sociedade

é discutida por Bourdieu (1996), a partir de dois conceitos: mundo social e espaço social. O mundo social remete à sua própria representação, que é construída pelos agentes. O espaço social refere-se ao conjunto de posições ocupadas pelos agentes em uma formação social.

Esta relação entre mundo social e espaço social compreende o que Bourdieu (1996) denominou de macrocosmo, o qual é composto por leis específicas baseadas na objetividade do texto e na subjetividade do contexto. Neste espaço maior ocorrem diferentes tensões entre texto e contexto, as quais organizam-se de maneira específica, em um universo intermediário, também definido como microcosmo, que é o próprio campo. O universo intermediário é um universo multidimensional, construído e habitado por agentes e instituições que se diferenciam a partir de características próprias, representadas pelos capitais (BOURDIEU, 1996).

Os capitais representam, para a teoria de Bourdieu uma forma de diferenciação e de demarcação de posição no espaço social. Segundo Bourdieu (1996, p. 19),

[...] Os grupos são ai distribuídos em função de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com dois princípios de diferenciação que, em sociedades mais desenvolvidas, como Estados Unidos, o Japão ou a França, são, sem dúvida, os mais eficientes - o capital econômico e o capital cultural.

Os capitais, que serão detalhados no próximo tópico, são para esta teoria, defendidos como um sistema de separações diferenciais nas propriedades dos agentes, ou seja, um mecanismo de separação das práticas e bens que os agentes possuem. Mas o essencial a ser percebido, por meio de tais características de percepção do mundo social, é que tais diferenças objetivas e subjetivas, constituem o processo semiológico por trás da posição do agente, que servirá de referência para a construção de um posterior discurso, um significado de algo (BOURDIEU, 1996).

Os signos distintivos, objetivados ou incorporados em forma de capitais, só são legítimos em uma sociedade que os legitimem. Desta forma, Bourdieu (2004a, 2004b, 1996), observa o universo social como uma realidade invisível, que não se pode tocar, mas que é estruturado e organizado a partir dos esquemas de diferenciação, legitimação e de representação, apresentados pela posse de capitais.

Tal abordagem compreende uma análise micro de uma sociedade, pois os significados são dotados de resignificações de acordo com sua região, porém não deixam de seguir as regras do macrocosmo. Logo, para a compreensão detalhada da sociedade, Bourdieu (2004b) pesquisa pequenas partes do espaço social, que são

recortes específicos, micros, chamados de campos, mas que também podem ser chamados de microcosmos.

O conceito de campo (microcosmo) baseia-se em “[...] lugares de relações de forças, que implicam em tendência imanentes e probabilidades objetivas.” (BOURDIEU, p. 20, 2004b). O campo, devido seu grau de homogeneidade entre os agentes, é previsto e previsível, pois possui ordem, tanto do universo intermediário (macrocosmo) que o cerca, quanto da própria estrutura que constrói e caracteriza o campo.

O microcosmo, possui certa autonomia em relação ao macrocosmo, porém jamais escapa às imposições do macrocosmo (BOURDIEU, 2004b). Tal dominação do espaço social sofrida pelo campo, acontece devido ao nível de autonomia que este possui. Para Bourdieu (2004b) o campo segue regras mais ou menos específicas, pois possui sua ordem própria, porém não possui o poder necessário para desrespeitar todas as regras do macrocosmo. Este fato provoca uma luta emancipatória dentro do campo, e o caracteriza a partir das posições de agentes no campo e das lutas para buscar o reconhecimento neste espaço, como forma de noção da sua própria essência, mas que são abafadas pela dominação do macro ao micro.

A submissão do campo ao espaço social, é uma das grandes inquietações desta teoria, devido a sua dificuldade de quantificação e de qualificação da dominação sofrida. Bourdieu (2004b) menciona que uma possível conexão para este problema é o de saber qual a natureza das pressões externas, como por exemplo ordens, instituições, contratos, entre outros. É importante entender como as pressões se manifestam com relação ao campo, isto é, como a estrutura é percebida pelo agente, e qual o poder que ele tem sobre a estrutura para fazer com que ele acione mecanismos suficientes para possuir poder de refração necessário que o liberte, ou que o torne dono das leis que o guia.

A sociologia bourdieusiana estuda os mecanismos de dominação existentes em uma sociedade pesquisados a partir de uma visão micro, porém nunca esquecendo da influência macro do mundo social. Esta topologia da dominação aborda não só as relações sociais, mas também as lutas travadas que acontecem dentro do campo, como forma e motivo para compreender o poder simbólico que ali permeia.

Para compreender melhor a relação entre os agentes dentro do campo, Bourdieu (1996) caracteriza este espaço pelas posições relativas que os agentes ocupam. Posições estas que são disputadas no interior do campo, tornando assim o campo um campo de poder, cujas lutas são travadas de acordo com as forças dos agentes.

[...] O campo de poder (que não deve ser confundido com o campo político) não é um campo como os outros: ele é o espaço de relações entre os diferentes tipos de capitais ou, mais precisamente, entre os agentes suficientemente providos de um dos diferentes tipos de capital para poderem dominar o campo **correspondem** e cujas lutas se intensificam sempre que o valor relativo dos diferentes tipos de capital é posto em questão (BOURDIEU, 1996, p.52).

As lutas no interior do campo correspondem a situação relacional entre os agentes, ou seja, entre o dominante e o dominado. As forças, através dos capitais são colocadas à prova para que as atitudes e os costumes se perpetuem no interior do campo, e se façam significantes no espaço social de acordo com o interesse do agente dominante. Para isso o campo de poder permite que os agentes reafirmem a origem do próprio campo, disputando sua essência através das forças que cada agente possui, demonstrada em um momento histórico, como “classe-em-si” ou “classe-para-si”.

O primeiro conceito, classe-em-si, é a forma objetiva de pertencimento ao campo, é a compreensão orgânica de existência, ora determinista, ora voluntarista, tornando-se um apoio para uma possível transição de conhecimentos. O segundo entendimento, classe-para-si, é o mesmo que admitir que se está dentro do jogo, é dar importância, é assumir uma forma de luta pelo poder simbólico. Uma promoção ontológica transferida da classe-em-si para classe-para-si, é a forma de se fazer crer e de se fazer ver, de dar reconhecimento e de se fazer reconhecer, e ao mesmo tempo lutar por poder sobre os poderes. A classe-para-si é uma luta pela dominação do campo em um ambiente onde as forças são expostas e colocadas à prova, passível de legitimação do próprio campo, como uma forma subjetiva de inserção do agente (BOURDIEU, 2012).

Nesta perspectiva, a situação relacional entre os agentes, dominantes e dominados, é sempre construída mediante a historicidade de cada agente dotado de capitais, conseqüentemente isso proporciona desigualdades pois cada capital possui seu peso e sua importância. Resumidamente o campo segundo Bourdieu é:

[...] espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade que se

exercem no interior deste espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar este campo de forças. Cada um, no interior deste universo, estabelece em sua concorrência com os outros a força (relativa) que ele detém e que define sua posição dentro do campo e, em consequência, suas estratégias (BOURDIEU, 1997, p.57).

Bourdieu apresenta metáforas para a explicação desta teoria. A primeira com o campo econômico de uma grande empresa e a segunda com o campo científico de Einstein.

[...] Uma grande empresa deforma todo o espaço econômico conferindo-lhe uma certa estrutura” (BOURDIEU, 2004a, p.23). Isto acontece quando, por exemplo, uma organização, possuidora de um grande volume de capitais econômicos, baixa seus preços drasticamente, fazendo com que pequenas empresas, ou empresas não possuidoras do mesmo capital, sejam excluídas ou pressionadas a modificarem seus preços. Neste momento, a estrutura deste campo passa a seguir as regras dos que conseguiram através da mobilização de seus capitais, reverter uma tendência e modifica-lo. Porém, esta ação não bloqueia a ação das outras empresas. Isso significa que mesmo um agente não possuindo todo o volume de capitais proporcional aos dominantes do campo, ele é, em seu peso, um agente engajado em determinado campo. Da mesma forma Bourdieu apresenta a segunda metáfora relacionada com Einstein:

[...] No campo científico, Einstein, tal como uma grande empresa, deformou todo o espaço em torno de si. Essa metáfora “einsteiniana” a propósito do próprio Einstein significa que não há físico, pequeno ou grande, em Brioude ou em Harvard que (independentemente de qualquer contato direto, de qualquer interação) não tenha sido tocado, perturbado, marginalizado pela invenção de Einstein [...] (BOURDIEU, 2004a, p.23).

O poder incorporado e objetivado por Einstein age sobre a consciência de todos aqueles que, voluntariamente ou não, tenham qualquer tipo de conhecimento sobre ele. O reconhecimento mundial de sua inteligência, invenções e descobertas o legitimam como possuidor das regras deste campo, conseqüentemente, como dominante do campo científico.

Este tipo de dominação simbólica acontece por meio dos pontos fortes adquiridos pelos agentes e legitimado pelos demais, ou seja, ocorre devido ao capital herdado ou adquirido por um agente, que em momentos adequados utiliza-se deste para obter benefícios, mesmo que inconscientemente.

Em resumo, este tópico colabora para a compreensão e delimitação do campo a ser pesquisado, pois aborda questões estruturais, como a hierarquização do espaço social e do campo, questões simbólicas, como a vinculação do agente no

campo por meio de fatores adquiridos, e a questão das classes multidimensionais e a submissão, tanto dos agentes ao campo quanto do campo ao espaço social.

O próximo tópico, sobre a teoria de capitais, abordou os princípios e o desenvolvimento de três capitais essenciais para a teoria de Bourdieu, o capital cultural, social e o econômico, com a intenção de esclarecer a forma com que os agentes adquirem forças e também como é possível identificar as forças no campo pesquisado.

2.1.3 Capitais

Segundo Bourdieu (2011) o mundo social é uma história acumulada de saberes, significados e reconhecimentos, traduzidos para esta teoria como formas de capitais. Desta maneira, o capital, que possui formas e tipos, é um trabalho de acumulação que, quando apropriado em sua forma materializada ou incorporada, por agentes ou grupos de agentes, permite a utilização dos seus benefícios em prol destes (BOURDIEU, 2011).

O fator acumulativo é princípio fundamental de todos os tipos de capitais, porém para o capital cultural esse fator possui uma representatividade maior, pois requer tempo e dedicação. Diferentemente do capital econômico que pode ser transferido de um agente para outro por uma simples transferência de posse, no capital cultural a acumulação requer aprendizado e vivência. Seu trabalho de aquisição, portanto carrega sobre si o peso de uma auto evolução, que torna o tempo um pré-requisito e também uma desvantagem (BOURDIEU, 2011).

A acumulação estabelece, em sua estrutura, a forma de capital incorporado, que se refere a um sentido de assimilação de conhecimento, restrito, individual, inestimável para o agente em seu contexto social. É portanto uma riqueza externa convertida em parte integrante do agente que não pode ser transmitida imediatamente, logo, é um exercício de acumulação (BOURDIEU, 2011).

A outra forma de capital apresentada por Bourdieu é a forma materializada, que se baseia na redução do universo de trocas para trocas mercantis (BOURDIEU, 2011). Porém, neste ponto, Bourdieu esclarece que as trocas econômicas, cujo propósito explícito é a maximização de lucros monetários, só acontecem com um objetivo alicerçado em práticas culturais, sociais, intelectuais, artísticas e etc. Em outras palavras, o instrumento monetário utilizado universalmente

só faz sentido caso esteja baseado em um propósito subjetivo que, pode ou não, estar materializado.

Desta forma, o capital é uma função social, podendo estar voltado para acúmulos culturais, econômicos ou sociais, que ainda é capaz de livrar o sentimento de ignorância e de insignificância pois, proporciona o experimento, a vivência, o reconhecimento, ou seja, um efeito de consagração quando conhecido e reconhecido (BOURDIEU, 2001).

Referente à sua eficácia, os diferentes tipos de capitais, ou seja, os capitais com qualquer propriedade, logo simbólicos, dependem do seu poder sobre o campo. O capital simbólico torna-se eficiente na medida em que sua propriedade se torna “[...] percebida pelos agentes dotados de categorias de percepção e de avaliação que lhe permitem percebê-la, conhece-la, e reconhece-la, [...] como uma verdadeira *força mágica*” (BOURDIEU, 1996, p.170). Além disto, nas palavras de Bourdieu (2004b, p.166) o capital simbólico representa:

[...] um crédito, é o poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condições de impor o reconhecimento; assim o poder de constituição, poder de fazer um novo grupo, através da mobilização, ou de fazer existir por procuração, falando por ele enquanto porta-voz autorizado, só pode ser obtido ao término de um longo processo de institucionalização, ao término do qual é instituído um mandatário que recebe do grupo o poder de fazer o grupo.

Para Bourdieu (2011, 2012, 2013) a medida em que o capital simbólico é reconhecido, em uma relação de desconhecimento ou mais precisamente em uma crença atribuída ao desconhecido, torna-se simbólico, pois, o simbólico requer este efeito mágico, invisível, que só pode ser exercido mediante a cumplicidade daqueles que não sabem que estão sujeitos, ou mesmo que exercem tal poder.

Para aprofundar o tema referente aos capitais, Bourdieu (2011) discorre sobre os três principais tipos de capitais existentes em um mundo social, que são o capital econômico, o cultural e o social. O primeiro é imediatamente e diretamente conversível em dinheiro, e pode ser institucionalizado nas formas de direitos de propriedade; o segundo, o capital cultural é conversível em certas condições em capital econômico e pode ser institucionalizado nas formas de qualificação educacional; e o terceiro, o capital social constitui obrigações sociais (conexões), que são conversíveis em certas condições em capital econômico, e por isso pode ser institucionalizado sob forma de título de nobreza.

Observa-se a partir destas afirmativas que, independentemente do tipo de capital e da forma de acumulação, o fator econômico (objetivo) e o fator incorporado (subjetivo) se fazem presentes em algum momento no decorrer de sua acumulação. Este ponto será aprofundado nos tópicos a seguir, abordando os três principais tipos de capitais trabalhados por esta pesquisa. Primeiramente o capital cultural, logo após o social e em seguida o econômico.

2.1.3.1 Capital cultural

A noção de capital cultural para Bourdieu (2011) surgiu por meio de um de seus trabalhos em que ele pesquisava uma possível relação entre o sucesso acadêmico de crianças com classes sociais diferentes. Crianças que rompiam com o senso comum de que o fracasso ou o sucesso é um efeito natural do ser humano. Bourdieu ainda explica que esta questão, para os economicistas, depende do investimento educacional aplicado no aluno, ou seja, apenas investimentos ou benefícios que podem ser transferidos para valores monetários, como despesas recorrentes aos custos da escola e também as despesas referentes ao tempo de dedicação do aluno aos estudos. Apesar de negligenciarem a estratégia do investimento (educacional e reprodutiva), os economicistas, no olhar de Bourdieu, estão parcialmente corretos quando admitem que para obter um alto rendimento acadêmico, os alunos necessitam de tempo e dedicação. O fator monetário, portanto, pode comprar essas duas necessidades, o que eles (os economicistas) não consideram é que a aptidão ou o dom do indivíduo não são produtos deste investimento estritamente monetário, mas sim de uma “transmissão doméstica do capital cultural” (BOURDIEU, 2007b).

Compreende-se, portanto, que esta transmissão doméstica de capital cultural não faz parte dos estudos baseados em teorias econômicas, pois esta vertente avalia os benefícios do investimento escolar a partir de uma produtividade nacional, ou seja, um olhar funcionalista dos benefícios que a transmissão da cultura traz para a reprodução da estrutura social. (BOURDIEU, 2007b). Isso pode ser melhor compreendido na pesquisa sobre o êxito escolar, realizada por Bourdieu (1992). Ao abordar diferentes classes sociais no campo da linguagem pedagógica, Bourdieu observa, baseado em dados quantitativos, que é preciso levar em consideração a

[...] primeira educação, e a primeira experiência que lhe são solidárias, como um fator capaz de determinar diretamente as práticas, as atitudes e as opiniões em todos os momentos de uma biografia, já que são coerções ligadas à origem de classe só se exercem através dos sistemas particulares de fatos em que se atualizam segundo uma estrutura cada vez diferente (BOURDIEU, 1992, p. 99).

Desta forma, a transmissão do capital cultural depende do capital anteriormente investido pela família, ou seja, a capacidade da família de proporcionar um prolongado tempo de aquisição, tempo em sentido biológico, que permita que o agente tenha tempo livre para dedicar-se, satisfazendo suas necessidades e demandas culturais. Este tempo contribui para a acumulação de capital cultural durante o período de crescimento do indivíduo. O trabalho de aquisição do capital cultural, a partir do agente, é um trabalho de auto aperfeiçoamento, um esforço que pressupõe um custo pessoal, um investimento sobretudo do tempo com toda a privação, renúncia e sacrifício que isso possa implicar, sendo em sua maior parte a ligação dos saberes ao corpo, pressupondo uma incorporação (BOURDIEU, 2007b).

O capital cultural, em sua forma teórica, existe em três tipos, a forma incorporada, a objetivada e a institucionalizada. A forma incorporada, como explicado anteriormente, é aquela que vincula a acumulação de capital mediante o trabalho de inculcação, assimilação de conhecimento e aprendizagem. Custa-se tempo, que deve ser investido pessoalmente pelo agente, não podendo ser transferido instantaneamente, sendo marcado por sua essência como um aprendizado primitivo. Está ligado à pessoa, à sua memória, às suas capacidades biológicas, por isso hereditária. Possui também, um grau de dissimulação, mais alto do que o capital econômico na medida em que exerce o efeito de (des)conhecimento, ou seja, simbólico, como no mercado matrimonial ou no mercado de bens culturais onde o valor econômico muitas vezes não é levado em consideração. (BOURDIEU, 2007b)

A segunda forma de capital cultural apresentada por Bourdieu é a forma objetivada. Esta possui forma material representada por objetos, pinturas, monumentos, escritos e etc., podendo ser transferida imediatamente quando se refere ao estado jurídico do bem. Porém sua posse representa um grau de eufemização mais elevado do que o capital econômico pois existe uma subjetividade objetivada em formas materiais. Desta forma para Bourdieu (2007b, p.77), “[...] os bens culturais podem ser objeto de uma apropriação material, que pressupõe o capital econômico, e de uma apropriação simbólica, que pressupõe o capital cultural”. Isso pode ser exemplificado quando Bourdieu fala sobre a posse de máquinas e o conhecimento

sobre sua utilização, ou seja, para possuir uma máquina o fator econômico basta, porém, para saber utiliza-la é preciso, pessoalmente, incorporar o conhecimento tecnológico ou científico que ela requer (BOURDIEU, 2007b).

A terceira e última forma, institucionalizada, é a objetivação do capital cultural na forma de qualificação acadêmica, de diploma, de uma certidão de competência cultural legalmente garantida. Esta forma detém um poder mágico, que a partir das performances pode produzir e separar o aprovado do reprovado, institui uma essência de competência, garantida e reconhecida por meio de um instrumento que confere ao seu titular o poder de troca-lo no mercado de trabalho por uma objetivação monetária da sua cultura (BOURDIEU, 2007b).

Para Bourdieu (2007b), é sem dúvida na lógica da transmissão doméstica que o capital cultural se faz mais eficaz e poderoso. Porém, “[...] é pelo intermédio do tempo necessário à aquisição que se estabelece a ligação entre o capital econômico e o capital cultural” (BOURDIEU, 2007b, p.76). Deixando claro que a aquisição da herança do agente depende de tempo e dedicação, da incorporação de conhecimento a partir da utilização de capital cultural já conquistado pela família, e do tempo que a família dispõe. Assim, “[...] o capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da pessoa, um habitus” (BOURDIEU, 2007b, p. 74-75).

2.1.3.2 Capital social

Assim como o capital cultural, a noção de capital social para Bourdieu não surgiu de um puro trabalho teórico, mas de uma necessidade de identificar os fundamentos dos efeitos sociais. Mais precisamente, houve uma necessidade de compreender as conexões que permitiam que os agentes se diferenciasssem e ao mesmo tempo obtivessem lucros a partir da sua própria vinculação em determinados grupos. Como por exemplo em um clube seletivo, uma família renomada, uma escola de elite ou uma aristocracia. (BOURDIEU, 2011, p.91).

Segundo Bourdieu (2011) esta vinculação tende a se organizar mediante a lógica do campo, ou seja, segundo o volume de capital adquirido anteriormente pelos agentes, podendo possuir forma monetária, cultural, intelectual, familiar e etc., garantindo o mínimo de homogeneidade entre os participantes do grupo. Para Bourdieu (2007b, p.67)

[...] O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma *rede durável de relações* mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à *vinculação a um grupo*, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis.

Ou seja, uma associação em grupo que possibilita aos seus membros o apoio de uma propriedade coletiva, um tipo de capital, cuja posse precisa ser conhecida por todos os agentes pertencentes ao grupo e reconhecida pelos agentes externos a ele. O capital social é resultado de um conjunto de forças que requer características comuns, que mediante a sua conexão proporcionam trocas simbólicas e materiais (BOURDIEU, 2011).

O volume da propriedade coletiva, ou seja, o volume do capital social que um agente individual dispõe, dependerá, portanto, do tamanho da rede de conexão conquistada pelo grupo. Desta forma, o capital social adquirido pelo agente, sujeita-se a um trabalho coletivo, assim como explicado por Bourdieu (2007b, p.67-68):

[...] Os lucros que o pertencimento a um grupo proporciona estão na base da solidariedade que o torna possível. O que não significa que eles sejam conscientemente perseguidos como tais, mesmo no caso dos grupos que, como os clubes seletos, são expressamente arranjados com vistas a concentrar o capital social e obter assim o pleno benefício do efeito multiplicador implicando na concentração e assegurar os lucros proporcionais pelo pertencimento - lucros materiais como todas as espécies de "serviços" assegurados por relações úteis, e lucros simbólicos tais como aqueles que estão associados à participação num grupo raro e prestigioso.

Visto isto, o grupo pode obter benefícios que sozinho o agente não obteria, e pode assumir lucros, como os materiais e os simbólicos, que possivelmente não assumiria apenas com capitais individuais. Desta forma, esta rede de conexões, segundo Bourdieu (2007b), não é um fator natural e nem social, mas sim uma construção do ato de instituir, ou seja, a criação de um grupo, uma família, um clube com posse de capitais em comum, possuem objetivos em comum, muitas vezes o de beneficiar todos aqueles que fazem parte do grupo.

Referente à sua acumulação, o seu exercício acontece com o esforço de assegurar as relações duráveis e úteis, que requerem tempo e dedicação, logo, outros tipos de capitais. Em outras palavras, as conexões são redes estratégicas que, conscientes ou não, são estabelecidas com um propósito de assegurar relacionamentos que proporcionam algum benefício, mesmo que este benefício não seja convertido em valores econômicos como por exemplo a vizinhança, o trabalho, a

escola, os esportes e os cerimoniais culturais. Estes campos, assegurados pelo capital social, proporcionam ao agente o pertencimento à um grupo no qual pode garantir o ingresso em outros campos. (BOURDIEU, 2007b).

Bourdieu (2011) menciona que este propósito pode ser reconhecido por meio das trocas, que são transformadas em significados, e que quando legitimadas por ambas as partes pressupõem a inclusão ao grupo. Haja vista que a reprodução do capital social necessita de doação pessoal, ou seja, os agentes pertencentes ao grupo precisam, necessariamente, contribuir e “[...] é por isso que a reprodução do capital social é tributária, por um lado, de todas as instituições que visam a favorecer as trocas legítimas e a excluir as trocas ilegítimas” (2007b, p. 68).

Bourdieu reconhece também a aquisição de capital social por meio da herança. Esse tipo de acumulação, ou manutenção, pressupõe um trabalho maior do que a aquisição propriamente dita de um capital social, pois o exercício estará em manter um nome já herdado. A dificuldade está no relacionamento com os desconhecidos que possuem conhecimento sobre o capital social do agente. Nas palavras de Bourdieu (2007b, p.69):

[...] com todos os seus “conhecidos”, que são conhecidos por mais pessoas, do que as que conhecem e que, sendo procurados por seu capital social, e tendo valor porque “conhecidos” estão (cf. “eu o conheci bem”), estão em condições de transformar todas as relações circunstanciais em ligações duráveis.

Portanto, a rede de agentes é o fator principal para a identificação de um capital social. Bourdieu (2007b) explica que enquanto não houver uma institucionalização deste campo social, ou seja, enquanto o poder não estiver na voz de um porta-voz, de sindicatos, partidos, associações, ou em um agente nomeado pelo próprio campo, os agentes deverão contribuir para que se possa participar deste capital coletivo. Contribuir na forma de honra e de crença, pela manutenção do capital social.

Portanto, o principal fundamento deste tipo de capital encontra-se na semelhança entre os agentes, ou seja, a aquisição deste capital possui um propósito, ou mais precisamente, um interesse. Tal conformidade, mesmo que mínima, permite a possível inserção do agente em um grupo social, isso acontece por meio da legitimação dada tanto pelos agentes ingressos ao grupo quanto pelos agentes externos a ele, pois a eficácia deste capital é ao mesmo tempo a obtenção do capital em si, e também a permissão dos agentes externos ao campo, o tornando assim, um capital comunitário, logo um capital social.

2.1.3.3 Capital econômico

Segundo Bourdieu (2011), o capital econômico está na essência de qualquer outro tipo de capital, mais especificadamente, ele está na raiz de seus efeitos em uma forma transformada e disfarçada. O sociólogo explica que, este capital, em alguns casos, possui poder de dar acesso imediato aos bens e serviços, porém, em outros casos, os bens e serviços só podem ser conquistados em virtude da posse de outros tipos de capitais, como o capital social, cultural, político e etc.

Uma vez adquirido, o capital econômico pode ser transformado em outros capitais, isto pressupõe um trabalho, ou seja, uma despesa de tempo, atenção, cuidado e preocupação, que no ponto de vista econômico é traduzido como um desperdício. Nas regras de um campo social, os outros tipos de capitais são equivalentes a um investimento a longo prazo, cujos lucros decorrem em função do tempo, podendo obter benefícios que o próprio capital econômico nunca obteria (BOURDIEU, 2011).

Este exercício, imposto pela economia, mascara o objetivo dos diferentes tipos de capitais, quando estabelece um sentido de auto interesse para práticas econômicas e desinteresse para práticas simbólicas (BOURDIEU, 2011). O que Bourdieu elucida é que a forma material criada pela história do capitalismo é, portanto, o propósito das práticas culturais, artísticas e sociais, transformadas em materiais quantificáveis, que são passíveis de uma mensuração universal da sua eficiência. Para Garcia-Parpet (2013, p.98),

[...] a economia de bens simbólicos repousa no recalçamento ou na censura do interesse econômico. Contrariamente às representações correntes das sociedades pré-capitalistas, essas práticas não cessam de obedecer ao cálculo econômico, ainda que pareçam desinteressadas, porque escapam à lógica do cálculo interessado (no sentido restrito) e se orientam por questões não materiais e dificilmente quantificáveis, tradicionalmente relegadas pelos economistas à irracionalidade do sentimento e da paixão.

Garcia-Parpet (2013) ainda menciona este tema sobre as sociedades tradicionais. A estratégia, nestas sociedades, constitui-se em acumular o capital de honra e de prestígio, que podem ser percebidos em casamentos e confrontos políticos face a face. Desta forma, a diferença destes tipos de economias para a atual está no disfarce de seus interesses em valores monetários, sejam eles em formas de posses

ou em saldo bancário, convertendo o que Garcia-Parpet chamou de “irracionalidade do sentimento e da paixão” em moeda.

Bourdieu (2011) compreende a lógica desta conversão quando considera e substitui duas premissas importantes. A primeira, voltada para o economicismo, que reduz todo o tipo de capital, em última análise, para o capital econômico, ignorando qualquer eficácia simbólica dos outros tipos de capitais; e a segunda premissa voltada para o semiologismo, representado pelo estruturalismo, interacionismo simbólico ou a etnometodologia, que reduz as trocas simbólicas à fenômenos de comunicação, ignorando o fator econômico.

As duas abordagens antagônicas e ao mesmo tempo complementares ao sistema econômico atual, permitem analisar os lucros inconscientes e os lucros da inconsciência. Bourdieu explica que, enquanto alguns acham no economicismo um meio de se isentar, excluindo os lucros específicos que o capital simbólico oferece, outros podem abandonar o terreno detestável do econômico, onde tudo lhes lembra que podem ser avaliados, tornando-se passível de regulação pelas leis específicas que o mercado proporciona e onde o que se tem ou o que se ganha é atribuído ao que se é (BOURDIEU, 2011).

Em uma abordagem empírica, Bourdieu (2005) esclarece esta teoria no contexto literário e artístico. Os dois universos, relativamente autônomos, ou seja, que possuem certa dependência com os campos políticos e econômicos, abrem espaço para uma economia às avessas, baseada na mesma natureza dos bens simbólicos. Esta realidade, com duas vertentes, uma objetivada em capital econômico e a outra subjetivada em capital cultural, apresentam valores simbólicos e valores mercantis, cuja dependência segue a mesma linha do campo, relativamente dependentes um do outro. Nas palavras de Bourdieu (2005, p.163)

[...] Em um pólo, a economia anti-"econômica" da arte pura que, baseada no reconhecimento indispensável dos valores de desinteresse e na denegação da "economia" (do "comercial") e do lucro "econômico" (a curto prazo), privilegia a produção e suas exigências específicas, oriundas de uma história autônoma; essa produção que não pode reconhecer outra demanda que não a que ela própria pode produzir, mas apenas a longo prazo, está orientada para a acumulação de capital simbólico, como capital "econômico" denegado, reconhecido, portanto legítimo, verdadeiro crédito, capaz de assegurar, sob certas condições e a longo prazo, lucros "econômicos".

Estes lucros provenientes da lógica econômica que transformam os campos da literatura e da arte em indústrias para o comércio de bens culturais, estão interessados na difusão dos bens, no sucesso imediato e temporário, que se ajustam

à demanda da clientela. Porém, os lucros destes tipos de abordagem são estritamente monetários, que geram a privação dos lucros simbólicos ao declarar completamente seu interesse (BOURDIEU, 2005).

Para Bourdieu (2005) esta característica polarizada do capital econômico pode ser vista também no ciclo de duração do produto. De um lado tem-se empreendimentos com ciclos curtos de produção, que visam minimizar riscos, e que são dotados de possíveis comercializações destinadas a assegurar um lucro e uma circulação rápida do produto. E do outro lado, produções com ciclos longos, fundamentadas na aceitação de riscos, que não possuem mercado no presente, que estão baseadas na construção de um estoque cultural.

Entende-se que o capital econômico é uma consequência das produções subjetivas dos agentes, e também do contexto histórico capitalista, que impõe o tipo de troca mercantil à sociedade, ou seja, uma imersão da prática humana representada por valores monetários. Porém, as trocas e produções simbólicas vinculadas ao acúmulo de capitais carregam em si uma subjetividade que as vezes não podem ser representadas por valores monetários, mas sim por outros tipos de capitais. Mais especificadamente nas palavras de Bourdieu (2001, p.293) “[...] a caça, conta tanto, se não mais, do que a presa, e existe uma felicidade da ação que supera os ganhos patentes”, tornando assim, o capital econômico um símbolo de outros tipos de capitais.

Desta forma, a teoria de capitais de Bourdieu colabora para a compreensão dos fenômenos sociais ocorridos dentro de um campo organizacional internacionalizado, a medida em que esclarece quais as competências que permitem a tomada de decisão dos agentes e também que possibilitam a dominação deste campo, haja vista que o capital é um fator essencial para esta prática simbólica.

Em sequência, será abordado o conceito de *habitus* para a teoria de Bourdieu com o objetivo de apresentar uma teoria da ação, que abrange tanto o olhar subjetivo quanto o objetivo de acordo com a posse de capitais e também dependente das regras de um campo.

2.1.4 *Habitus*

A noção de *habitus* encontra-se nas raízes aristotélicas de *hexis*, que significa “[...] estado adquirido e firmemente estabelecido do caráter moral que orienta

os nossos sentimentos e desejos numa situação e, como tal, a nossa conduta” (WACQUANT, 2007, p.65). A noção deste conceito utilizado por Bourdieu é originária da filosofia antiga, foi utilizada por diversos sociólogos ao longo do tempo, como: Tomás de Aquino (1485), que adiciona o sentido de capacidade de crescimento a partir de disposições adquiridas; Thorstein Veblen (1899); Émile Durkheim (1904), Max Weber (1918); e Marcel Mauss (1934), por exemplo. Porém, é nas obras de Edmund Husserl (1947, 1973) que o conceito de *habitus* é incorporado na fenomenologia, e nas obras de Maurice Merleau-Ponty (1945), que o conceito é tratado como um “[...] impulsor silencioso do comportamento social” (WACQUANT, 2007, p. 65).

Bourdieu retrabalha a noção de *habitus* a partir de 1960, quando lança um novo olhar para a noção antiga de *hexis* e forja uma teoria disposicional da ação. Segundo Wacquant (2007, p.64) tal teoria é capaz de:

[...] reintroduzir na antropologia estruturalista a capacidade inventiva dos agentes, sem com isso retroceder ao intelectualismo cartesiano que envia as abordagens subjetivas da conduta social, do behaviorismo ao interacionismo simbólico passando pela teoria da ação racional.

Bourdieu (2012, 2009), deseja colocar em evidência as capacidades criadoras, dinâmicas, e inventivas do *habitus*, mas não quer enfatizar a ideia de que este poder é constituído de um espírito universal, de uma natureza ou da razão humana. Ou seja, ele vai contra o materialismo positivista, que acredita que os objetos de conhecimentos são construídos e não registrados, e também vai contra o idealismo intelectualista, que afirma que a construção de mundo acontece mediante as disposições estruturadas e estruturantes constituídas na prática e para a prática.

Essas duas abordagens, relativamente externas ao agente, propõem uma perspectiva de dominação, que impõe uma redução dos objetos de conhecimento a apenas registros, sem considerar a história do agente. Porém a teoria de Bourdieu apresenta uma “atividade real como tal” (BOURDIEU, 2009, p. 86), isso significa que:

[...] na relação prática com o mundo, essa presença *pré-ocupada* e ativa no mundo pela qual o mundo impõe sua presença, com suas urgências, suas coisas por fazer ou por dizer, suas coisas feitas para serem ditas, que comandam diretamente os gestos ou as palavras sem jamais se revelar como um espetáculo. (BOURDIEU, 2009, p. 86)

Trata-se de uma teoria da prática, que como evocado por Bourdieu (2009), escapa do realismo estrutural que se torna necessário para a socialização inicial de um agente, e também foge de um subjetivismo que não consegue dar conta de um mundo prático. As duas abordagens abrem espaço e ao mesmo tempo se

completam, a medida em que Bourdieu apresenta uma sociologia dialética, onde há uma necessidade de se entender o *opus operatum* e o *modus operandi*, pois compreende que as incorporações são traduzidas e percebidas a partir das subjetivações objetivadas.

Bourdieu (2012) entende que o *habitus* é um conhecimento adquirido, um haver, um capital, uma disposição incorporada de um agente em ação, mas assume também que em suas primeiras colocações o *habitus* pode ser apresentado um estado implícito e teórico, porém, adverte que o conceito consiste em uma estratégia empírica quando se refere à um caráter científico. Nos termos de Bourdieu (2009, p.87), o *habitus* consiste em:

[...] sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins [...] objetivamente “reguladas” e “regulares” sem em nada ser produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestrada sem ser o produto da ação organizadora de um maestro.

Esta noção arbitrária que rompe com o senso comum entre sociedade e indivíduo, entende “[...] a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade” (WACQUANT, 2007, p.66). Ou seja, o modo como a sociedade é construída é resultado de condições objetivas vividas. Estas condições são para a teoria de Bourdieu disposições duráveis transponíveis, significando percepções, sentidos incorporados, que são na maior parte inconscientes e invisíveis.

Além de toda a significação, o *habitus* dispõe de uma resistência à mudança pois possui um alto grau de legitimação dado pelo agente nas experiências primárias (*habitus* primário), mas que a partir da socialização do agente (*habitus* secundário), outras experiências são sobrepostas, causando um efeito de acumulação, de renovação e de possível mudança (BOURDIEU, 2009).

É por esta questão que as condutas geradas pelo *habitus* não possuem a mesma previsibilidade do que em um contexto legislativo, por exemplo. O *habitus* “[...] está intimamente ligado ao fluido e ao vago. É uma espontaneidade geradora que se afirma no confronto improvisado com situações constantemente renovadas” (BOURDIEU, 2004a, p. 98). O *habitus* depende de cada contexto vivido pelo agente, que obedece a uma lógica da prática, adquirida previamente mediante as estruturas estruturadas, que se modificam e se adaptam às experiências do agente, das quais, em sua totalidade, guiam suas escolhas, gostos e preferências.

Para Bourdieu (2009), é ilusão pensar que uma retrospectiva científica revelará todos os traços de uma vida, como é tentado em biografias. Da mesma maneira, a verdade de um estilo musical, artístico ou o próprio gosto, se define e redefine consecutivamente em uma relação entre interações de objetivação e entre interações já objetivadas. Sendo assim, a acumulação de preferências decorre do contato com o mundo social, contato este que acontece a partir de interioridades já exteriorizadas anteriormente, logo, o gosto do agente tenderá ao campo em que ele pertence pela homogeneidade que liga o agente ao campo.

Apesar da imprecisão que as condutas do *habitus* proporcionam, Bourdieu (2004a, 2009) menciona que um agente, em seu momento constituído, pode possuir uma maneira regular de agir, pois o *habitus* corresponde a criação do campo, e o mundo prático é “[...] um mundo de fins já realizados, modos de emprego ou movimentos a seguir, e objetos dotados de um caráter teleológico permanente” (BOURDIEU, 2009, p.88). As condutas são condições traduzidas como naturais, e até mesmo necessárias, pois ocupam o espaço no princípio dos esquemas de percepção.

Sobre este ponto, Bourdieu (2009) ainda menciona que, o ajuste consciente dos agentes para uma trajetória segura é, na verdade, uma maneira que o agente regula seu jogo em função de informações perfeitas já adquiridas. Informações estas que são experiências já vividas, seja por ele mesmo ou pela família, que possibilitam uma estratégia para acumulação de conhecimentos sem levar o tempo normalmente gasto. Ou melhor, uma estratégia que proporciona ganho rápido e sem muito esforço. Nas palavras de Bourdieu (2009, p.90)

[...] o *habitus* produz as práticas, individuais e coletivas, portanto, da história, conforme os esquemas engendrados pela história; ele garante a presença ativa das experiências passadas que, depositadas em cada organismo sob a forma de esquemas de percepção, de pensamento e de ação, tendem, de forma mais segura que todas as regras formais e que todas as normas explícitas, a garantir a conformidade das práticas e a sua constância ao longo do tempo.

Desta maneira, segundo Bourdieu (2009) o *habitus* é um passado praticado no presente, que possui uma tendência de se perpetuar no futuro com todas as contribuições externas adquiridas pelo agente, este que é produto e produtor da própria história. É como uma lei interior, que a partir de suas experiências, individuais ou coletivas, produz uma ordem social que reina no cérebro, possuindo uma tendência em preservar uma fidelidade em um nível mais profundo do que tradições familiares.

O *habitus* significa o pensar no futuro com uma imagem do passado uma espécie de “[...] sentido do jogo que não tem a necessidade de raciocinar para se orientar e se situar de maneira racional num espaço” (BOURDIEU, 2012, p.62). Ou seja, uma crença naquilo que já foi experimentado, vivido e incorporado. É um capital adquirido, que se diferencia do campo mas que é o próprio criador do campo, logo escapa da dominação simbólica e se transforma na diferenciação do agente ao campo.

No próximo tópico será abordado o poder simbólico como forma de modificação da lei interior que rege a conduta de um agente. As significações trabalhadas no tópico seguinte perpassam pelo conceito de campo, capital e também do próprio *habitus*, como forma de demonstrar a importância, e também a força que as estruturas e as subjetivações possuem em um contexto social.

2.1.5 Poder Simbólico

Este tópico esclarece os fundamentos que compõem toda a sociologia bourdieusiana. Trata-se de uma abordagem sobre o poder simbólico, implícito em cada conceito trabalhado até o momento, representando principalmente o poder de fazer grupos, classes, campos ou sub-campos.

Para Bourdieu (2012), o poder simbólico representa um poder de constituição, uma forma de se fazer crer e de se fazer ver. Esta força que não se vê mas que se sente, possui o poder de confirmar ou de transformar a visão de mundo, logo transformar as práticas que acontecem no interior do campo. Este poder permite obter aquilo que só poderia ser obtido a partir da força física ou econômica, caracterizando uma força mágica que possui poder quando reconhecida, e ignorada como arbitrária.

A mobilização desta força a partir dos capitais, permite que se constitua ou se consagre campos, isso acontece tanto no sentido filosófico quanto no político. Porém esta tarefa, além de capitais, necessita de forças e estratégias para modificar ou assegurar princípios objetivos de mundo e classificações atuais de indivíduos ou grupos, seja em matéria de sexo, nação, estatuto social, entre outros. O poder simbólico nesta constituição que transpassa a palavra de ordem, assume uma força que se utiliza de artifícios ocultos, que designam estruturas distintivas para diferentes tipos de campo (BOURDIEU, 2004a, p.166). Para compreender a

representatividade do conceito de poder simbólico, Bourdieu parte de duas condições performativas:

[...] Para mudar o mundo, é preciso mudar as maneiras de fazer o mundo, isto é, a visão de mundo e as operações práticas pelas quais os grupos são produzidos e reproduzidos. O poder simbólico [...] está baseado em duas condições. Primeiramente, como toda forma de discurso performativo, o poder simbólico deve estar fundado na posse de capital simbólico [...]. Em segundo lugar, a eficácia simbólica depende do grau em que a visão proposta está alicerçada na realidade. (BOURDIEU, 2004a, p. 166)

Decorrente disto, o discurso performativo carrega consigo uma carga de significados ocultos que muitas vezes não são reconhecidas a olho nu, “[...] é como se os fenômenos sociais que o texto expressa tivesse sido produzido para ser decifrado pelo cientista” (ARAÚJO, 2004, p.168). Logo, o simbólico carrega o efeito da magia em forma de dominação e compreende que quando legitimado possui artifícios suficientes para dominar o campo e se tornar significativo ao espaço social.

Araújo (2004) compreende que o poder simbólico remete à compreensão de algo mais no ato de falar, substituindo o ponto de vista da língua pelo da fala. Esta interpretação correlaciona-se com a posse de capitais, na medida em que aborda o assunto e não o meio de transferência. O poder simbólico, neste caso, encontra-se na competência da fala, que na maioria das vezes é entendida como uma simples reprodução de uma objetivação concreta, imóvel e estabelecida, mas que na verdade é mutável, e fundada por uma história particular, uma região, que significa e ressignifica o discurso.

Esta competência simbólica no ato de falar, percorrida por Bourdieu (2004a), possui uma autoridade adquirida em outras lutas, ou melhor, em outros discursos, práticas e ações dos agentes, que são baseados em histórias vividas, histórias estas que proporcionaram experiências viabilizadoras da acumulação de capacidades simbólicas, traduzidas no acúmulo de capital econômico, social ou cultural.

Esta condição é também exemplificada no campo político, quando Bourdieu (2012, p.187-188) menciona que o capital político é em sua forma um capital simbólico, firmado na crença e no reconhecimento, “[...] ou mais precisamente nas inúmeras operações de crédito pelas quais os agentes conferem a uma pessoa – ou a um objeto – os próprios poderes que eles reconhecem”. Esta força objetiva objetivada em símbolos de poder (trono, bandeira, coroas e etc.), são subjetividades de reconhecimento, que por meio do voto, como em uma sociedade democrática,

elegem um mandatário, transformando a concessão da crença em uma espécie de obediência e confiança aos chamados profissionais da política.

Isso acontece da mesma forma em um campo artístico, quando Bourdieu (2012, p.287) questiona sobre a legitimidade das obras de arte “[...] o que é que faz com que a obra de arte seja uma obra de arte e não uma coisa do mundo ou um simples utensílio?”. A resposta para tal pergunta está fundamentada nas estruturas que regem a ordem social, assim como no campo político, o campo artístico está respaldado na verdade do mundo social, na legitimação que a estrutura do campo impõe. E da mesma forma, como os outros tipos de campos se constroem de longos e lentos processos de aprendizagem, o campo artístico é uma subjetividade percebida e transformada em produto da prática.

Tais características, atribuídas ao campo político e também ao campo artístico, podem ser transferidas para o mundo social, ou melhor, para o cotidiano. Este momento é compreendido quando diversas relações entre os agentes que proporcionam o efeito de dominação:

[...] a dominação já não tem a necessidade de ser exercida de maneira direta e pessoal quando está implícita na posse dos meios (capital econômico e cultural) de se apropriar dos mecanismos do campo de produção econômica e do campo de produção cultural que tendem a assegurar sua própria reprodução. (BOURDIEU, 2015, p. 193)

O reconhecimento atribuído a um agente, seja por meio do voto, ou até mesmo pelo respeito e admiração, é uma forma implícita da legitimação da posse de certos capitais. Portanto, o poder simbólico é caracterizado como:

[...] um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce, um crédito com que ele o credita, uma *fides*, uma *auctoritas*, que ele lhe confia pondo nele a sua confiança. É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe. [...] quer dizer, a potência mágica, num ser de que se espera proteção, por conseguinte, crer nele. (BOURDIEU, 2012, p.188)

A força do agente vem desta aposta pela própria força, pela representação que ele proporciona ao grupo, pela condição de espalhar seus lucros aos que o apoiam, um poder mágico sobre o grupo, que é encontrado na fé da representação, daqueles que o apoiam e “[...] põem nele todas as esperanças.” (BOURDIEU, 2012, p.188).

Esta fé existe pois as características do poder simbólico seguem as regras do campo, a representatividade dada ao agente fundamenta-se em uma homogeneidade de interesses, mesmo que minimamente, e são justificadas por uma proposta da realidade. Proposta esta que baseia-se em interesse do agente

dominante, em seu *habitus*, na crença naquilo que se faz, e apresenta aos dominados uma representação subjetiva objetivada nas práticas do campo.

Assim como na sociologia de Bourdieu onde observa-se uma “[...] alquimia simbólica” (WACQUANT, 2013, p.87), o poder simbólico baseia-se em constructos subjetivos e objetivos, alicerçado nas afinidades entre as pessoas, conjugando o fator homogêneo que cada grupo possui, proporcionando ao grupo mais chances de sucesso pois estará baseado na própria realidade social de cada região (BOURDIEU, 2004a).

Para Wacquant (2013) a eficácia do poder simbólico consiste basicamente nas relações, que são laços materiais e simbólicos, assim como a relação entre texto e contexto, onde o primeiro representa o significado das práticas e o segundo as estruturas que tonam possíveis a objetivação dos significados atribuídos a algo. Para compreender tais relações é necessário duas formas de pensamento: a primeira chamada de reificada, que são conjuntos de posições objetivas ocupadas pelos agentes, como por exemplo campos e instituições, podendo assumir formas físicas, como livros, monumentos, arquitetura, instrumentos e etc.; e a segunda, que é aquela depositada dentro de corpos individuais, na forma de esquemas mentais de percepção e apreciação. São disposições adquiridas, experimentadas internamente, chamada por Bourdieu (2012) de história incorporada.

As duas compreensões sobre a história reificada e incorporada são para esta teoria, acumulação de saberes, sejam eles em coisas ou nas mentes, que não são forjadas independentemente, ou seja, uma história é produto da outra. São como um processo de envelhecimento, que consiste em tornar o possível em provável, fruto da vivência de um ser social, formado por conjuntos de conquistas históricas, que carregam condições de estruturar os sistemas simbólicos (BOURDIEU, 2012).

Os sistemas simbólicos, por sua vez, são instrumentos de conhecimento e de comunicação, estruturas que só podem exercer poder quando estruturadas. Ou seja, a arte, a religião ou a própria língua, enquanto estruturas estruturantes, exercem poder quando se tornam inteligíveis e compreensíveis (estruturas estruturadas). Para Bourdieu (2012, p.8) “[...] a objetividade do sentido do mundo define-se pela concordância das subjetividades estruturantes (senso = consenso)”. Logo, tais sistemas tornam possível a compreensão entre os grupos,

classes ou campos, acarretando em um poder de reprodução da ordem social no sentido lógico e moral.

As produções simbólicas, representam em sua forma e significado o próprio interesse da classe dominante cujo produto são ideologias materializadas, que servem para satisfazer os interesses particulares, os *habitus*, porém são apresentadas como fontes de interesses universais, assegurando a comunicação entre os seus membros e ao mesmo tempo distinguindo-os de outras classes. Um efeito como este, instrumental do poder simbólico, é uma cultura que une e que também separa, um instrumento de comunicação e também de distinção “[...] e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante” (BOURDIEU, 2012, p.10-11).

O poder simbólico, assim como todos os outros conceitos abordados até aqui, consiste em estratégias de jogo por um monopólio da legitimação a partir do interesse individual, do *habitus*. Os recursos utilizados podem ser conduzidos em conflitos simbólicos da vida cotidiana, ou por especialistas de produções simbólicas. Em outras palavras, o jogo consiste em lutas de agentes providos desigualmente por capitais, impondo, ou mesmo inculcando, expressões, significados e ideologias de uma realidade social auto verificável compreendida na relação entre agentes no campo (BOURDIEU, 2012). Para Wacquant (2005, p.158)

[...] Uma vez que se admita que “nenhuma dominação pode se manter sem que se faça reconhecida pelo mascaramento do arbitrário que existe na sua base”, toda a *oeuvre* de Bourdieu pode ser lida como uma busca da explicação da especificidade e da potência do *poder simbólico*, ou seja, a capacidade que têm os sistemas de significação de ocultar, e portanto fortalecer, as relações de opressão e de exploração, escondendo-as sob o manto da natureza, da benevolência, da meritocracia.

Desta forma, é na sociologia de Bourdieu que se encontra a vontade oculta da natureza das coisas, uma dissimulação da imposição de conhecimentos e de construções de mundo, uma subjetivação das intenções individuais, uma magia que equivale à força física e que só é eficiente a medida em que é reconhecida por aqueles que estão sujeitos ao efeito de dominação, é uma crença pelas palavras de quem as pronunciam, uma dominação simbólica carregada de ordens e imposições estruturada nas relações entre os agentes (BOURDIEU, 2012). O próximo capítulo teórico foi elaborado para responder aos questionamentos sobre sustentabilidade, e auxiliar a interpretação do campo que discute a sustentabilidade.

2.2 SUSTENTABILIDADE E ORGANIZAÇÕES: EM BUSCA DE UMA BASE DISCURSIVA

O segundo capítulo do referencial teórico tem o objetivo de abordar a sustentabilidade como discurso. Os conceitos e exemplos são frutos de uma busca na literatura nacional e internacional sobre discussões a respeito da sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável em organizações. A apresentação do capítulo se inicia a partir de uma breve compreensão sobre a sustentabilidade e sobre o desenvolvimento sustentável. Posterior a isso, selecionou-se uma classificação conceitual destes termos nos debates organizacionais, a qual foi estabelecida como base discursiva para a presente pesquisa.

2.2.1 Sustentabilidade e Desenvolvimento Sustentável: Um Breve Histórico

As discussões sobre sustentabilidade e desenvolvimento sustentável, neste tópico, possuem caráter esclarecedor e de posicionamento histórico do tema enquanto conceito promovido e difundido nas organizações.

O termo sustentabilidade nasce em torno de preocupações socioambientais promovidas pelo crescimento econômico. O resultado desfavorável, advindo principalmente de atividades organizacionais, está relacionado aos diversos tipos de patologias sociais e ambientais. Este cenário concede às organizações a possibilidade de se tornarem atores contributivos para a sustentabilidade (MUNCK; BORIM-DE-SOUZA, 2009).

Segundo Mebratu (1998), o mundo sempre carregou a degradação ambiental como fator preocupante, mas nas últimas décadas a industrialização e a globalização, refletidos na economia mundial, apresentam mudanças significativas de transformação do planeta e do meio social em que as pessoas vivem. O desenvolvimento, que um dia apresentou abundância aos países desenvolvidos, hoje carrega o peso da degradação ambiental aos países em desenvolvimento.

Para Mebratu (1998), o histórico do termo desenvolvimento sustentável possui três grandes marcos. O primeiro está relacionado ao período Pré-Estocolmo, que confere ao período anterior a Conferência de Estocolmo em 1972. O segundo é apresentado pelo período que vai de Estocolmo em 1972 até Comissão de Brundtland em 1987. E o terceiro período, que é analisado após a Comissão de Brundtland, que vai de 1987 até 1997.

O primeiro período é apresentado pelo início das discussões sobre o desenvolvimento sustentável e a sustentabilidade que ocorreram séculos atrás. É definido como momento marcado por crenças religiosas, tradições rígidas e política econômica voltada para organizações em escala (BORIM-DE-SOUZA *et al.*, 2015; MEBRATU, 1998). A fase inicial do desenvolvimento sustentável, portanto, foi categorizada por uma política econômica libertária, que se distinguia de um socialismo ortodoxo e do capitalismo, denominado por Mebratu (1998) como período “Pré-Estocolmo”.

Em 1972, em Estocolmo, aconteceu a *United Nations Conference on Humam and Envioronment* (UNCHE). Este período apresentou uma legitimação da política mundial sobre a questão ambiental, dentro da qual foi introduzido o conhecimento das necessidades de países pobres. Tal avanço repercutiu na percepção da importância da gestão ambiental para o desenvolvimento econômico (BORIM-DE-SOUZA *et al.*, 2015).

No mesmo período, um grupo de cientistas chamado de “Clube de Roma” produziu um relatório que informou que a sociedade industrial excederia seus limites ecológicos em algumas décadas. A disseminação do termo desenvolvimento sustentável ocorreu por meio da *Internacional Union for the Conservation of Nature* (IUCN) que, em 1980, lançou um documento que guiava o desenvolvimento sustentável pela ótica da preservação. Sete anos após este marco histórico, o termo “desenvolvimento sustentável” foi mais difundido pela Comissão de Brundtland. No evento, em 1987, o relatório intitulado *Our Common Future* foi publicado com as principais preocupações que o desenvolvimento sustentável poderia alcançar, abordando o presente e o futuro, e o planejamento sobre as necessidades (BORIM-DE-SOUZA *et al.*, 2015; WCED, 1987).

Posterior a isso, aconteceu a *Rio Conference* em 1992 no Rio de Janeiro. Nesta conferência os líderes de cada país ficaram responsáveis por produzir planejamentos e promover o desenvolvimento sustentável em seus respectivos países. Esta fase, pós WCED, ficou marcada por um cenário pluralista, que assumiu acontecimentos sociais, econômicos e ambientais. O que repercutiu em uma internacionalização do termo desenvolvimento sustentável (BORIM-DE-SOUZA *et al.*, 2015; GLADWIN, KENNELLY, KRAUSE, 1995).

A sustentabilidade, por sua vez, foi compreendida como uma mera expressão inserida em um processo inconsciente de homogeneização global. Sua

história teve início por meados dos anos 80 e 90 devido às conferências ambientais mundiais. O termo foi inicialmente relacionado com preservações de espécies, de recursos naturais, do clima e de discussões que permeavam a esfera ecológica de forma geral (LÉLÉ, 1991; BUTTEL, 1998; BORIM-DE-SOUZA *et al.* 2015).

Segundo Munck e Borim-de-Souza (2009), o conceito originou-se de uma noção utilizada pelo domínio agrobiológico, a partir do qual é definido como a capacidade de um sistema manter-se em funcionamento em situações adversas (JIMÉNEZ-HERRERO, 2000). Para Borim-de-Souza *et al.* (2015), o desenvolvimento histórico do termo sustentabilidade foi iniciado com a inclusão de aspectos naturais, ecológicos e preservacionistas, e posteriormente vinculado aos debates econômicos, culturais e sociais. A sustentabilidade carrega em seu arcabouço uma abrangência internacional de práticas, culturas e políticas que a tornou relevante para políticas em organizações, principalmente aquelas internacionalizadas. Desta forma, o termo sustentabilidade possui uma capacidade multidisciplinar, o que permite sua inclusão em diversas áreas de conhecimento.

Tais discussões, consideradas muitas vezes como desenvolvimento teórico, apontam para uma busca por coerência na relação entre o homem e a natureza, ou mesmo entre o homem e a utilização dos recursos naturais que dão vida às gerações atuais e futuras. Nesta busca incessante, Munck e Borim-de-Souza (2009, p.193) apontam que:

[...] Percebe-se que a disseminada similaridade entre sustentabilidade e desenvolvimento sustentável não se confirma pela disparidade de suas fundamentações conceituais. Mediante esse reconhecimento, os conceitos diferem. Enquanto a sustentabilidade refere-se à capacidade de manter algo em um estado contínuo, o desenvolvimento sustentável envolve processos interativos que buscam manter o balanço dinâmico de um sistema complexo a longo prazo.

Segundo Jiménez-Herrero (2000) a sustentabilidade é considerada tema central do desenvolvimento sustentável, pois há um progresso contínuo do contexto social em que as pessoas vivem, conseqüentemente, a sustentabilidade torna-se objetivo de um processo conduzido pelo desenvolvimento sustentável. É possível verificar, a partir do desenvolvimento histórico do desenvolvimento sustentável e da sustentabilidade, que a compreensão dos conceitos representa a intenção das organizações de cada época. O conceito começou a ser discutido em um momento em que as organizações industriais estavam se transformando em organizações de grande escala, logo, o desenvolvimento vem sendo pautado em

estratégias e preocupações organizacionais relacionadas à escassez de recursos naturais. Desta forma, as organizações possuem um papel fundamental para a manutenção da vida humana, uma vez que políticas e diretrizes são pautadas nas necessidades organizacionais, que correspondem diretamente com as necessidades sociais (MUNCK; BORIM-DE-SOUZA, 2009).

Assim, faz-se necessário estabelecer uma coerência entre os termos sustentabilidade e desenvolvimento sustentável, uma vez são norteadores das ações em organizações que se interessam pelos temas, sejam ações vinculadas aos seus respectivos objetivos ou aos processos. Para Munck e Borim-de-Souza (2009), a conformidade entre os termos cessa as generalizações e ambiguidades advindas da má compreensão dos objetivos propostos pelos órgãos responsáveis pela inclusão da sustentabilidade no mundo. O que pode proporcionar ações em conjunto com um único objetivo.

É na busca da compreensão deste campo discursivo que esta pesquisa se interessa. Interpretando as narrativas das duas organizações, por meio de análise de documentos e entrevista, buscou-se compreender, por meio da tríade de Bourdieu, como o campo que narra a sustentabilidade se configura.

2.2.2 Narrativas Sobre a Sustentabilidade: Uma análise Construcionista

Segundo Cunha (1997) as narrativas são importantes estratégias formadoras de consciência que permitem uma perspectiva emancipatória, pois provocam mudanças na forma como as pessoas compreendem os outros e a si próprias. Segundo a autora, as narrativas apresentam a constituição da realidade pelo sujeito, e como tal, estão carregadas de significados e reinterpretações, “[...] o fato da pessoa destacar situações, suprimir episódios, reforçar influências, negar etapas, lembrar e esquecer, tem muito significados e estas aparentes contradições podem ser exploradas [...] (1997, p.1).

Para Gubrium e Holstein (1998) as narrativas são caracterizadas como atividades e recursos de contar histórias. Atividades pela espontaneidade da performatividade de contar histórias e recursos por toda e qualquer experiência que possa ser incorporada de forma responsável às histórias pessoais, bem como as formações discursivas disponíveis no local. Os auspícios narrativos são os mandatos e restrições discursivas que caracterizam um determinado ambiente, grupo,

organização ou instituição, que, seja “próximo à experiência” ou “distante da experiência”, também medeiam e condicionam a narrativa.

Desta forma, Gubrium e Holstein (1998) consideram a coerência entre histórias pessoais em questões centralizadas, e a incoerência de uma construção de um discurso ativamente construtivo e socialmente restrito, corroborando para a teoria desta pesquisa que busca por meio da sociologia Bourdieusiana a configuração do campo, por meio dos discursos. Tal teoria concorda que as diferentes visões e representações objetivadas, a partir das narrativas, identificam o local de fala do agente, logo, compreendem o significado adotado pelo agente pesquisado (BOURDIEU, 2015). Costa-Lima (2003, p.100) argumenta que

[...] os discursos são entendidos como práticas geradoras de significados que se apoiam em regras históricas para estabelecer o que pode ser dito, num certo campo discursivo e num dado contexto histórico. Essa prática discursiva possível resulta de um complexo de relações com outras práticas discursivas e sociais. O discurso, portanto, relaciona-se, simultaneamente, com suas regras de formação, com outros discursos e com as instituições sociais e o poder que elas expressam.

Tal abordagem auxilia no processo de redução da incoerência discursiva sobre a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável visto ao longo dos séculos. A ambiguidade entre os termos, e a inconformidade discursiva dos órgãos responsáveis pela sustentabilidade vem apresentando desvios de práticas que não corroboram para a aplicação da sustentabilidade em ambiente global.

Logo, a compreensão dos discursos apresentados por meio das narrativas, sejam elas faladas ou escritas, podem corroborar para a caracterização ou mesmo a apresentação de pontos incoerentes dentro de uma organização. Para tanto, esta pesquisa se utiliza da abordagem de análise de narrativas construcionista, que é apresentada como uma ciência com o objetivo de demonstrar acontecimentos considerados naturais, que na verdade são construções sociais, carregados de significados e histórias passadas enraizadas nos corpos.

Segundo Gubrium e Holstein (1998), a pesquisa construcionista é tipicamente lida como o funcionamento prático do que é construído e como o processo de construção se desdobra. O construcionismo é estreitamente partidário ou analiticamente comprometido quando se torna um empreendimento que invariavelmente compara ou desafia as construções da vida cotidiana pelas quais as pessoas vivem.

A maioria das investigações construcionistas aborda a questão de como a realidade social é montada. Mas o que se deve perguntar em relação a pesquisa, é quais são os elementos e a organização da realidade construída. Esta preocupação está baseada em constructos subjetivos e filosóficos sobre como acontece a construção da vida e do mundo social. Perguntas como: Qual é a natureza de nós mesmos e do que nos rodeia? Como esses assuntos operam no tempo e no espaço? O que pode ser conhecido sobre eles? Como isso deve ser representado e comunicado? Cada uma dessas questões filosóficas possui orientações construcionista, e corroboram para a compreensão do agente em seu "habitat"? (GUBRIUM; HOLSTEIN, 1998).

Embora a abordagem construcionista seja de difícil definição metodológica, pois carrega consigo uma abordagem subjetiva, tanto do pesquisado, quanto do pesquisador, esta abordagem inicia-se por uma base fundamentada principalmente pelo trabalho de Berger e Luckmann (1966). Este projeto de uma sociologia construcionista aborda o significado como a questão fundamental e apresenta uma vida cotidiana como ponto principal para suas observações (HARRIS, 2008).

A proposição do domínio fundamental da sociologia é que, alguma combinação de causas sociais está relacionada a alguma outra combinação de causas sociais. Isso pode ser percebido em qualquer variável, fator, elemento ou "realidade social construída": os pais influenciam seus filhos por meio da comunicação; as escolas do centro da cidade prejudicam os estudantes do centro da cidade; o desemprego sobe quando a economia encolhe; identidades pessoais são expressas por meio de narrativas; o divórcio tende a ter uma série de efeitos negativos sobre os filhos de pais divorciados; e as tecnologias de mídia eletrônica e visual tendem a dar uma vantagem à classe capitalista. Todos sabem que tais fatores foram historicamente criados e que eles sofrem mudanças de maneiras diferentes e em ritmos diferentes, e que até mesmo alguns deles (por exemplo, televisão, capitalismo, escolas) não existiam em algum tempo (HARRIS, 2008).

Dito isto, a análise construcionista possui relevância para esta pesquisa pois, a pesquisa tem preocupação com o contexto social do agente, bem como o contexto social da organização como um todo, e considera que a sustentabilidade é uma construção social, cultural, ideológica, e mutável no decorrer do tempo.

Desta forma, a pesquisa considera as categorias de análises sobre sustentabilidade trabalhadas por Balbinot e Borim-de-Souza (2012) como verdades teóricas e apresenta uma revisão empírica sobre os discursos nas organizações sobre sustentabilidade com o objetivo de demonstrar como o campo que discute sustentabilidade se apresenta. Tal escolha, tanto das categorias de análises para a sustentabilidade, quanto da tríade de Bourdieu, carrega em sua base os fundamentos da ciência escolhida para compor o corpo da metodologia. Assim como as narrativas apresentadas possuem significados, a escolha das teorias apresenta uma violência ao apresentar somente aquilo que foi de escolha da autora. Para tanto, o próximo tópico aborda a revisão empírica dos discursos sobre sustentabilidade, e logo após são apresentadas as categorias utilizadas para a classificação da sustentabilidade.

2.2.2.1 Discursos sobre sustentabilidade: uma revisão empírica

Segundo Painter-Morland e Bos (2016), os discursos corporativos sobre sustentabilidade produzem uma fantasia que disfarça uma abordagem sustentável em prol do crescimento econômico das organizações. Tal fundamentação discursiva é orientada para os indivíduos membros dessas organizações, que, por sua vez, estão passíveis de serem dominados por tal retórica a partir de capitais simbólicos organizacionais.

As organizações operacionalizam a sustentabilidade a partir do paradigma econômico dominante do desenvolvimento sustentável, por meio do qual produz-se e difunde-se o significado de discursos coerentes com seus próprios objetivos (PAINTER-MORLAND; BOS, 2016). Este fato pode ser analisado a partir dos estudos de Painter-Morland e Bos (2016), que defendem que o ambiente corporativo é baseado na alegação de que "boa ética é bom negócio". Segundo os autores, os negócios possuem a necessidade de repensar seus projetos caso queiram sobreviver a longo prazo. O "bom negócio" acaba se tornando foco ao invés da "boa ética", considerando a perspectiva econômica como fator fundamental.

Esta relação entre a prática de negócios sustentáveis e o desempenho financeiro é considerada complexa, ambígua e com nuances. Os estudos sobre resultados financeiros relacionados à sustentabilidade não afirmam um entendimento uniforme sobre o que os constitui (CAPROTTI, 2012; PAINTER-MORLAND; BOS, 2016). Por outro lado, há tentativas organizacionais de demonstrar

como valores relacionados à sustentabilidade influenciam aspectos de desenvolvimento comportamentais, principalmente dos consumidores (PAINTER-MORLAND; BOS, 2016).

Beard e Hartmann (1997) corroboram para este pensamento quando abordam o impacto ambiental que as empresas proporcionam. Eles discorrem que este processo é inevitável e ao mesmo tempo de extrema preocupação, e que teoricamente quando a perspectiva dos produtos e atividades empresariais são alteradas de problemas/culpas para soluções/prevenções, inevitavelmente a ação, que antes era negativa ao meio ambiente, transforma-se em vantagens competitivas.

Ainda para Beard e Hartmann (1997), as intenções relacionadas à manutenção do planeta são criativas e inovadoras, algumas até parecem desafiar a lógica, mas não proporcionam o incentivo necessário para que sejam aplicadas, e gradativamente o ambiente continua sendo alvo de destruição. Hoje o incentivo está focado nos lucros que tais atividades podem trazer, esquecendo-se da escassez que ronda os futuros tempos. A gestão organizacional, para os autores, precisa não apenas promover o clima inovador e criativo, mas também proporcionar direções fundamentalmente diferentes, modificar pensamentos, e atribuir aos gestores otimismo, esperança e positividade, logo atribuir um significado ao indivíduo.

Já para Shepherd, Patzelt e Barou (2013) uma parte dos danos ambientais resulta do desengajamento pró-ambientalismo. Os autores afirmam que, alguns gestores e empreendedores decidem agir de maneira que propiciam danos ao meio natural, apesar do fato de tais ações violarem seus próprios valores. A partir de uma análise sobre a atratividade de oportunidade em assuntos relacionados ao meio natural, os autores pesquisaram o impacto simultâneo de valores morais e de agência, e verificam que o desengajamento pró-ambiental é mais forte quando há, de alguma forma, uma ineficácia no processo de produtos e serviços.

A forte exposição de um valor moral juntamente com ações de maneira inconsistentes, representou um paradoxo para a pesquisa de Shepherd, Patzelt e Barou (2013): Como pessoas podem expressar forte apoio a certos valores, mas depois abertamente viola-los? Esta questão é respondida por meio de uma estrutura derivada da teoria cognitiva social, a teoria do desengajamento moral (BANDURA, 1986, 1999, 2001). Esta teoria apresenta diversos processos cognitivos que culminam para o comportamento antiético, apresentado por uma gama de ações

contraditórias aos valores morais, incluindo mentir, roubar, trapacear e agredir (SHEPHERD; PATZELT; BAROU, 2013).

Os autores concluem que, a teoria auxiliou a compreensão de que a natureza dessas ações dependem do nível de auto eficácia empreendedora e de eficácia de recursos. Assim, as tomadas de decisões consideradas desenganadas do pró-ambientalismo são reflexos de uma ineficiência intelectual e também estrutural, proporcionando ao indivíduo uma tranquilidade para concretizar ações que não são condizentes com seus valores, revelando uma consonância entre compromissos ambientais e compromissos econômicos (PHILLIPS, 2012).

Outras pesquisas importantes são a de Avelino e Rotmans (2009, 2011) que buscaram oportunidades, limitações e condições favoráveis pelas quais é possível influenciar sistemas complexos com o desenvolvimento de um nível micro. Farla *et al.*, (2012) e Olsson, Gallaz e Boonstra (2014) pesquisaram sobre transições, mudanças e resiliência a partir do papel dos atores no processo sustentável. E, por fim, Battilana, Lecac e Boxenbaum (2009) e Dorad (2005) elaboraram pesquisas sobre empreendedorismo institucional e perspectivas sobre agência, mobilização de recursos e oportunidade voltadas ao desenvolvimento sustentável.

As referências citadas acima, no que se refere aos significados atribuídos ao desenvolvimento sustentável e à sustentabilidade, pelo viés econômico dominante, apresentam discursos que acarretam uma nova consciência para o sistema capitalista, que é incapaz de contrapor os problemas ambientais e sociais aos desafios financeiros encarados pelas organizações. A nova estratégia oficial de crescimento nada mais é do que uma luta pelo reconhecimento do discurso “verdadeiro”, uma imposição de uma visão legítima da sustentabilidade a partir de produtos e serviços, mascarada pela real intenção organizacional, que é apresentada como desenvolvimento sustentável, porém possui caráter extremamente mercadológico.

A liberdade de todo o questionamento vinculado às práticas não sustentáveis apresenta-se na abordagem econômica inculcada na mente dos indivíduos, que promove um "livramento", desde que, economicamente, a prática seja eficiente. Trata-se de um discurso pragmático, uma política liberada por uma sustentabilidade mercadológica, que entende que a economia é capaz de alcançar progresso através de processos “verdes”.

Dentro desta perspectiva, esta pesquisa busca perceber as narrativas sobre sustentabilidade, por meio da tríade bourdieusiana em duas organizações. Para tanto adotou-se as dimensões do Framework de Balbinot e Borim-de-Souza (2012), que compreendem os estilos de raciocínios que organizam os conceitos de desenvolvimento sustentável e de sustentabilidade para estudos voltados para gestão.

2.2.2.2 Estilos de raciocínio para a caracterização do desenvolvimento sustentável e sustentabilidade como objetos de estudo para gestão

Este tópico tem como objetivo apresentar os estilos de raciocínios para a caracterização do desenvolvimento sustentável e da sustentabilidade como objetos de estudo para a gestão. Estes foram elaborados a partir do *Framework* de Balbinot e Borim-de-Souza (2012), e foram utilizados nas análises dos dados juntamente com a sociologia bourdieusiana. De acordo com Balbinot e Borim-de-Souza (2012), os estilos de raciocínios são utilizados quando há um espaço de reflexão que busca atender a possibilidade de algo se tornar verdadeiro, assim como os conceitos de desenvolvimento sustentável e sustentabilidade.

Os estilos de raciocínios conduziram esta pesquisa, pois são considerados um arcabouço de conhecimentos, habilidades linguísticas e não linguísticas que buscam classificar e determinar uma possível verdade a partir de um fenômeno estudado. Segundo Hacking (1982, 1992) não há declarações, ou verdades, que possam ser descobertas fora de um estilo de raciocínio. Isso porque o estilo de raciocínio permite que os pensamentos humanos sejam estruturados, organizados e argumentados com o intuito de legitimar as explicações adotadas pelos significados inerentes ao contexto pesquisado (BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012).

Essa categorização da mente humana torna-se útil para esta pesquisa, uma vez que foi construída a partir de narrativas sobre o fenômeno pesquisado, e considera a manipulação social enquanto norteadora dos discursos encontrados nestas narrativas. Segundo Hacking (1982), a expressão "estilo de raciocínio" é uma crítica da razão pura, ou seja, para o autor, não existe pensamentos que não estão viesados pelos contextos em que se vive.

Essa perspectiva coincide com a sociologia bourdieusiana, que admite a não existência de ideias puras (DORTIER, 2008), pois o indivíduo, enquanto agente pertencente a um campo, está passível às preferências do campo, que são falsamente inventadas por uma natureza pré-construída. Segundo Bourdieu (2007), os mecanismos de dominação estão vinculados às estruturas específicas e aos agentes enquanto pertencentes a esta estrutura. Desta forma, o contexto pesquisado denuncia, a partir dos conceitos vinculados à sociologia bourdieusiana, um discurso padronizado decorrente do pertencimento do agente ao campo.

Os estilos de raciocínio, portanto referem-se a algo que pode ser tornado verdade. Porém não adotam uma perspectiva positivista, mas sim um esclarecimento de que os conceitos, classificações e reivindicações não possuem relação direta com a estrutura, e só fazem sentido em um estilo de raciocínio específico (BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012).

No que diz respeito às abordagens do estilo de raciocínio, estas seguem uma lógica epistemológica e ontológica, tendo em vista que estabelecem critérios para avaliação e reivindicações sociais, culturais, econômicas, e apresenta fenômenos que precisam ser pesquisados, trazendo à tona descobertas e novos padrões de julgamento, que condicionam novas possibilidades científicas (HACKING, 1982; BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012).

Referente ao desenvolvimento sustentável e à sustentabilidade, os estilos de raciocínio corroboram para a compreensão destes fenômenos, pois esta pesquisa considera que há um espaço de reflexão que se interessa em investigar os discursos como possíveis candidatos a verdades científicas (CLARO; CLARO; AMÂNCIO, 2012; PAINTER-MORLAND, 2016; CAPROTTI, 2012; BEARD, HARTMANN, 1997; SHEPHERD; PATZELT; BAROU, 2013; PHILLIPS, 2012). O desenvolvimento sustentável e a sustentabilidade apresentam fatos históricos, costumes socioculturais e movimentos econômicos, o que culmina para uma abordagem complexa e apresenta todas as esferas que permeiam uma sociedade (BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012; LÉLÉ, 1991).

Desta forma, a identificação dos diferentes estilos de raciocínio sobre o desenvolvimento sustentável e a sustentabilidade são baseados em posições ontológicas e perspectivas epistemológicas que possuem uma visão de mundo a partir da seguinte pergunta: Existe um mundo real independente do conhecimento humano? (MARSH; FURLONG, 2002). A visão ontológica objetivista compreende que o mundo

acontece independentemente do ator social, ou seja, o mundo acontece por si só. A visão construtivista, por sua vez, aborda esta questão por uma realidade socialmente construída, dependente da ação humana (BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012).

Com relação às perspectivas epistemológicas, podem ser identificadas através de duas questões: (1) O observador (pesquisador) pode identificar relações reais ou objetivas entre os fenômenos sociais?; e (2) Pode tal identificação ser realizada por observação direta ou existem relações entre os fenômenos sociais que, embora existam, não podem ser diretamente observadas? (MARSH; FURLONG, 2002). Essas duas questões auxiliam o pesquisador na identificação de três epistemologias: positivista, interpretativista e realista (BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012).

A primeira epistemologia, a positivista, é guiada por uma abordagem ontológica objetiva, que caracteriza as relações como fenômenos diretamente observáveis. A ciência social é tratada como algo regular e previsível sob uma série de condições predeterminadas. Desta forma, o foco desta epistemologia é identificar as causas do comportamento social, explicado através de métodos científicos rigorosos e passíveis de formulações de leis científicas (HOLLIS; SMITH, 1990; BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012). A epistemologia interpretativista está voltada para uma alternativa hermenêutica, mais próxima de uma visão ontológica construtivista, e que se baseia na interpretação do significado dos comportamentos. O objetivo desta epistemologia está na compreensão desses significados, e não na explicação deles (BRYMANN, 2001; BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012).

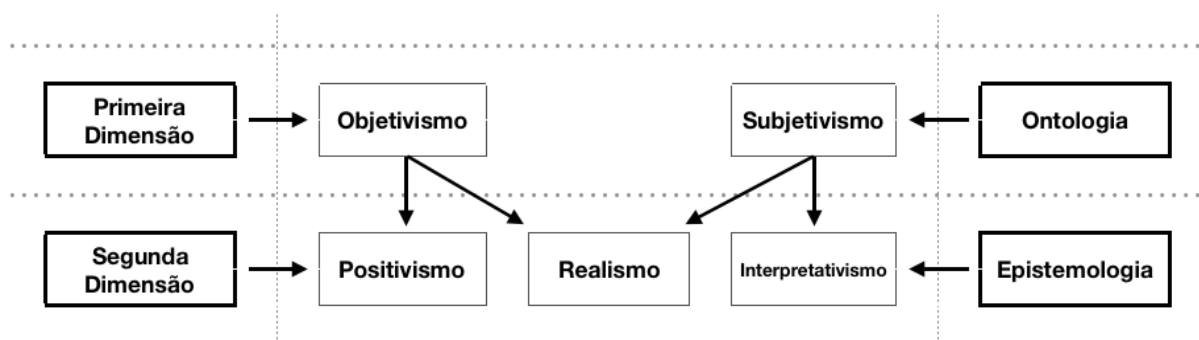
A outra epistemologia trabalhada por Balbinot e Borim-de-Souza (2012) é a epistemologia realista. Esta perspectiva representa o intermediário das epistemologias positivista e interpretativista. O realismo encontra-se entre essas duas abordagens científicas pois, compartilha da posição ontológica positivista quando considera que o mundo existe independentemente do conhecimento humano, e se aproxima da ontologia interpretativista quando entende que os fenômenos sociais participam de relações de poder social causal (HOLLIS; SMITH, 1990; MARSH; FURLONG, 2002; BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012).

Desta forma, a epistemologia realista parte de um pressuposto de que é impossível observar todos os fenômenos sociais, colocando a prova a posição ontológica objetivista. Por outro lado, essa perspectiva contempla que nem todos os fenômenos sociais são diretamente observáveis, e que nem todos moldam e

sustentam o meio social (MARSH; FURLONG, 2002; BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012). Assim, esta epistemologia é um aperfeiçoamento das perspectivas epistemológicas que emergem de uma crise de ordem ontológica, o que permite uma abordagem crítica, pois os fenômenos sociais são impactados pelas relações humanas e também pela estrutura que permeia tais relações (BRYMANN, 2001; BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012).

O conhecimento das abordagens ontológicas e perspectivas epistemológicas configuram as duas primeiras dimensões do Framework de Balbinot e Borim-de-Souza (2012), o mapa destas relações pode ser visto a seguir na figura 1.

Figura 1 – Primeira e segunda dimensão dos estilos de raciocínio de Balbinot e Borim-de-Souza (2012)



Fonte: Balbinot e Borim-de-Souza (2012).

A terceira dimensão dos estilos de raciocínio baseia-se em cada fase histórica do desenvolvimento sustentável a partir dos paradigmas dominantes listados por Gladwin *et al.* (1995); nas contribuições de Mebratu (1998) que segmenta as definições existentes sobre desenvolvimento sustentável em versões conceituais; nas considerações semânticas de Lélé (1991) sobre sustentabilidade e desenvolvimento sustentável; e, por fim, nas duas perspectivas sobre o desenvolvimento sustentável e sustentabilidade criadas por Balbinot e Borim-de-Souza (2012).

A primeira contribuição teórica para a terceira dimensão (conceitual) dos estilos de raciocínio compreende os paradigmas dominantes abordados por Gladwin, Kennelly e Kraus (1995), que correspondem ao tecnocentrismo, *sustaincentrism* e ecocentrismo. O tecnocentrismo é influenciado por uma perspectiva ontológica objetiva e epistemológica positivista, este paradigma acredita em um planeta passivo, que legitima a exploração contínua do território natural. Compreende a realidade por meio do reducionismo, monologismo e do positivismo, com o foco no

ser humano, por isso possui liberdade de exploração do patrimônio natural em benefício próprio. O mundo natural para este paradigma é objetivado em pensamentos estritamente econômicos, o qual o torna egoísta, linear e instrumental. Este paradigma está ligado à fase final do período pré-Estocolmo, que compreende o desenvolvimento sustentável por uma visão desenvolvimentista do sistema social e econômico dominante. Também está ligado a fase que compreende o período Estocolmo e WCED, que estende suas características dominantes e expande para uma versão institucional do desenvolvimento sustentável (BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012; BORIM-DE-SOUZA *et al.* 2015; MEBRATU, 1998).

O segundo paradigma desenvolvido por Gladwin, Kennelly e Kraus (1995), é influenciado por uma ontologia construtivista e epistemologia interpretativista, o ecocêntrico, que considera o ser humano como parte integrante do planeta, e não como parte principal, como o paradigma anterior. A utilização de recursos naturais é guiada para a sobrevivência acarretando em um entendimento de que a soma das partes contribui para a manutenção natural das coisas. Este paradigma está relacionado com as variáveis do tempo e do espaço, e permeia no momento histórico inicial do período pré-Estocolmo por estar categorizado por uma versão ideológica da natureza, onde as crenças religiosas dominavam o sistema social e econômico (BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012; BORIM-DE-SOUZA *et al.* 2015; MEBRATU, 1998).

O terceiro paradigma consiste em uma natureza eclética, que corresponde ao intermediário ontológico que aborda a epistemologia realista e enfatiza a priorização da relação entre o ser humano e a natureza. Este paradigma é chamado de *sustaincentrism*, e está relacionado com período pós-WCED, pois, nesse momento cada setor social tomou consciência da sua fragilidade em relação a busca pelo desenvolvimento sustentável. Desta forma, o paradigma *sustaincentrism* reconhece que o ambiente natural é fundamental para a sobrevivência humana, defende que a Terra deve ser mantida limpa e saudável para que todos possam ter qualidade de vida com o auxílio da intelectualidade do ser humano, a qual é utilizada para agregar valor econômico ao sistema dominante (BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012; BORIM-DE-SOUZA *et al.* 2015; GLADWIN; KENNELLY; KRAUS, 1995; MEBRATU, 1998).

Outra perspectiva que compreende a terceira dimensão dos estilos de raciocínio de Balbinot e Borim-de-Souza (2012) são as versões conceituais sobre o

desenvolvimento sustentável desenvolvido por Mebratu (1998). O autor organiza suas ideias a partir de dois conceitos extremos, a versão conceitual institucional e a versão conceitual ideológica. Há ainda a versão que interpreta o desenvolvimento sustentável de forma subjetiva e objetiva, que considera pensamentos pontuais e reflexivos, naturais e sociais e é chamada de versão conceitual acadêmica do desenvolvimento sustentável.

Esta versão possui uma natureza interdisciplinar e tenta propor soluções para os desafios ambientais. Sua categorização acadêmica possui abordagens que são mais objetivas na aparência, e mais subjetivas na compreensão, considera o indivíduo participante integrado nos processos e conscientes nos fatos sociais que o cercam, conseqüentemente vincula-se ao paradigma *sustaincentrism* (BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012; BORIM-DE-SOUZA *et al.* 2015; MEBRATU, 1998).

Quanto a versão institucional do desenvolvimento sustentável, esta compreende uma abordagem desenvolvimentista do desenvolvimento sustentável, e está relacionada ao paradigma tecnocêntrico. Sua abordagem contempla ideias de que o crescimento econômico deve ser limpo e igualitário e as organizações, enquanto detentoras de capacidades produtivas e inovadoras, possuem a responsabilidade de comprovar e implementar soluções sistêmicas a curto prazo (BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012; BORIM-DE-SOUZA *et al.* 2015; MEBRATU, 1998; SCHMIDHEINY, 1992).

A versão ideológica do desenvolvimento sustentável repousa em premissas do ecofeminismo, ecossocialismo e ecoteologismo, que pregam soluções como: ascensão feminina, distribuição igualitária de riquezas, exploração equilibrada de recursos naturais, iluminação religiosa do ser humano para a valorização e respeito aos recursos naturais. Tal abordagem ideológica é composta por visões de mundo críticas, negando a perspectiva realista e também se distanciando de qualquer posição ontológica mais objetivista, conseqüentemente, associa-se a um paradigma ecocêntrico (BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012; BORIM-DE-SOUZA *et al.* 2015; BRAIDOTTI *et al.*, 1994; HAUGHT, 1996; MEBRATU, 1998; PEPPER, 1993;). O quadro 1 apresenta a relação dos paradigmas apresentados com os respectivos momentos históricos e suas versões conceituais.

Quadro 1 – Período histórico dos paradigmas e suas posições conceituais

Período histórico	Paradigma	Posição conceitual
Pré-Estocolmo (fase inicial)	Ecocêntrico	Ideológico
Pré-Estocolmo (fase final)	Tecnocêntrico	Econômico
Estocolmo - WCED	Tecnocêntrico	Institucional
Pós-WCED	<i>Sustaincentrism</i>	Acadêmico

Fonte: Elaborado pela autora com base em Balbinot e Borim-de-Souza (2012).

A terceira abordagem que compõe os estilos de raciocínio de Balbinot e Borim-de-Souza (2012) está relacionada ao entendimento entre desenvolvimento sustentável e sustentabilidade. Segundo os autores, os discursos conceituais relacionados ao tema não empregam complexidade e clareza. Desta forma, esta perspectiva vem esclarecer e classificar os conceitos utilizados pela literatura a partir de uma linha ontológica, epistemológica e paradigmática.

Segundo Munck e Borim-de-Souza (2009) a sustentabilidade está relacionada com a capacidade de manter algo contínuo, enquanto o desenvolvimento sustentável envolve processos interativos com o objetivo de manter o equilíbrio dinâmico do sistema a longo prazo. Com esta afirmação a sustentabilidade passa a fazer parte da ideia central do desenvolvimento sustentável, enquanto o desenvolvimento sustentável passa a fazer parte do processo para alcance tal objetivo (BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012).

Segundo Lélé (1991), a sustentabilidade pode ser compreendida por três possíveis interpretações com o objetivo de combater a generalização errônea do conceito, são elas: sustentabilidade literal, sustentabilidade ecológica e sustentabilidade social.

A primeira considera a ideologia do crescimento econômico fator fundamental para o desenvolvimento sustentável, uma vez que afirma que não existe uma separação clara entre a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável, e que a pobreza reafirma o crescimento econômico, tendo em vista que esta é uma das responsáveis pela degradação ambiental. A sustentabilidade literal tenta promover a perpetuação do nada quando permite que o desenvolvimento sustentável seja traduzido pelo desenvolvimento econômico (BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012; BORIM-DE-SOUZA *et al.* 2015; GOODLAND; LEDEC, 1987; LÉLÉ, 1991;).

A segunda abordagem da sustentabilidade diz respeito à preocupação com as gerações futuras. A sustentabilidade ecológica possui características multidimensionais e complexas, corroborando para uma abordagem crítica da sustentabilidade, conseqüentemente possui um viés ontológico construtivo e epistemológico interpretativo (BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012; BORIM-DE-SOUZA *et al.* 2015; EKINS, 1986; LÉLÉ, 1991).

E a sustentabilidade social apresenta soluções para os assuntos relacionados com a economia, a infraestrutura, política, serviços públicos e cultura, por meio da intelectualidade humana. Desta forma, este tipo de abordagem conceitual para a sustentabilidade está relacionado com a epistemologia realista, que corrobora com o paradigma *sustaincentrism* e a versão acadêmica do desenvolvimento sustentável (BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012; BARBIER, 1987; BORIM-DE-SOUZA *et al.* 2015; LÉLÉ, 1991; NORGAARD, 1988).

A partir das explicações sobre as abordagens teóricas relacionadas com o desenvolvimento sustentável e a sustentabilidade, serão apresentadas ainda os diferentes significados da sustentabilidade, bem como a correlação destes nos estilos de raciocínio.

Balbinot e Borim-de-Souza (2012) propõem dois estilos de raciocínios a partir dos caminhos teóricos percorridos até o momento. O primeiro estilo chamado de *Normative Reductionist Weak Functionalist* corresponde aos significados normativos da sustentabilidade (OSÓRIO; LOBATO; CASTILLO, 2005), Sustentabilidade reducionista (MEBRATU, 1998), Sustentabilidade ecológica fraca (CLARKE 1993) e, sustentabilidade funcionalista (MILNE; KEARINS; WALTON, 2006).

Estas abordagens foram relacionadas pois compreendem um entendimento correspondente. A sustentabilidade normativa possui características que corroboram para acordos institucionais, envolvendo o desenvolvimento sustentável, analisando-o em sua totalidade, não considerando uma abordagem holística do contexto. Esta abordagem não considera as causas primárias dos problemas ambientais e nem mesmo considera os problemas filosóficos, políticos e econômicos que cercam os tomadores de decisões. Desta forma é considerada uma sustentabilidade fraca, pois é incapaz de enxergar o ambiente como fator fundamental para o funcionamento das demais partes sociais. A abordagem funcionalista permeia este estilo de raciocínio, pois não possui olhar macro dos problemas ambientais,

acarretando em inovações incrementais, reduzindo o mundo ao contexto social particular. Segundo os autores a similaridade da sustentabilidade normativa, reducionista, fraca e funcionalista baseia-se no entendimento de sustentabilidade literal de Lélé (1991) (BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012; CLARKE, 1993; LÉLÉ, 1991; MEBRATU, 1998; MILNE; KEARINS; WALTON, 2006; OSORIO; LOBATO; CASTILLO, 2005).

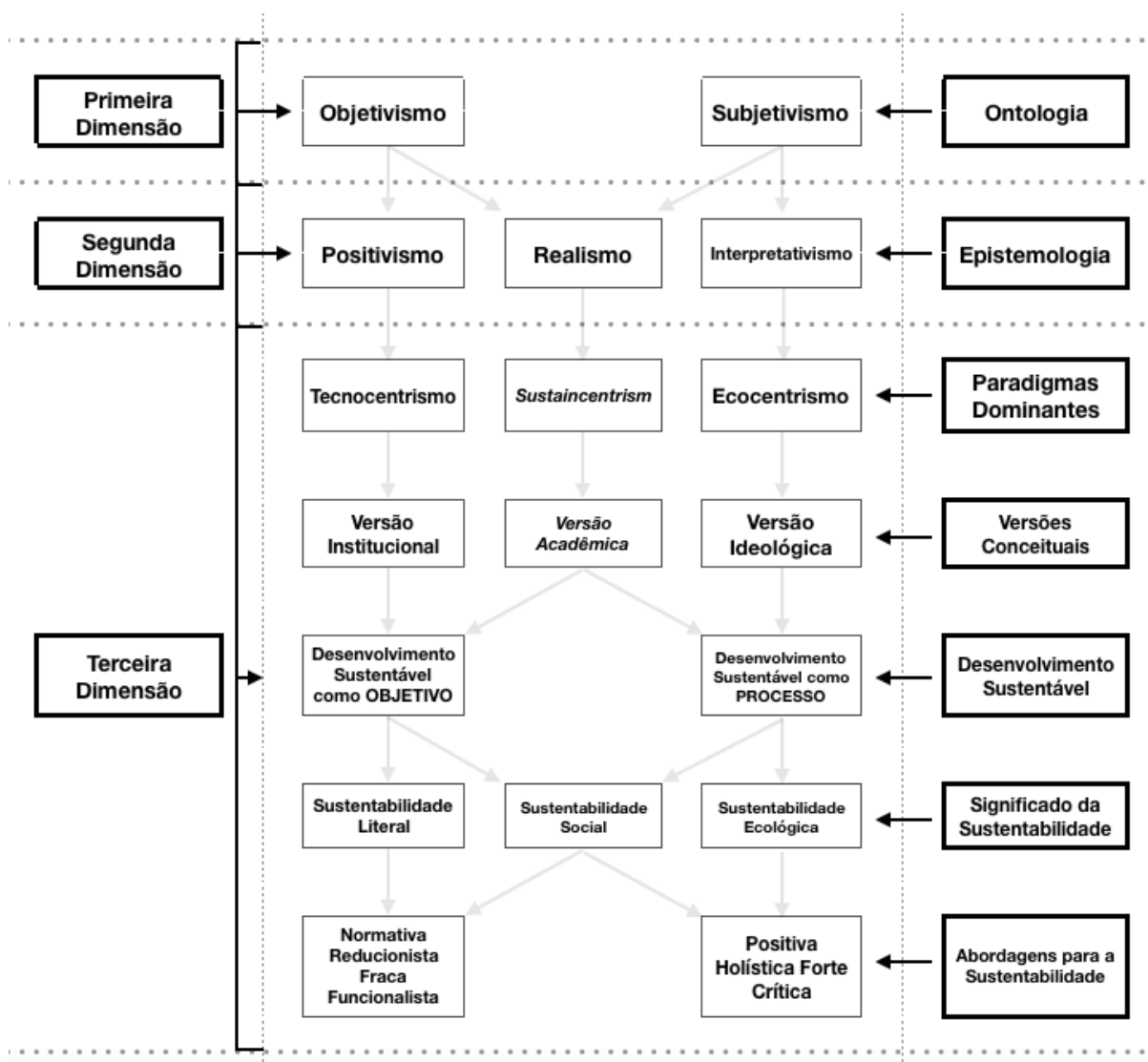
A segunda abordagem é denominada *Positive Holistic Strong Critical*. Esta perspectiva da sustentabilidade aborda a sustentabilidade positiva (OSÓRIO; LOBATO; CASTILLO, 2005), holística (MEBRATU, 1998), ecologia forte (CLARKE 1993) e crítica (MILNE; KEARINS; WALTON, 2006).

Estas concepções sobre sustentabilidade entendem que a sustentabilidade positiva depende de análises holística, pois trabalha com ciência por uma abordagem ampla. Tal característica remete à sustentabilidade ecológica forte, pois leva em consideração a riqueza da diversidade da vida, e considera o homem ator pertencente ao ambiente. Com relação aos problemas ecológicos, este tipo de sustentabilidade leva em consideração a super exploração dos recursos e a distribuição injusta dos mesmos, que faz com que as crises que permeiam o mundo se instalem sobre a realidade social. Estas abordagens correlacionam-se com a perspectiva da sustentabilidade crítica, pois está próxima da sustentabilidade ecológica apresentada por Lélé (1991), (BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012; CLARKE, 1993; LÉLÉ, 1991; MEBRATU, 1998; MILNE; KEARINS; WALTON, 2006; OSORIO; LOBATO; CASTILLO, 2005).

A sustentabilidade social, apresentada em uma posição intermediária em relação à sustentabilidade literal e ecológica, possui o papel de relacionar e conectar as extremidades apresentadas pelos significados da sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável. Desta forma, a sustentabilidade social corresponde a um diálogo entre os extremos dos estilos de raciocínio, buscando o balanceamento das posições e a otimização de soluções com o objetivo de garantir um caráter multidisciplinar da sustentabilidade. Esta abordagem está situada no intermediário do *framework* e segue considerações de uma epistemologia realista, do paradigma do *sustaincentrism* e uma versão consensual acadêmica da sustentabilidade (BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012; CLARKE, 1993; GLADWIN; KENNELLY; KRAUSE, 1995; LÉLÉ, 1991; MEBRATU, 1998; MILNE; KEARINS; WALTON, 2006; OSORIO; LOBATO; CASTILLO, 2005).

Desta forma, a figura 2 apresenta os estilos de raciocínios elaborados por Balbinot e Borim-de-Souza (2012). Tais relações, características e abordagens, serviram para direcionar as análises, e corroborar para a literatura quando apresenta, a partir de um estudo empírico, as características existentes no campo pesquisado. Desta forma, encerra-se o referencial teórico.

Figura 2 – Estilos de raciocínio para a caracterização do desenvolvimento sustentável e sustentabilidade como objetos de estudo para gestão por Balbinot e Borim-de-Souza (2012)



Fonte - Elaborado pela autora a partir de Balbinot e Borim-de-Souza (2012)

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo foram apresentados os caminhos metodológicos que a pesquisa percorreu, preocupando-se em destacar as abordagens adotadas, as etapas, o desenvolvimento e os procedimentos desenvolvidos. Desta forma, foram apresentados a pesquisa para Bourdieu e sua relação com as organizações, a epistemologia advinda da sociologia bourdieusiana, a classificação geral de pesquisa, as estratégias de pesquisa, o instrumento de coleta de dados, a unidade de análise, e por fim, a análise dos dados.

3.1 A PESQUISA PARA BOURDIEU E SUA RELAÇÃO COM AS ORGANIZAÇÕES

Partindo de uma análise do microcosmo, Bourdieu estabelece uma sociologia relacional que corresponde a uma incapacidade de tipificação hermética. Sua ciência reformula os fundamentos profundos de uma sociedade, e cria conceitos gerais que permitem a aplicação nos dias atuais (SCARTEZINI, 2012). Esta reformulação parte da compreensão das noções comuns, que servem e devem ser utilizadas para realização de uma ruptura dos fatos primários. Segundo Bourdieu (2010) a separação entre opinião comum e discurso científico tornam-se imprecisas, pois há isenção de contaminações ideológicas.

[...] Dispensamo-nos quase sempre de reconhecer, para tirar daí todas as consequências, que a familiaridade com o universo social constitui, para o sociólogo, o obstáculo epistemológico por excelência porque ela produz continuamente concepções ou sistematizações fictícias ao mesmo tempo que as condições de sua credibilidade (BOURDIEU, 2010. p.23).

Segundo o autor, o sociólogo nunca conseguirá acabar com a sociologia espontânea, o que o difere de um físico, que exprime-se, por uma oposição nítida entre o laboratório e a vida social (BOURDIEU, 2010). Segundo Scartezini (2012, p.26) Bourdieu buscava por

[...] um conhecimento sem doutrinas e sem amarras intelectuais, aberto às diferentes influências e que não possuísse uma fórmula elaborada *a priori*, tal qual um engenheiro elabora sua planta de construção. Há em sua teoria a possibilidade efetiva de mutação das estruturas de poder a partir de pressões coletivas. Assim, a compreensão das estruturas de poder e de como elas agem no indivíduo possibilitam a modificação dos limites do campo social.

As pressões coletivas, foco da teoria de Bourdieu, apresentam como particularidades a serem analisadas. Para esta pesquisa, o ponto central de

observação são as organizações e suas relações cotidianas. Tal preocupação emana de sua própria natureza, que por uma forma formal, apresenta estruturas que, consciente ou não, praticam poder sobre os agentes que as constroem e que dela fazem parte. A sustentabilidade nesta abordagem possui um status discursivo, porém sem poder de construir ou definir padrões e estruturas, o que promove conflitos teóricos devido ao grande número de interpretações e necessidades regionais, que não se fazem importantes para outros tipos de nações.

Desta forma, a maior missão da sociologia bourdieusiana era "[...] criar novos objetos de conhecimentos, detectar dimensões e dissertar os mecanismos do mundo social" (SCARTEZINI, 2012, p.27). Para corroborar com as formulações de Bourdieu e apresentar um panorama do contexto sustentável nas organizações pesquisadas, esta pesquisa busca perceber, por meio da tríade de Bourdieu, as relações entre as narrativas sobre sustentabilidade em contexto organizacional. Para tanto, utiliza-se tanto da identidade epistemológica da sociologia de Bourdieu, que carrega uma abordagem estruturalista-constructivista, quanto do método de análise de narrativas construcionista. As duas abordagens foram explicadas em seguida.

3.2 IDENTIDADE EPISTEMOLÓGICA DA PESQUISA

A realização desta pesquisa apresenta uma fundamentação teórica bourdieusiana, que corresponde a relação entre as epistemologias constructivista e estruturalista. Esta abordagem permite entender a estrutura em forma de história quando apresentadas como possíveis precursores e influenciadores do *habitus*, e a história em forma de prática, quando transmutada da percepção do agente, ou seja, do *habitus*, e construído prática. Segundo Bourdieu (1990, p. 149):

[...] Se eu tivesse que caracterizar meu trabalho em duas palavras, ou seja, como se faz muito hoje em dia, se tivesse que lhe aplicar um rótulo, eu falaria de *constructivist structuralism* ou de *structuralist constructivism*.

Por estruturalismo, Bourdieu (1990) considera que sua teoria aborda um mundo social próprio, independente dos sistemas simbólicos, com estruturas objetivas, que não carregam a vontade dos agentes, que são capazes de orientar e coagir suas práticas e representações, chamado por ele de campo e grupos. E por constructivismo, Bourdieu entende que é uma abordagem sobre a gênese social dos esquemas de percepção, das vontades, dos pensamentos e da ação do agente, o que carrega o nome de *habitus*.

[...] Em termos muito gerais, a ciência social, tanto a antropologia como a sociologia e a história, oscila entre pontos de vista aparentemente incompatíveis, entre duas perspectivas aparentemente inconciliáveis: o objetivismo e o subjetivismo, ou, se preferirem, o fisicalismo e o psicologismo (o que pode tomar diversas colorações - fenomenológica, semiológica, etc.) (BOURDIEU, 1990, p.150).

Raramente as duas abordagens epistemológicas se apresentam juntas, onde a forma subjetiva carrega o mundo social por uma abordagem representativa das coisas, que tenta produzir uma explicação da explicação, e a forma objetiva trata os fatos sociais como coisas. Para Bourdieu (1990), o campo científico social estuda uma realidade social, que possui sentido em uma estrutura estruturada pelos agentes, que agem e pensam de acordo com seus pensamentos e são guiados pelo campo do qual fazem parte.

Mediante a isso, a sociologia bourdieusiana aborda a realidade social como uma construção de pensamentos guiados por uma estrutura criada pelo próprio pensamento humano. Segundo o sociólogo “[...] As construções das ciências sociais são, por assim dizer, construções de segundo grau, isto é, construções das construções feitas pelos atores da cena social” (BOURDIEU, 1990, p.151).

Dito isto, a sociologia bourdieusiana corrobora para a compreensão desta pesquisa quando busca-se o relacionamento da sustentabilidade dentro das organizações, quando aborda, pelas narrativas dos indivíduos, a construção dos significados da sustentabilidade, e a importância dada ao tema em questão.

A incapacidade de se olhar apenas por uma abordagem epistemológica, estruturalista ou construtivista, acontece pela compreensão de que o agente social vive cercado por um campo do qual foi produzido e estruturado por ele. Logo, este agente segue regras e compreende processos que foram feitos para atender a demanda do próprio campo. Desta forma, esta pesquisa torna-se incapaz de compreender o agente fora do contexto social, e também é incapaz de analisar o contexto social sem o agente.

Esta abordagem, remete á uma pergunta: Como analisar o relacionamento entre agente e estrutura, objetivo e subjetivo, estruturalismo e construtivismo? Para sanar tais dúvidas, esta pesquisa utilizou-se da análise de narrativas construcionista, que compreende a construção de significados pelo contexto do agente, vinculado ao contexto do pesquisador, e baseado na teoria adotada pela pesquisa. Esta abordagem, juntamente com a classificação geral da pesquisa será explicada em sequência.

3.3 CLASSIFICAÇÃO GERAL DA PESQUISA

Os conceitos bourdieusianos trabalhados nesta pesquisa envolvem aspectos subjetivos e estruturais que permeiam o ambiente social do indivíduo enquanto homem, e enquanto parte integrante de um campo organizacional. A complexidade do universo social, juntamente com o olhar da sociologia bourdieusiana para pontos que caracterizam a sustentabilidade dentro da organização exigem que a abordagem qualitativa seja adotada.

As pesquisas qualitativas possuem a responsabilidade de abordar níveis de realidade muito particulares que não podem ser mensurados quantitativamente, ou seja, os temas abordados necessitam da compreensão do universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Tais conjuntos distinguem-se, pois consideram o pensamento humano como uma interpretação de mundo, que move a sua ação a partir de uma realidade vivida e também compartilhada (MINAYO, 2016).

A preocupação desta pesquisa em compreender as características sobre a sustentabilidade na organização, proporciona a necessidade de estabelecer uma abordagem particular, que possua a capacidade de analisar como o mundo organizacional se constrói a partir da perspectiva do agente. Segundo Liebscher (1998), as pesquisas qualitativas são usadas quando o entendimento do contexto social e cultural são fundamentais para a pesquisa.

Os estudos que empregam esta modalidade metodológica podem descrever a complexidade de um certo problema, pois possibilitam a análise da integração de certas variáveis, como a classificação de processos dinâmicos vividos por grupos de indivíduos dentro da organização, e o entendimento das particularidades comportamentais de gestores. Desta forma, a pesquisa qualitativa não busca regularidade, mas a compreensão dos indivíduos e o que os levou a agir como agiram em um maior nível de profundidade (RICHARDSON *et al.*, 2014; GODOI; BALSANI, 2010).

Observa-se, por meio dos conceitos atribuídos ao método qualitativo, que a abordagem de pesquisa possui uma característica mais ampla de análise, pois almeja compreender os significados gerados pelas relações dentro dos campos organizacionais pesquisados. Assim, o mapeamento dos conceitos de Bourdieu nas

organizações relacionadas, a partir de discursos sobre a sustentabilidade, não pretende propor novos conceitos, mas sim uma problematização do tema na Ciência Social Aplicada.

Assim, para a responder aos objetivos propostos, esta pesquisa é classificada como aplicada, pois seus achados dirigem-se à soluções de problemas específicos, como a compreensão da representação da sustentabilidade nas organizações, que envolve verdades e interesses locais, com a intenção de gerar conhecimentos que podem ser aplicados na prática (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009). Esta abordagem representa a preocupação desta pesquisa com os problemas sociais, principalmente aqueles vinculados às organizações e à sustentabilidade.

Com relação a perspectiva metodológica, esta pesquisa é classificada como exploratória e descritiva. Exploratória pois a associação dos conceitos bourdieusianos em organizações relacionadas com a sustentabilidade é pouco explorada, apresentando dificuldades na compreensão destes no ambiente empírico. Além disso, o caráter exploratório proporciona maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito por meio dos dados coletados em entrevistas, que a partir de relatos de gestores foi possível mapear as narrativas sobre sustentabilidade de duas organizações a partir dos conceitos de campo, *habitus* e capitais advindos da sociologia bourdieusiana (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009).

Com relação ao caráter descritivo, esta pesquisa compreende que a descrição de características de uma determinada população, neste caso, os indivíduos entrevistados, permite apresentar como os fatos e fenômenos acontecem na realidade, proporcionando assim dados para a relação entre as proposições teóricas e a realidade cotidiana dos indivíduos na organização (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009). Para Godoy (2006), a pesquisa descritiva é aplicada pela intenção de caracterizar os fenômenos pesquisados, compreendendo as atividades, tempo, relações e acontecimentos.

3.4 ESTRATÉGIA DE PESQUISA

Nesta sessão demonstrou-se como foi o contato da pesquisadora com as informações a serem pesquisadas. Foi apresentada a unidade de análise, os critérios para seleção do caso, os meios de acesso às informações e os parâmetros

de investigação. Para tanto, esta pesquisa parte de dois caminhos: o teórico e o empírico.

O primeiro caminho foi construído a partir de uma revisão bibliográfica, que utilizou-se de artigos científicos, dissertações e principalmente livros quando se trata da configuração do capítulo da sociologia bourdieusiana. Este tratamento caracteriza uma interpretação dos conceitos de Pierre Bourdieu e da sustentabilidade a partir da pesquisadora e contempla uma abordagem teórica para a pesquisa.

A abordagem empírica é respondida através da estratégia de investigação de estudo de caso, que consiste em entender fenômenos sociais complexos e particulares por uma perspectiva holística e do mundo real. O estudo de caso é amplamente utilizado em estudos organizacionais e nas ciências sociais, com o objetivo de fornecer uma análise do contexto e dos processos que iluminam as questões teóricas em estudos e para as pesquisas (HARTLEY, 1994).

O estudo de caso não é uma estratégia isolada, possui o interesse de entender como o comportamento e os processos são influenciados e influenciam o contexto pesquisado. Desta forma, esta estratégia de pesquisa passa a ser adequada quando permite a compreensão detalhada dos processos sociais e/ou organizacionais, pois concentra-se em vários níveis de análise, desde políticas até psicoindividuais (HARTLEY, 1994).

Neste sentido, esta pesquisa busca evidenciar as características encontradas no campo de duas organizações que possuem narrativas sobre sustentabilidade, a fim de compreender o campo em que a sustentabilidade é difundida ao olhar de Pierre Bourdieu. Ademais, a estratégia de pesquisa de estudo de caso múltiplo corrobora para evidenciação dessas características quando olha o contexto social como um recorte organizacional, que carrega consigo a influência do contexto social que permeia aqueles indivíduos enquanto membros do campo organizacional.

3.4.1 Objeto de Análise

A presente pesquisa faz parte do grupo de pesquisa EOSI (Estudos Organizacionais sobre Sustentabilidade e Internacionalização), cujo projeto visa pesquisar as relações sociais em organizações internacionalizadas com discursos e

ações voltadas para a sustentabilidade. Desta forma, esta pesquisa optou por analisar duas organizações.

Buscou-se inicialmente identificar uma organização nacional e uma internacionalizada com o intuito de verificar as narrativas extraídas das entrevistas. Além deste critério inicial, considerou-se organizações que possuíam compromissos com a sustentabilidade que poderiam ser comprovados por meio de documentos ou práticas sociais. Posterior a isso, buscou-se organizações que possuíam sedes administrativas no mesmo local de realização de todas as entrevistas.

A organização nacional escolhida atua no ramo de operações de plano de saúde em todo o Brasil, e possui uma sede administrativa em Londrina/PR, onde foram realizadas as entrevistas. Os indivíduos pesquisados foram escolhidos mediante os cargos ocupados, considerando diferentes níveis de gestão. Foi previamente feita uma apresentação do tema de pesquisa e do tema que seria abordado na entrevista. O nome de “NAC” (Nacional) foi adotado para esta organização, com o intuito de preservar o sigilo das informações coletadas.

Para a organização internacionalizada, adotou-se o nome de “INT” (Internacionalizada). Esta empresa atua no ramo de soluções tecnológicas, e é líder global em serviços digitais. Com sede administrativa e operacional na cidade de Londrina/PR, a Organização INT atendeu aos critérios estabelecidos por esta pesquisa e também possuía relatórios sobre sustentabilidade que foram descritos na análise documental.

3.4.2 Coleta dos Dados

Com relação aos meios de acesso às informações, foram escolhidos a entrevista semiestruturada e a pesquisa documental, pois são consideradas, por esta pesquisa, como técnicas que podem propiciar entendimentos profundos sobre as organizações. No que concerne a entrevista, entende-se que este método consiste em abordar um sentido amplo da comunicação verbal, juntamente com o sentido restrito da coleta de informações particular.

A pesquisa que se utiliza da entrevista semiestruturada possui, principalmente, o objetivo de compreender os significados a partir dos entrevistados, este método ainda é indicado para assuntos complexos, confidenciais e pouco

explorados (MINAYO, 2016, GODOY, 2006), assim como a caracterização dos conceitos bourdieusianos para temas como sustentabilidade.

As entrevistas foram realizadas nas duas organizações por meio de um roteiro semiestruturado. Os participantes possuíam funções de gestão dentro das organizações. A escolha deste nível de gestão para a realização das entrevistas se deu pelo fato de que estas pessoas possuíam cargos com conhecimento político e estratégico na organização. Logo, contribuíram para o esclarecimento da estrutura das empresas, bem como a vida organizacional que permeia seu trabalho.

A análise documental, por sua vez, fornece dados do engajamento organizacional referente à sustentabilidade, proporcionando além da informação ao longo do tempo, visitas às histórias passadas, as quais constituem socialmente os acontecimentos da época (GARCIA *et al.*, 2016). Por meio desta metodologia de pesquisa, buscu-se pesquisar os diversos documentos fornecidos pelo indivíduo referente à história organizacional sobre a sustentabilidade.

Referente às entrevistas, foram realizadas ao todo quatorze , todas presenciais e em duas organizações distintas. As perguntas possuíam caráter particular e também social, abordavam relações entre o entrevistado e a organização, entre o entrevistado e a sociedade, e a organização e a sociedade, com o intuito de esclarecer os significados sobre sustentabilidade atribuído ao indivíduo e as estruturas que carregam a sustentabilidade como fonte e fator de estratégias organizacionais.

Perguntas como: Você acredita na sustentabilidade? Qual o significado da sustentabilidade para a empresa? As pessoas consideram a sustentabilidade como algo importante? Levaram os entrevistados à níveis e contextos sociais diferentes, denunciando a estrutura social que permeia a organização, e permitindo também o alcance e a coerência entre os significados sobre sustentabilidade. Os dados sobre os entrevistados foram resumidos e descritos na quadro 2.

Quadro 2 – Funções dos entrevistados

Empresa	Entrevistado	Cargo
NAC	E1-NAC	Gerente de Contas
NAC	E2-NAC	Gerente de sustentabilidade
NAC	E3-NAC	Psicólogo
NAC	E4-NAC	Gerente de Controladoria
NAC	E5-NAC	Analista de Marketing
NAC	E6-NAC	Analista de Sustentabilidade
NAC	E7-NAC	Analista de Desenvolvimento Humano
INT	E1-INT	Gerente de Gerenciamento de Serviços
INT	E2-INT	Analista de Processos
INT	E3-INT	Gerente de Treinamento e Desenvolvimento Humano
INT	E4-INT	Supervisor de operações
INT	E5-INT	Controller da América Latina
INT	E6-INT	Coordenador de Comunicação
INT	E7-INT	Gerente de Projetos

Fonte: Elaborado pela autora

Decorrente da abordagem de análise dos dados adotada (análise de narrativas construcionista), alguns dados subjetivos dos entrevistados serão considerados na análise, pois representa uma parte do contexto do indivíduo pesquisado, por meio do qual pode ser construída uma narrativa particular (ESIN; FATHI; SQUIRE; 2014).

O entrevistado E1-NAC considera-se do gênero masculino, tem 35 anos de idade, e é graduado na área de tecnologia da informação, com especializações voltadas para áreas como administração e gestão de pessoas. Possui formação de escoteiro, e seu cargo dentro da organização NAC é denominado como gerente de contas, e iniciou sua carreira como assistente de protocolo, há mais de 20 anos trabalha na organização.

A entrevistada E2-NAC se identifica pelo gênero feminino, tem 40 anos de idade e é graduada em serviço social, com especialização e MBA em gestão empresarial, liderança e gestão de pessoas. Sua ocupação na organização hoje está destinada ao cargo de gerente de sustentabilidade, o qual é resultado de uma promoção do departamento de assistência social do qual fazia parte. A entrevistada trabalha na organização há mais de 15 anos.

O entrevistado E3-NAC se identifica pelo gênero masculino, tem 28 anos de idade e ocupa o cargo de psicólogo da organização NAC. Com graduação em docência do ensino superior e em psicologia clínica, cursa uma especialização em desenvolvimento humano e trabalha na organização há oito meses.

O entrevistado E4-NAC considera-se do gênero masculino, tem 37 anos de idade e é formado em matemática com especializações em estatística, gestão de empresas, gestão de pessoas e liderança. Seu cargo dentro da organização é denominado de gerente de controladoria, e tem mais de 10 anos trabalhados na organização, sua evolução profissional decorre de promoções dentro do departamento de controladoria.

A entrevistada E5-NAC se identifica pelo gênero feminino, tem 35 anos de idade e é formada em comunicação social. Ocupa o cargo de analista de marketing no qual está há 7 anos, o mesmo tempo de permanência na organização.

A entrevistada E6-NAC se identifica pelo gênero feminino, tem 39 anos de idade e tem graduação em administração, com especialização em meio ambiente. Com mais de 12 anos de trabalho na organização, ocupa o cargo de analista de sustentabilidade há 7 anos.

A entrevistada E7-NAC se identifica pelo gênero feminino, tem 31 anos de idade e é graduada em administração com especialização em liderança e educação corporativa. Com mais de 7 anos trabalhados para a organização NAC, ocupa o cargo de analista sênior de desenvolvimento humano, do qual é resultado de promoções dentro do setor.

A entrevistada E1-INT se identifica pelo gênero feminino, tem 36 anos de idade e possui especialização em gestão empresarial. Com 5 anos trabalhados na organização INT, ocupa o cargo de gerente de gerenciamento de serviços.

A entrevistada E2-INT se identifica pelo gênero feminino, tem 26 anos de idade e é especializada em recursos humanos. Possui nove meses de organização, sendo que anteriormente havia trabalhar há 3 anos na mesma, e teve que interromper sua carreira pois optou fazer um intercambio. Hoje ocupa o cargo de analista de processos.

A entrevistada E3-INT se identifica pelo gênero feminino, tem 35 anos de idade e é formada em psicologia com especialização em gestão e prática de recursos humanos. Atualmente é Head da área de treinamento e desenvolvimento, e evidencia que é um cargo de gerência. Trabalha na organização há 5 anos.

O entrevistado E4-INT se identifica pelo gênero masculino, tem 33 anos de idade, é formado em teologia e cursa engenharia civil. Morou durante algum tempo no exterior, onde ganhou conhecimentos e experiências de vida. Vem de uma família campesina, que denominou como precursora de uma vida mais econômica. Está há 3 anos na organização e ocupa do cargo de líder de operação.

A entrevistada E5-INT se identifica pelo gênero feminino, tem 32 anos de idade e possui especialização em gestão financeira, controladoria, auditoria, *business financial management* e é certificada pelo Black Belt Lean Six Sigma. Está há 1 ano na organização e ocupa o cargo de *controller* da América latina e é coordenadora de *risk and internal control*.

A entrevistada E6-INT se identifica pelo gênero feminino, tem 30 anos de idade e é formada em relações públicas com especialização em marketing. Com mais de 4 anos de organização, foi convidada a trabalhar na França, assumindo um cargo de comunicação global. Hoje a entrevistada ocupa o cargo de coordenadora de comunicação corporativa da América do sul.

O entrevistado E7-INT se identifica pelo gênero masculino, tem 40 anos de idade e tem especialização em gestão de projetos. Há 4 anos trabalha na organização.

Quanto aos dados sobre a pesquisa documental (Quadro 3), as fontes foram documentos institucionais fornecidos pela organização e também a análise do endereço eletrônico disponível. A pesquisa documental teve o objetivo de compreender a história das organizações relacionadas ao contexto sustentável, bem como identificar fatores que demonstrassem o conceito e o significado de sustentabilidade para a organização. Os dois tipos de coleta de dados ajudaram a compreender a coerência e o alcance dos objetivos organizacionais, tanto na incorporação dos conceitos nos pesquisados, quanto na abordagem externa encontrada a partir dos documentos.

Quadro 3 – Documentos analisados

Organização	Documento analisado	Código	Ano
NAC	Código de Conduta	DOC01	2013-2017
NAC	Site	DOC02	2018
NAC	Relatório de Gestão e Sustentabilidade	DOC03	2017
INT	Relatório de Responsabilidade Corporativa	DOC03	2017
INT	Site internacional	DOC04	2018
INT	Site nacional	DOC04	2018

Fonte: elaborado pela autora

3.4.3 Categorias de Análise

Decorrente das contribuições apresentadas até o momento foi possível identificar, em âmbito teórico, os conceitos relacionados à sociologia de Pierre Bourdieu, juntamente com a base teórica do desenvolvimento sustentável e da sustentabilidade por meio dos estilos de raciocínios de Balbinot e Borim-de-Souza (2012). Desta forma, o quadro 4 apresenta as categorias de análise que guiaram a compreensão dos significados utilizados por esta pesquisa.

A elaboração das categorias de análise permite entender como a pesquisa teórica auxiliará a pesquisa empírica. Este agrupamento de conceitos não despreza o texto elaborado anteriormente, mas apresenta um caminho organizado para o pesquisador alcançar os objetivos propostos.

Quadro 4 – Categorias de Análise

Conceito	Definição Conceitual	Definição Operacional	Referências
Campo	Região invisível micro previsível, estruturada e organizada a partir dos esquemas de diferenciação, legitimação e de representação. Relativamente autônoma ao espaço social, que difunde, produz e reproduz as práticas sociais que se organizam em torno de um certo objetivo.	Refere-se a região ocupada por agentes que produzem e reproduzem práticas sociais e é caracterizado por motivos, interesses e posições de poder dos agentes.	BOURDIEU (1996; 2004a; 2004b; 2012)
Capitais	Trabalho de acumulação que possui capacidades estratégicas adquiridas (posse de algo), que tem o poder de criar, manter ou modificar certo campo. É uma riqueza externa convertida em parte integrante do agente.	Capacidade econômica reconhecida pelo campo como fator influenciador para a questão sustentável.	BOURDIEU (1992; 2007b; 2011)
	Capital Econômico: Bens economicamente mensuráveis, que sua posse pode ser facilmente transferida.	Capacidade cultural interiorizada, institucionalizada ou objetivada reconhecida pelo campo como fator influenciador ou mesmo determinante para questões sobre a sustentabilidade.	BOURDIEU (2007b; 2011)
	Capital Social: Estratégia adquirida por meio de herança social, pertencimento à grupos e legitimação do campo. Posse de redes duráveis de relações institucionalizadas ou não.	Pertencimento a redes que são reconhecidas pelo campo e possui a possibilidade de influenciar ações relacionadas à sustentabilidade	BOURDIEU (2012; 2009; 2004a); WACQUANT (2007)
Habitus	Disposições duráveis e socialmente construídas que une ou separa o agente da estrutura do campo. Intervalo temporal estável, permanente não duradouro que representa o desenvolvimento dos efeitos da força social incidente sobre certo agente. Relação que faz a mediação entre estrutural social e prática individual.	Ação ou intensão criada a partir do indivíduo ou a partir da influência do campo. Disposições que permeiam as relações sociais do campo organizacional relacionado com a sustentabilidade.	BOURDIEU (2012; 2009; 2004a); WACQUANT (2007)
Estilos de raciocínios de Balbinot e Borimde-Souza (2012)	1ª Dimensão	O mundo acontece independente do ator social	Possui acordos institucionais, que analisa o desenvolvimento sustentável por uma visão reducionista, não considera a crise ambiental como problema primário, pois não possui olhar macro para o ambiente social e natural; Possui influências do paradigma Sustaincentrismo, da versão conceitual acadêmica e do significado da sustentabilidade Social.
	2ª Dimensão	Ontologia: Objetivista Epistemologia: Positivista	
	3ª Dimensão	Paradigma Dominante: Tecnocentrismo Abordagem desenvolvimentista do desenvolvimento sustentável. Possui ideias de crescimento econômico limpo e igualitário. Considera as organizações detentoras de capacidades produtivas e inovadoras com a responsabilidade de	

3.5 ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados é um processo de formação de significações e sentidos sobre os dados e além dos dados coletados. Se consolida a partir da relação entre o pesquisador e os pesquisados, sejam ele pessoas ou instituições. Esta relação acontece mediante um processo complexo que envolve análise de dados concretos e também conceitos e dados abstratos, que envolve ainda o raciocínio indutivo e dedutivo, entre descrições e interpretações (TEIXEIRA, 2003).

A análise de dados enquanto análise qualitativa representa uma etapa do processo de investigação científica, que se torna fundamental no campo organizacional, pois é a classificação e a interpretação de material linguístico ou visual, que permite fazer afirmações sobre as dimensões e as estruturas explícitas ou implícitas na construção de significados apresentados pelos dados coletados para compreender e desenvolver, de maneira qualificada, pesquisas e estudos em fenômenos organizacionais e gerenciais (FLICK, 2014; TEIXEIRA, 2003).

Os significados subjetivos ou sociais são também usados como parâmetros para descobrir ou descrever problemas no campo e na estrutura de processos, rotinas e práticas. A análise qualitativa de dados possui o objetivo de relacionar e aproximar materiais a partir de uma análise detalhada como elaboração de categorias, interpretações hermenêuticas ou estruturas identificadas (FLICK, 2014).

Esta abordagem representa uma fase da pesquisa que, primeiramente, é apresentada mediante ao processo complexo de verificação de semelhanças, padrões e diferenças dos dados coletados, e posteriormente apresenta a percepção dos significados a partir de dados coletados por diversos meios de coletas (FLICK, 2014).

Com a necessidade de perceber, mapear e compreender a estrutura e os fatores que acarretam discussões das narrativas vinculadas à sustentabilidade, optou-se pela análise de narrativas de abordagem construcionista como método de análise de dados. Este tipo de análise, representa um nível analítico que permite compreender e explorar a complexidade das relações pessoais, sociais e aquelas que se baseiam em posicionamento social e principalmente aquelas relacionadas com o poder (ESIN; FATHI; SQUIRE; 2014). Esta abordagem, considera que as narrativas são “conversas” que não percorrem um caminho racional e livre de valores entre

sujeitos e posicionamento de sujeitos. As narrativas são alianças, conflitos e negociações que são conduzidas de acordo com as leis vigentes do campo, não possuindo uma razão ou mesmo um afeto particular. Desta forma, o sujeito enquanto agente pesquisado assume uma posição particular, e inevitavelmente vê o mundo a partir do ponto de vista desta posição (DAVIES; HARRÉ, 1990; ESIN; FATHI; SQUIRE; 2014), e em termos de cargos, responsabilidades e níveis de compreensão sobre o tema sustentabilidade, apresenta seu posicionamento neste campo discursivo.

A diferença entre a análise de narrativas e a análise de narrativas de abordagem construcionista está no foco de análise dos dados encontrados. Enquanto a primeira permite compreender por meio das narrativas, aspectos relacionados com valores, perspectivas de mundo e fatores históricos, compreendendo o texto em sua totalidade, naturalidade e grandiosidade (WEICK, 1995; ESIN; FATHI; SQUIRE; 2014), a segunda possui um caráter multidisciplinar. A análise de narrativa construcionista compreende o meio social do agente enquanto integrante de uma sociedade dinâmica e diversificada, assume uma postura crítica, pois não considera as narrativas como algo dado e estabelecido, e destaca-se por uma abordagem ética, pois considera o relacionamento entre o pesquisador e o pesquisado (BASTOS; BIAR, 2015). A análise de narrativa construcionista não está interessada em estados internos que podem ser separados das próprias narrativas, mas interessa-se pelos estados produzidos socialmente pelas narrativas, evidenciando as próprias narrativas como fenômenos sociais (ESIN; FATHI; SQUIRE; 2014).

Ligada à construção identitária e interação social, o método se aproxima da linguística contemporânea aplicada (MOITA-LOPES, 2002) e da perspectiva epistemológica construcionista (MOITA-LOPES, 2002; GERGEN, 1998). Segundo Holstein e Gubrium (1998) a abordagem torna-se distinta pois possui crítica ao naturalismo e conseqüentemente foca sua atenção na diversidade, nas contradições e nos fracassos de significados. Considera também a constituição mútua de significados entre os participantes, pesquisadores e principalmente o contexto da pesquisa, onde "contexto" está relacionado aos muitos níveis de relações de poder (ESIN; FATHI; SQUIRE; 2014). Segundo Bourdieu (2015) a maneira de compreender as características do campo é a partir da identificação do local de fala do agente, do seu contexto, do que o agente faz e qual o seu interesse representado pela narrativa.

Dortier (2008) menciona que as mudanças culturais que ocorreram na vida de Bourdieu possibilitou que ele enxergasse os códigos implícitos na sociedade. Para Alves (2008) a inquietação de Bourdieu também aconteceu mediante ao contexto em que o sociólogo vivia, sua própria diferença social com relação ao contexto em que esteve inserido acarretou em uma experiência contraditória, que o fez compreender as linguagens que cercavam o mundo das ideias, e que construíam as regras sociais. Logo, compreender seu posicionamento enquanto pesquisador é fundamental para entender o posicionamento de sua narrativa enquanto autor de obras sociológicas.

A ênfase da análise de narrativas pela abordagem construcionista não está nos roteiros cognitivos, e nem nos discursos internalizados pelos indivíduos, mas sim na narrativa como veículo que percorre a vida, os “eus” e os mundos, a partir das relações sociais que a narrativa conta. Desta forma, o objetivo deste tipo de análise é enfatizar a narrativa como forma de ação social e fenômeno sociocultural, que não configura uma observação livre de teorias, mas sim uma construção historicamente e teoricamente condicionada pelo pesquisador (SPARKES; SMITH, 2008).

Segundo Atkinson, Coffey e Delamont (2003) as pessoas fazem coisas com a linguagem e fazem coisas com narrativas. Eles usam biografias para realizar ações sociais e através delas constroem suas vidas e contam as dos outros. É nesta perspectiva que a análise de documentos apresenta a região das palavras e região das narrativas. É necessário considerar as culturas, os tipos de funções e também os tipos organizacionais que não são contados pelos narradores, mas sim percebidos pelo pesquisador (SPARKES; SMITH, 2008).

Deste modo, o emprego deste método foi plausível a medida em que proporcionou o esclarecimento da construção do campo permeado pela sustentabilidade nas duas organizações pesquisadas, não apenas pela narrativa do entrevistado que conta o seu significado, mas também pela narrativa do entrevistado que conta o significado organizacional em diversos níveis de relações. Este mapeamento do campo em sua respectiva tríade (campo, capitais e *habitus*), fomenta a reflexão do poder estrutural sobre o agente como membro pertencente ao meio organizacional, abrindo caminhos de observações individualizadas e também globalizadas.

Segundo Esin, Fathi e Squire (2014) é difícil predefinir as etapas a serem trabalhadas pelo pesquisador, pois a análise de narrativa construcionista não

fornece diretrizes rígidas para identificar ou obter informações sobre quais aspectos devem ser investigados. O objetivo, portanto, é compreender, por meio da pesquisa e do pesquisador, os múltiplos contextos que constituem as histórias contadas, e por meio das histórias identificar os elementos que se interconectam e configuram as narrativas.

Desta forma, a construção das etapas de análise dos dados (quadro 5), estabelece uma ordem de acordo com a metodologia adotada e também por meio da teoria e dos objetos de pesquisa escolhidos. Segundo Esin, Fathi e Squire (2014) este trabalho está ligado diretamente ao pesquisador e não ao método de análise de narrativa construcionista. Assim, a primeira etapa de análise dos dados que esta pesquisa seguiu foi a transcrição das entrevistas e separação dos documentos. A seleção dos documentos foi feita mediante ao objetivo do documento, ou seja, foram escolhidos documentos que apresentassem dados sobre a sustentabilidade praticada na organização.

A etapa dois representa a eleição de trechos das narrativas que denunciavam os conceitos apresentados na definição operacional de variáveis, com o objetivo de classificar as narrativas que justificassem e apresentassem a relação entre sujeito e organização, e organização e sociedade. Ou seja, foram elegidos trechos em que se estabelecesse as características discursivas do campo, dos capitais e do *habitus* que se relacionavam com a sustentabilidade.

A etapa três diz respeito a análise dos dados, e foi dividida em cinco sub-tópicos: a) o primeiro abordou a apresentação da organização; em sequência apresentou-se b) o posicionamento do pesquisador e a abordagem ética como possíveis influenciadores de narrativas; o terceiro tópico revela c) a tríade bourdieusiana; o quarto d) o foco da análise das narrativas que abordam os conceitos sobre sustentabilidade; e e) a relação entre os conceitos de Pierre Bourdieu e a sustentabilidade.

No primeiro tópico, buscou-se evidenciar a organização como agente pesquisado, apresentando sua natureza de operação e o contexto em que ela está inserida. No segundo tópico, esta pesquisa buscou apresentar a posição do pesquisador enquanto membro que escolhe o pesquisado e membro escolhido como ouvinte. Desta forma, descreveu-se a relação de poder entre o pesquisador e o pesquisado no momento da entrevista. Esta relação pôde ser evidenciada na apresentação dos pesquisadores ao pesquisado e no momento da introdução ao tema

a ser investigado pelos pesquisadores. A escolha ética de pesquisa também foi considerada como possível influenciador da construção das narrativas. Tanto o local da entrevista quanto a escolha de não evidenciar os nomes das organizações foi considerada.

O tópico três apresentou a interpretação das narrativas que caracterizavam a tríade bourdieusiana. Para campo, foi considerado o alcance da organização enquanto promotora de responsabilidades e ações vinculadas à sustentabilidade que são promovidas dentro e fora da organização. Para capitais, foram consideradas as ações estratégicas que a organização possui, caracterizando as narrativas em capital cultural, social e econômico. E para *habitus*, foram analisadas ações interiorizadas que caracterizavam o relacionamento entre agente e organização.

O quarto tópico corresponde ao foco de análise das narrativas relacionadas com a sustentabilidade por uma interpretação a partir do *framework* de Balbinot e Borim-de-Souza (2012). Este tópico apresentou tanto o interesse em narrativas que apresentem a constituição mútua de significados sobre sustentabilidade, quanto na diversidade de significados sobre sustentabilidade, como forma de evidenciar as contradições e os fracassos vinculados aos significados apresentados pelos pesquisados, ou seja, em respostas como “não sei”, “não consigo definir” ou “não faz parte do meu trabalho” traduziu o fracasso do significado atribuído à sustentabilidade, uma vez que a organização possui práticas e ações sobre o tema e também fomentam o conhecimento organizacional sobre sustentabilidade.

O quinto e último tópico foi apresentado por meio de uma relação entre a tríade bourdieusiana e os estilos de raciocínio de Balbinot e Borim-de-Souza (2012). Esta relação aconteceu mediante a interpretação das narrativas dos agentes pesquisados. O resumo do procedimento de análise adotado por esta pesquisa encontra-se no quadro 5.

Quadro 5 – Etapas de análise de dados

Etapas	Descrição
Etapa 1	Transcrição das narrativas; Separação de documentos.
Etapa 2	Seleção de trechos das narrativas, por meio da transcrição, que descreviam os conceitos a partir da base operacional criada;
Etapa 3	<p>Interpretação dos trechos das entrevistas e do conteúdo documental com base nas categorias de análise criadas a partir da pesquisa teórica e observação pela análise de narrativa construcionista:</p> <p>a) Apresentação do objeto de pesquisa</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação das organizações em seus contextos; - Análise do posicionamento do pesquisador no momento da entrevista; - Estabelecimento da relação de poder entre pesquisador e pesquisado; - Análise da abordagem ética como influenciadora da construção de significados das narrativas. <p>b) Posicionamento do pesquisado e do pesquisador:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Análise do posicionamento do pesquisador no momento da entrevista; - Estabelecimento da relação de poder entre pesquisador e pesquisado; - Análise da abordagem ética como influenciador da construção de significados das narrativas. <p>c) Revelação da tríade bourdieusiana</p> <ul style="list-style-type: none"> - Revelação do campo das organizações; - Revelação dos capitais das organizações; - Revelação do habitus das organizações. <p>d) Constituição e interpretação dos significados sobre sustentabilidade por meio dos estilos de raciocínio de Balbinot e Borim-de-Souza (2012)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Concordância de significados; - Diversidade de significados; - Fracasso de significados. <p>e) Comparação entre as duas organizações pesquisadas, considerando o “contexto” organizacional, a tríade bourdieusiana e a sustentabilidade.</p>

Fonte: Elaborado pela autora

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Com o intuito de responder aos objetivos gerais e específicos desta pesquisa, bem como à metodologia adotada, este capítulo aborda as análises relacionadas às duas organizações pesquisadas. Inicia-se, por meio de dados públicos, a apresentação da organização enquanto agente pesquisado. Em seguida, é abordado o posicionamento do pesquisador e do pesquisado no momento da entrevista, e a abordagem ética. Logo após, é revelado o campo, *habitus* e os capitais encontrados em cada organização por meio das narrativas dos pesquisados e por meio da narrativa da organização apresentado em fontes públicas. Posterior a isto é apresentada uma análise referente aos tipos de sustentabilidade encontradas nas narrativas, categorizado a partir do framework de Balbinot e Borim-de-Souza (2009), juntamente com a apresentação de relações entre as duas organizações pesquisadas e também entre as narrativas encontradas nas organização por meio das entrevistas realizadas e por meios públicos (sites e relatórios). E por fim, apresentou-se uma relação dinâmica da sociologia bourdieusiana com a sustentabilidade.

4.1 OBJETO DE ESTUDO - ORGANIZAÇÃO COMO AGENTE PESQUISADO

Este tópico tem por objetivo apresentar as organizações pesquisadas, que foram identificadas pelos nomes fictícios de "NAC" e "INT", conforme descrito na metodologia. Foi apresentada a organização como agente pesquisado, com o objetivo de demonstrar características das duas organizações, corroborando para a delimitação do posicionamento da organização no campo que discursa a sustentabilidade, bem como a sustentabilidade que permeia o campo organizacional. Segundo Samra-Fredericks (2008) o interesse nas formas como diversos membros narram ou gerenciam a mesma história ou processos organizacionais leva o pesquisador a um vasto campo de elementos contextuais e textuais que auxiliam a compreensão do significado da história do campo a partir de tais narrativas.

É nesta abordagem que a compreensão da história da organização, bem como a história do pesquisado, que será abordada no próximo tópico, são importantes para esta pesquisa, pois informam a base relacional e comunal, que ao

mesmo tempo é sutil e complexa, entre culturas, sociedades, organizações e campos que discutem e são impactados pelas narrativas sobre sustentabilidade.

Desta forma, este tópico é iniciado pela apresentação da organização NAC, e posteriormente a organização INT. Os dados aqui demonstrados foram retirados de meios públicos (*sítes* e relatórios) disponibilizados pelas organizações. Considera-se então, que os dados apresentados ao público caracterizam a narrativa de cada organização por meio de uma narrativa em forma de texto.

4.1.1 Objeto de estudo – organização NAC

A “NAC” é uma organização nacional que atua no ramo de cooperativa médica. Iniciou suas atividades em 1967 com transformações estruturais da Previdência Social, que proporcionaram a queda no padrão de atendimento médico do setor público e o surgimento de novas seguradoras de saúde. Com o objetivo de impedir a mercantilização da medicina, a proletarização do profissional médico, e a queda da qualidade da assistência aos que necessitavam, a organização NAC surge com natureza cooperativista pelas “mãos” de médicos com a capacidade de completar o trabalho do sistema público brasileiro.

O sucesso do cooperativismo médico estimulou a cooperativa a organizar filiais em todo o Brasil. Seu início ocorreu no interior de São Paulo, passando para o Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Brasília. Hoje a organização NAC atua em aproximadamente 84% do território nacional. Suas operações encontram-se espalhadas por todo o território brasileiro, não apenas em capitais, e se faz presente principalmente nas regiões Sul e Sudeste.

No paraná a NAC iniciou suas atividades em 1979 com unidades em Londrina, Curitiba, Guarapuava e Ponta Grossa. Em 2018, a organização possui mais de 20 filiais espalhadas pelo estado, com aproximadamente 10 mil médicos cooperados, 1,5 milhões de beneficiários, 1.500 clínicas filiadas, 250 hospitais filiados e 500 laboratórios filiados.

No Brasil contam com mais de 300 unidades, e cerca de 115 mil médicos cooperados, que atendem não somente os clientes diretos, mas também aos beneficiados por aoes sociais desenvolvidas por um setor voltado para o desenvolvimento de atividades dentro da temática da responsabilidade social e sustentabilidade. São aproximadamente 21 milhões de clientes, gerando mais de 95

mil empregos diretos. A NAC também possui laboratórios e farmácias próprias no país, cujo foco é desenvolvimento interno e incentivo à pesquisa.

Tal responsabilidade social fica mais evidente em 1998, quando foi criada uma diretoria nacional, que direcionou esforços organizacionais regionais para uma nova política de operação de planos de saúde em âmbito nacional, e que à partir de 2002 passa a tratar em seu *modus operandi* de questões relacionadas à responsabilidade social aliada com suas atividades organizacionais. Criou-se mais tarde um departamento exclusivo para o fomento e desenvolvimento de ações que visavam a promoção do bem-estar social para clientes e para a comunidade que se encontra nas regiões em que atua.

A responsabilidade social é comprovada, por meio de certificações, apresentadas em seu próprio site, de selos e prêmios conquistados pela organização. Esta possui ainda alguns programas sociais de autoria própria e participações de campanhas de voluntariado, arrecadação de doações e setor voltado para a sustentabilidade e compromissos conectados à sociedade.

A organização NAC possui um código de conduta que aborda comportamentos pessoais e coletivos, relacionamento com clientes e abordagens com questões relacionadas à sustentabilidade, transmitindo a transparência de suas ações e exigências. Este documento, que aborda exclusivamente tais questões, apresenta o meio pelo qual a cúpula nacional desenvolve a filosofia e a política da organização.

A NAC tem como valores: Cooperação; Ética e Transparência; Compromisso com a Vida; Excelência; Inovação; Comprometimento com Cooperados, Colaboradores, Clientes, Sociedade e Sustentabilidade. Sua visão é ser referência em saúde, e tem por missão fortalecer o trabalho conjunto das unidades da empresa para fomentar o cooperativismo.

Desta forma, a organização NAC possui um arcabouço de especificações sobre o trabalho realizado, bem como relatórios e códigos que conduzem e apresentam o trabalho organizacional voltado à sua natureza de operação e também ao desenvolvimento social local e nacional.

4.1.2 Objeto de estudo – organização INT

A organização INT é uma empresa francesa, que atua no ramo de soluções tecnológicas para organizações de diversos setores. Atua por meio de serviços e também produtos desenvolvidos pela própria organização. Fundada em 1997 emprega hoje possui cerca de 120 mil funcionários em 73 países diferentes, porém seu foco de atuação está na Europa e na Ásia.

Com receita anual de mais de €10 bilhões, a organização INT é uma das referências globais em soluções tecnológicas para diversos setores. Com diversas marcas, o grupo denominado por esta pesquisa como INT oferece serviços tecnológicos como assessoria em sistemas operacionais até construção de sistemas de transações eletrônicas, segurança cibernética, Big Data entre outros.

Com relação à responsabilidade social e às práticas sustentáveis, o compromisso da organização está presente nas diversas áreas de seus negócios. Pode ser visto por meio da sua alta classificação nos índices de sustentabilidade, certificados apresentados, que, combinados com a tecnologia e inovação dos serviços oferecidos pela a organização, promovem sociedades mais sustentáveis.

Dentre as preocupações da organização, destaca-se quatro grandes grupos: Pessoas, Negócio, Ética e Meio Ambiente. A INT coloca as pessoas em primeiro lugar, e baseia sua estratégia de negócio no desenvolvimento empreendedor de seus colaboradores. As pessoas também se fazem presentes no grupo denominado negócios, esta preocupação busca garantir altos níveis de satisfação do cliente, quando fornecem serviços direcionados para a transformação empresarial que antecipa suas necessidades e diminui a ineficiência do seu cliente. A ética percorre toda a organização, esta abordagem permite a construção de uma governança sólida, orientada pela sustentabilidade que garante a objetividade da responsabilidade por ela empregada. E a preocupação com meio ambiente apresenta-se a partir de um olhar macrosocial, que preocupa-se com as mudanças climáticas e destina sua inteligência em tecnologia pra fomentar programas que corroboram para a economia de baixo carbono e resiliência ao clima.

Nos últimos anos, a INT intensificou suas relações com *startups*, universidades e institutos de pesquisa, visando projetar e oferecer propostas

inovadoras para seus clientes. A visão da empresa consiste em desenvolver a sociedade por meio da tecnologia, e facilitar as estratégias organizacionais relacionadas a tecnologia.

4.2 RELACIONAMENTO ENTRE PESQUISADOR E PESQUISADO

A escolha pela entrevista semiestruturada como método de levantamento de dados abre espaço para perguntas pontuais de acordo com o tema proposto. Porém as contribuições dos pesquisados não são simplesmente trocas racionais e livres de valores, carregam consigo, a partir da sua narrativa, conflitos, negociações e relações de poder. Segundo Davies e Harré (1990) o agente, ao assumir uma posição, inevitavelmente vê o mundo a partir desta posição particular, e cria imagens, metáforas, enredos e conceitos que tornam sua posição uma história vivida e não apenas uma história contada (ESIN; FATHI; SQUIRE, 2014).

Decorrente disso, a evidenciação do pesquisador e da abordagem ética nesta pesquisa, permitem entender a profundidade das relações criadas no momento da entrevista e a história de vida narrada pelos entrevistados. Segundo Esin, Fathi e Squire (2014) este tipo de esclarecimento tem o objetivo de apresentar ao leitor as relações pessoais, sociais e o nível de poder encontrado na entrevista e também no cotidiano vivido pelo entrevistado.

Considera-se que as relações de poder e a abordagem ética possuem a possibilidade de moldar a narrativa do pesquisado ao analisar o contexto, ou seja, o pesquisador como membro de um programa de mestrado, com capitais culturais, tanto incorporado quanto objetivado pela representação da instituição UEL (Universidade Estadual de Londrina) e pela abordagem ética utilizada, que permite ocultar o nome do entrevistado, podem influenciar aspectos que guiam as narrativas apresentadas, acarretando em uma falha de significados, ou mesmo aspectos que são ocultados devido ao processo formal caracterizado por uma entrevista dentro da organização.

Desta forma, julgou-se necessária a análise deste tipo de relação entre pesquisador e pesquisado, bem como o conhecimento do contexto do pesquisado, com o objetivo de encontrar pontos que marcam características do campo da sustentabilidade, que permeia o indivíduo no seu cotidiano. Assim, este tópico

apresenta a possível influência da abordagem ética e as relações entre pesquisador e pesquisado enquanto membro da organização.

4.2.1 Posicionamento do pesquisador nas organizações NAC e INT e a abordagem ética

Ao pesquisar empiricamente as empresas analisadas, por meio da fala dos indivíduos entrevistados, se fez necessário antes de qualquer outra ação por parte do pesquisador, contextualizar o entrevistado sobre aquilo que se pretende pesquisar e sobre o trabalho que se utilizará de tais dados. Antes de todas as entrevistas, realizou-se uma introdução sobre a temática central do trabalho, sobre o desenvolvimento do trabalho em si, bem como uma explicação sobre a instituição que está realizando a pesquisa e que os dados obtidos, seriam anonimamente e aleatoriamente utilizados para garantir a segurança e a liberdade discursiva do entrevistado.

Na organização NAC após tal contextualização, em uma sala disponibilizada pela organização, realizou-se uma breve conversa informal sobre a própria pessoa e como ela entrou na empresa, como um meio de criar um ambiente mais confortável para ambos (pesquisador e pesquisado). Todas as entrevistas foram realizadas apenas por um pesquisador membro do grupo de pesquisa EOSI. Iniciou-se então as entrevistas que seguiram um roteiro semiestruturado, cujas perguntas iniciais foram realizadas para fins de catalogação e que não foram usadas de forma a permitir a identificação dos entrevistados.

Passou-se então para as perguntas qualitativas sobre a temática, que se baseou no uso de perguntas abertas de forma a dar liberdade ao entrevistado para que ele falasse sobre o tema sem precisar ser assertivo. Percebeu-se que os entrevistados que não atuavam em áreas ligadas diretamente à sustentabilidade demonstravam certa ansiedade antes de começar a entrevista, dois deles verbalizaram uma mesma preocupação antes de iniciar a gravação, que estavam nervosos em falar sobre um tema que não conheciam muito bem na frente de um pesquisador, mostrando um receio de responder errado.

Para tranquilizar tais entrevistados, a conversa informal antes das entrevistas foi importante, pois nesse período estes entendiam que não haviam respostas certas ou erradas, tiravam dúvidas sobre a pesquisa e conheciam

brevemente os pesquisadores. Ainda assim, alguns tinham dificuldades em falar sobre, não conseguiam responder olhando nos olhos e ficavam com as mãos inquietas.

Um dos entrevistados da organização NAC, que faziam parte do departamento de sustentabilidade, quando perguntando o porque da ansiedade, uma vez que trabalhava com o tema e o conhecia, o entrevistado respondeu: receio de falar alguma “bobagem” e passar uma imagem profissional errada.

Percebe-se, na descrição acima, a preocupação em apresentar uma abordagem profissional coerente com aquela que o pesquisador já possui. A influência do pesquisador frente ao entrevistado é legitimada pelo capital cultural nele já incorporado sobre a sustentabilidade. O fato de fazer uma pesquisa sobre sustentabilidade em uma organização com práticas sustentáveis pode soar como uma forma de verificação das ações por ela praticada, o que pode acarretar desvios discursivos.

Desta forma, fez-se necessário o uso de uma linguagem mais simples e sem termos técnicos para que não constrangesse ou coagisse os entrevistados. Evitou-se utilizar termos que indicassem juízo de valor e perguntas que direcionam as respostas dos indivíduos. Termos como “Você não acha que...” ou “Por que não poderia ser de outro jeito...” foram evitados, dando preferência para “O que pensa sobre...” e pedindo ainda para o entrevistado explicar seu ponto de vista sem precisar usar termos técnicos.

Quando perguntado para o entrevistado E1-NAC sobre a sustentabilidade para a organização, este apresentou uma área a qual acredita que a organização não explora, que é a sustentabilidade econômica, e logo em seguida elogia os trabalhos já realizados pela organização, caracterizando um receio em dizer uma nova ideia sem antes engrandecer o trabalho já realizado:

Mas tem uma outra área que eu penso que a gente ainda não trabalha, que é a sustentabilidade do negócio em si, do cooperado com a cooperativa. Como que o cooperado se comporta com a cooperativa para a manutenção do negócio, enfim, essa é uma área de sustentabilidade que eu vejo, que a cooperativa ainda trata o cooperado como um associado, como um sócio, como um acionista, e aí teria campo para evoluir. Não que seja errado o jeito que está hoje, muito pelo contrário, eu só acho que tem campo para evoluir, é... é... um pensamento (entrevistado E1-NAC).

Este fato caracteriza uma possível inovação aos processos sobre sustentabilidade para a organização, mas a narrativa deste pesquisado apresenta receios ao abordar um novo tema sem priorizar o trabalho já realizado pela

organização, delimitando sua posição de submissão dentro do campo organizacional relacionado à sustentabilidade. Este fato também pode estar relacionado à abordagem ética utilizada, isto é, mesmo delimitando que os dados seriam confidenciais, a entrevista foi gravada, com o objetivo de auxiliar na análise dos dados, o que possibilita provar narrativas sobre a organização, muitas vezes comprometedoras.

O entrevistado E3-NAC quando questionado se concordava com o significado da sustentabilidade apresentado pela organização, ele hesita por uns instantes e responde que sim, e logo em seguida o pesquisador pergunta se o entrevistado discordava em algum ponto, pois sente, por meio da hesitação que o entrevistado deixa de dizer algo, mas o entrevistado não quis responder:

Pesquisador: Discorda em algum ponto?

Pesquisado: (hesita por alguns instantes) em alguns pontos, mas não sei se cabe dentro da pergunta assim, não sei se é relevante.

Pesquisador: Mas se quiser falar fique à vontade, gostaria de ouvir!

Pesquisado: Não, não!

Ao contrário do entrevistado E1-NAC o E3-NAC não se sente à vontade em construir o significado da sustentabilidade para a organização. Identifica-se que o entrevistado prefere não responder ao invés de responder algo que ele julgue compreender. Não é possível identificar neste momento se o entrevistado fica constrangido pela entrevista ou se ele não concorda com a narrativa apresentada pela organização. De qualquer forma, o E3-NAC não conclui sua narrativa.

Na organização INT, as entrevistas também ocorreram em uma sala disponibilizada, onde do lado externo da sala ficou um funcionário do departamento de relações humanas da organização, responsável por chamar os entrevistados de diversas áreas de acordo com a disponibilidade dos colaboradores. Os pesquisadores se posicionaram no interior da sala e conforme os entrevistados eram chamados, eles adentravam ao local de entrevista.

Antes de iniciar as entrevistas, os pesquisadores também se apresentaram e explicaram o funcionamento das entrevistas, o tema pesquisado, a finalidade da pesquisa e a abordagem ética adotada, que permitia total confidencialidade aos pesquisados.

Ao todo, foram realizadas seis entrevistas semiestruturadas com a participação de dois pesquisadores, e uma entrevista foi realizada com a participação de apenas um deles. O pesquisador chamado de "A" cursa graduação em administração, é membro do grupo EOSI e esteve presente em todas as entrevistas,

e o pesquisador chamado de "B" cursa mestrado em administração, é membro do grupo EOSI e esteve presente em seis entrevistas. As entrevistas foram conduzidas pelo pesquisador A, e quando necessário, o pesquisador B interferia.

Com relação ao posicionamento entre pesquisado e pesquisador notou-se pelas respostas e pelos olhares dos pesquisados, que a atenção estava voltada ao pesquisador B e não ao pesquisador A que conduzia as perguntas. Percebeu que o capital cultural relacionado ao nível acadêmico do pesquisador B foi um fato que influenciou a atenção dos entrevistados, legitimando assim uma relação de poder não só do pesquisador B com relação aos entrevistados, mas também declarou a dominação do pesquisador B sobre o A.

O fato ficou mais evidente na última entrevista, que foi conduzida totalmente pelo pesquisador A. O entrevistado E7-INT ao final da entrevista sugere ao pesquisador A alterações no roteiro de pesquisa, o entrevistado mencionou que as perguntas foram muito "amplas" e que se forem melhor conduzidas seria uma entrevista mais direcionada. Evidenciando o papel dominante que o entrevistador B obteve mediante ao capital cultural incorporado.

Segundo Bourdieu (1996) o capital só se torna uma estratégia de dominação do campo quando legitimado pelos integrantes do campo. Logo, os capitais representam uma forma de diferenciação e de demarcação de posição no campo, a partir da qual os grupos se distribuem e se difundem em função dos princípios do próprio campo.

Nota-se que nesta organização a entrevistada E5-INT não sofre influência da abordagem ética, pois em uma das perguntas sobre a abordagem da organização com relação aos procedimentos internos, a entrevistada menciona que:

Quando eu fui, eu vou falar porque não é confidencial, não é tão confidencial, quando eu vim para a empresa, sai da empresa X e vim para cá, o projeto que eu iria trabalhar era "nós vamos trazer metade do operacional de finanças para Londrina, esse era o propósito, então eu vim com a figura de coordenar esse projeto, e nossa, vou fazer acontecer, então fiz todo o levantamento de custos, dos benefícios, até do retorno de investimento, quanto tempo, e eu apresentei, e o projeto simplesmente foi barrado (E5-INT).

Tal narrativa permite compreender que a entrevistada não sofre poder simbólico ao falar sobre os problemas acontecidos em sua contratação, mas permite compreender a força e o poder que a organização possui em modificar estratégias, transformando o profissional contratado em reproduzidor de abordagens já delimitadas.

Desta forma, as narrativas ouvidas na organização INT não possuem tanto distanciamento entre pesquisador e pesquisado. Por ser uma organização internacionalizada, com o seu desenvolvimento humano mais avançado, permite que as narrativas não transmitam tal característica sobre o poder que distingue posições sociais. O que diferencia dos entrevistados da organização NAC, que se colocam em uma posição inferior ao pesquisador.

4.3 REVELANDO O CAMPO DAS ORGANIZAÇÕES

A manifestação narrativa de um indivíduo pode denunciar não somente sua posição relativa no campo, mas também interesses e conhecimentos que permeiam seus pensamentos sobre as temáticas com as quais se depara na sociedade. Entende-se que os indivíduos não são meros reprodutores estruturais, verifica-se tal fato na presença da capacidade de inovação, criação e repugnação presente nas narrativas de agentes que incorporaram conjuntos de significados compartilhados semelhantes entre si. É a capacidade de indivíduos, com experiências e conhecimentos semelhantes, em interpretar um mesmo fenômeno de maneiras diferentes que denota um importante fato: mesmo sujeito às pressões das estruturas, o agente possui em si a capacidade de incorporar, aceitar ou rejeitar tais valores inscritos nas estruturas que se impõe sobre ele (BOURDIEU, 1990; 1992).

Nesta perspectiva, este tópico possui o objetivo de apresentar as características que compõem um campo que discute e constrói significados sobre a sustentabilidade, sejam eles construídos coletivamente ou desconstruídos individualmente. Estas características foram verificadas mediante as narrativas apresentadas tanto nas entrevistas quanto na pesquisa documental feita sobre as organizações. A compreensão do contexto individualizado de cada agente pesquisado, bem como o contexto de criação e o atual da organização foram importantes pois permitiram revelar aspectos não revelados no momento da fala, mas sim percebidos pelos pesquisadores.

4.3.1 O campo da organização NAC

Segundo Bourdieu (2004b) o campo é uma região invisível, micro e previsível onde acontecem as práticas sociais. Tais práticas são caracterizadas por

ações que produzem, difundem ou reproduzem os objetivos e os interesses do próprio campo. Desta forma, o campo é uma estrutura objetiva e subjetiva, estruturada e organizada a partir de esquemas que diferenciam, legitimam e representam o campo, o que não exclui o fato de este campo ser relativamente dominado pelo espaço social que o cerca.

Para esta pesquisa, o campo foi construído a partir das narrativas sobre sustentabilidade dos entrevistados, a organização foi definida como campo e a sociedade como espaço social. Tais afirmações podem ser confirmadas quando perguntado para os entrevistados sobre como eles compreendiam a sustentabilidade e como era aplicada essa compreensão:

Eu entendo que eu teria dois focos, primeiro a sustentabilidade em si como ela, ela se encontra dentro de uma área, focalizada, trazendo digamos assim um cunho social de responsabilidade da empresa para com a sociedade né, então esse é um cunho de responsabilidade, as ações que são feitas de meio ambiente, socioeconômicas, de ir nas escolas, de conversar com a criançada. Bom isso para mim é uma questão de responsabilidade social que tem haver com sustentabilidade (E1-NAC).

[...] Não são pensados só nos processos que a gente gerencia, leva-se em conta o ambiental e o social, as áreas também por exemplo, eu fui chamado na semana passada para integrar um grupo formado para qualificação de fornecedores. Entendi que é importante ter essa mentalidade porque é importante também que ele tenha atitudes sustentáveis. A gente não quer um fornecedor que não tá é... colocando um preço a ponto de quebrar ou que infringe as leis ambientais (E2-NAC).

Eu vejo a sustentabilidade como um princípio de morais, e que cada um pode estar utilizando, o moral mesmo da pessoa aplicado no seu dia-a-dia, então acho que são vários contextos que a gente consegue identificar a sustentabilidade. Olhar para um futuro onde tenha mais qualidade de vida, olhar para pessoa que está ao meu lado também, uma questão de... de preocupar com a questão sustentável do ambiente em que estão inseridos e que acaba afetando as outras pessoas né. É, eu me responsabilizar pelos meus atos, pelos meus comportamentos né, eu acho que é isso (E3-NAC).

O Entrevistado E1-NAC aborda o campo que discute a sustentabilidade a partir de uma percepção ambiental e social, ele compreende que a sustentabilidade permeia a organização e a sociedade, e que a organização possui a responsabilidade de praticar ações que auxiliem o meio social que cerca a organização. O entrevistado E2-NAC entende que a sustentabilidade possui um viés cultural para a organização, e que o fato de aceitar apenas fornecedores com qualificações que atendam os parâmetros sustentáveis da organização, reproduz uma prática sustentável, logo legitima o campo. O entrevistado E3-NAC possui uma abordagem mais micro da sustentabilidade, e compreende que os princípios morais

carregam uma responsabilidade de traduzir a sustentabilidade para o ambiente em que se vive.

As três abordagens que caracterizam o nível de alcance das práticas sustentáveis, permeiam o campo (organização) e o espaço social (fornecedores e sociedade), permitindo evidenciar que as práticas sustentáveis só são concretizadas quando vinculadas à organização, o que corrobora para a compreensão do poder que a organização possui sobre as questões sustentáveis. Este fato também apresenta a dominação existente no campo, os agentes enquanto membros do campo, reproduzem e difundem o significado atribuído na organização sobre sustentabilidade, dando legitimação a partir das ações praticadas unicamente mediante ao seu relacionamento com o campo.

Os entrevistados mencionam que há várias práticas sociais que auxiliam a comunidade local, e que há uma preocupação com a regionalização dos fornecedores, mencionam que o fomento da economia local propicia o desenvolvimento da região e conseqüentemente aumentam o número de pessoas que podem se beneficiar dos serviços da NAC.

Segundo a política nacional da organização NAC, suas práticas sustentáveis atingem três pilares: social, ambiental e econômico. Nesses ambientes sociais caracterizam a sociedade de forma geral, que abrange a capacitação dos seus funcionários, o estímulo à cultura sustentável da comunidade local, o meio ambiente que está ligado a redução de resíduos, emissão de gás e consumo consciente, e a saúde econômica da própria organização e dos fornecedores que prestam serviços à ela, com a implantação de normas e regimes éticos que selecionam os fornecedores e buscam o estímulo do cooperativismo.

Tais ações atingem diretamente tanto a organização quanto a sociedade local e indiretamente a sociedade global. Suas práticas giram em torno da própria organização coincidindo com a percepção dos pesquisados com relação ao posicionamento da organização neste campo. Assim, este alinhamento de narrativas sobre o tema sustentabilidade permitem apresentar uma narrativa unificada que aborda a organização NAC como campo que tem interesses sobre a sustentabilidade, pois possui práticas sustentáveis, e posiciona-se como dominante do campo. Suas ações, reproduzem, difundem e diferenciam quem pode participar deste campo. Seus colaboradores se posicionam como reprodutores de ações pró sustentáveis, que

legitimam o significado da sustentabilidade à partir de suas ações, que atingem o meio ambiente, a sociedade e também os próprios participantes do campo.

4.3.2 O campo da organização INT

Na organização INT o campo também é caracterizado como a organização. Segundo narrativas dos entrevistados, o campo possui uma relação dinâmica com o espaço social quando os valores, as ações, e os objetivos são orientados para benefícios maiores.

Acho que faz parte dos nossos valores na forma de agir, fazer negócio e orientar os nossos colaboradores sobre como conviver aqui dentro e como cuidar desse ambiente.[...] a gente tem a ISO de meio ambiente, segurança e qualidade, que tem esse cuidado né, isso não é uma questão local só em Londrina, é uma questão mundial (E3-INT).

O entrevistado E3-INT considera que as práticas sustentáveis da organização são importantes para a organização e para questões mundiais. O entrevistado considera tal característica faz parte dos valores, tanto organizacionais quanto pessoais, e que as ações pro sustentabilidade acarretam em benefício mútuo.

Já a entrevistada E5-INT considera a sustentabilidade como uma ação que perdura. Com um olhar voltado mais para a área econômica, considera que as ações sustentáveis possuem características micro, e que o “prosperar” traduz o significado da sustentabilidade.

Bom, eu sou um profissional de finanças, então sustentabilidade para mim, é tudo que prospere no longo prazo e de uma forma orgânica... então sustentabilidade para mim é isso, é... uma empresa prosperar ou minha vida prosperar de uma forma orgânica e... feliz (E5-INT).

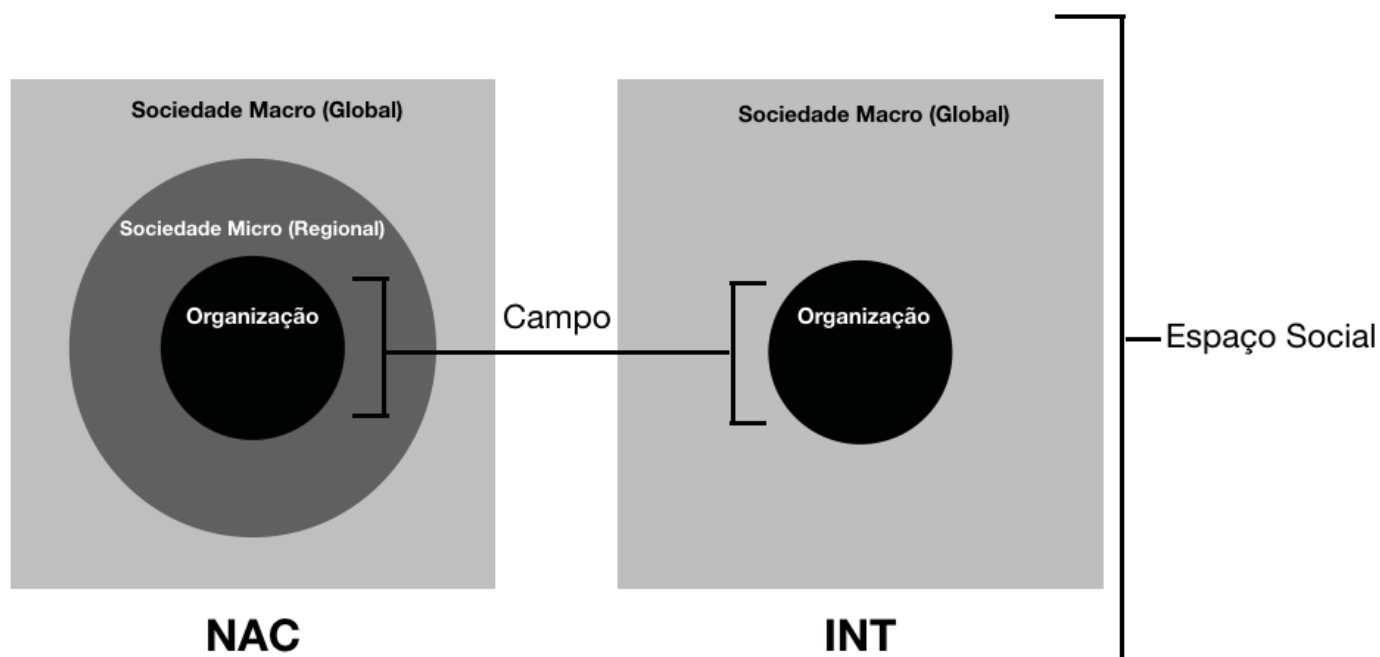
De forma geral, os entrevistados da organização INT possuem uma visão macro da sustentabilidade. Apesar de compreenderem que as ações pró sustentabilidade são importantes para a organização, suas narrativas permeiam a esfera micro (organização) e macro (mundo), se esquecendo de uma regionalização caracterizada pela comunidade, pelo estado e pelo país.

Tal característica permite posicionar a organização INT como campo, dentro do espaço social caracterizado pelo mundo. Essa submissão pode ser interpretada pela natureza da organização. Segundo o entrevistado E4-INT as políticas relacionadas à sustentabilidade possuem diretrizes globais: "Essa política verde, não conseguiria te dizer que é uma imposição de lei ou se é realmente uma cultura europeia, francesa, né! (E4-INT)".

A narrativa da organização analisada a partir do site da organização, coincide com as narrativas dos entrevistados. A organização fomenta as ações sustentáveis em um nível micro, e macro, compreendendo como micro a própria organização e seus funcionários e macro a sociedade global.

Desta forma, as práticas sustentáveis caracterizam a organização como campo, e seus funcionários como reprodutores e difusores das ações que permeiam o interesse sustentável. A comparação do campo das duas organizações permite compreender o interesse relacionado com a sustentabilidade, enquanto a organização NAC possui uma responsabilidade primária com seus colaboradores, secundária com a comunidade e terciária com o mundo, a organização INT alcança, por meio das suas práticas, a organização, e posteriormente, o mundo de forma geral. Possuindo assim uma visão mais holística de suas ações. O campo das duas organizações pode ser visto e comparado na figura 3 abaixo:

Figura 3 – Comparação do espaço social das organizações NAC e INT



Fonte: Elaborado pela autora

4.4 REVELANDO OS CAPITAIS DAS ORGANIZAÇÕES

A construção de um mundo social depende do interesse individual, regional e também global. A capacidade de alcançar tais interesses é estruturada estrategicamente por dispositivos que permitem conseguir a transformação de um

saber ou um ter, em poder. Este trabalho decorre de um processo de acumulação de conhecimentos e reconhecimentos que são traduzidos em formas de capitais (BOURDIEU, 2011). É nesta capacidade individualizada, que se faz mais forte quando coletivizada por meio da homogeneização do campo, que este tópico se apresenta.

Nesta perspectiva, este tópico possui o interesse de apresentar os capitais encontrados nas narrativas, o que corrobora para a compreensão do campo pesquisado. A homogeneização de elementos que torna o campo mais forte será evidenciado a partir das narrativas dos entrevistados e também pela narrativa organizacional pesquisada em meios públicos. A apresentação dos capitais será iniciada pela organização NAC e posteriormente serão apresentados os capitais encontrados na organização INT juntamente com uma comparação entre as duas organizações.

4.4.1 Os capitais da organização NAC

Segundo Bourdieu o capital é uma função social, que pode se converter em fatores culturais, sociais ou econômicos. Sua capacidade depende de sua representatividade e importância sobre o campo. Tal poder, para a organização NAC se traduz em características culturais e sociais quanto ao campo que permeia a sustentabilidade. Quando perguntado quais os aspectos que fazem a sustentabilidade tornar-se importante para a organização, os entrevistados respondem:

Olha, eu acredito... uma coisa que evidencia isso é assim ó, na última pesquisa, nós temos uma pesquisa de satisfação né dos colaboradores, uma pesquisa de clima organizacional, na última pesquisa que foi realizada das cinco questões melhores pontuados duas eram sobre sustentabilidade. Então a gente tem essa evidência de como os colaboradores ou como os clientes entendem sobre o que a gente tá perguntando dentro da empresa. [...] e eu vejo que faz a diferença no currículo e algumas pessoas assim que já estiveram com a gente sabe, que falam "lembra aquela atividade que eu fiz com você" e já aconteceu isso mais uma vez sabe, da pessoa pedir mais evidência porque na entrevista "linkou" assim "ah você fez trabalho voluntário como é que foi e tal?" porque às vezes, o quê que acontece, é às vezes o colaborador tem uma formação mas ele não exerce exatamente aquela formação aqui dentro, então ele trabalha numa área diferente e tudo mais, e aí durante o processo de voluntariado ele pode aplicar aquela prática que ele trabalha que é da formação dele mesmo então normalmente é um diferencial e sim é muito bem visto aquela pessoa que doa uma parte do tempo como voluntário ou que participa de um trabalho social realmente é, é bem visto mesmo né, é um diferencial sim com certeza e contribui com certeza. Eu tenho exemplos de colaboradores que afirmam que "nossa aquela dinâmica eu consegui aplicar aquilo que eu aprendi lá (E2-NAC).

[...] No começo as pessoas tinham muito uma visão de que a área era para fazer caridade e eu acho que o posicionamento até da própria gerente de

sustentabilidade da empresa foi ajudando as pessoas a verem que não era esse o propósito. Então hoje eu, como que eu vejo a sustentabilidade aqui, as ações de responsabilidade ambiental elas estão em cada nosso negócio, as ações sociais também então, veja doação de sangue, tem as instituições que a gente apoia, tem um cunho direcionado ao nosso negócio né. E também como a gente se organiza aqui em relação a separação de lixo, que eu acho que muitas pessoas da empresa aprenderam aqui na empresa mesmo há como separar e como fazer esse cuidado com o meio ambiente, levaram isso para suas casas do que ao contrário, o movimento da empresa ela tem o movimento de educação nesse sentido. E hoje eu sinto que cada vez mais é validado principalmente quando final do ano que a gente tem um balanço social então tem todo o impacto que a gente gera na sociedade e no meio ambiente e quanto que isso dá uma credibilidade para empresa tanto para o acionista quanto para o colaborador. As pesquisas de clima, o colaborador reconhece que a empresa investe em, na questão ambiental, na questão da diversidade também, então isso é muito presente, minha área ela tem também esse da parte de Código de Conduta, empoderamento feminino, então as pessoas reconhecem isso internamente e externamente também, pode ter inúmeras reclamações mas quando fala da empresa nesse papel ele reconhece (E7-NAC).

Os entrevistados reconhecem que a sustentabilidade possui um peso social e também cultural para a organização como todo. Os funcionários, por meio de incentivos, contribuem para ações sociais que definem a sustentabilidade por meio de auxílio, cuidado com a comunidade e modificações internas. Por outro lado, a estratégia social adotada pela empresa faz com que ambientes micro e macro sejam acionados, facilitando a inserção dos agentes ao tema.

Para o entrevistado E2-NAC o capital relacionado com a sustentabilidade se aproxima da cultura do indivíduo, por meio das experiências vividas, que objetiva as características de uma forma de acumulação de saberes e conhecimentos relacionados ao tema.

A descrição do entrevistado E7-NAC carrega em si uma evidenciação objetivada do capital cultural que representa a sustentabilidade para a organização. Sua narrativa menciona que existem pesquisas de clima organizacional, que evidenciam a satisfação dos funcionários com a organização em questões sociais e culturais. Para o entrevistado E6-NAC a sustentabilidade possui relevância para além dos aspectos culturais e sociais:

É realmente uma tendência, precisa ocorrer, para uma empresa hoje que precisa se manter no mercado ela tem que ter esse olhar e quando a gente faz pesquisa com os clientes é um tema que sempre é alto (E6-NAC).

Na narrativa da organização, os capitais relevantes que evidenciam a sustentabilidade como fator importante para a organização, permeiam questões culturais, sociais e também econômicas. Segundo o site da organização NAC suas ações buscam sempre evidenciar estes três pilares da sustentabilidade e relaciona-

los com as práticas da organização. O objetivo maior da organização NAC é ser referência no ramo de cooperativas de saúde, logo, a sustentabilidade permeia todo este contexto, pois a organização busca o equilíbrio como fator importante para a manutenção do seu negócio e também da saúde de seus beneficiários.

Desta forma, a organização NAC possui uma predominância do capital cultural, pois suas ações estão vinculadas à cultura dos agentes que fazem parte do campo. O capital cultural, por meio da incorporação de novas condutas permite que a sustentabilidade torne-se uma das principais estratégias vinculadas à organização. O capital social também é reconhecido como importante para a organização, uma vez que as práticas culturais atribuídas pelo capital cultural permitem uma visão social da sustentabilidade para a comunidade, acarretando uma impressão “ética” da organização. O capital econômico não é mencionado como fator predominante do campo, ele torna-se parte consequente quando os outros capitais são acionados.

4.4.2 Os capitais da organização INT

A organização INT assume uma perspectiva mais micro da acumulação de saberes sobre sustentabilidade. Sua abordagem permite compreender que os capitais vinculados à sustentabilidade são acumulados individualmente, e não possuem alcance maior do que a própria organização.

Bom, a gente trabalha em muita parceria né. Eu com minha equipe a gente tenta ser, aqui a gente presa pelo programa X, que é chamado na organização, que é o bem-estar da empresa, dos funcionários e a gente presa por manter um ambiente saudável, respeitar as diversidades para ter todo mundo é... como eu posso dizer, ser meio democrático assim com as escolhas, todo mundo poder participar das coisas (E1-INT).

[...] nós fazemos muitos cursos online né, inclusive cursos obrigatórios né... anuais [...], são cursos que a gente consegue mostrar para outras pessoas né, e talvez nem mesmo para os clientes é mostrado, mas é uma cultura interna realmente, não tem como tirar o crédito disso (E4-INT).

Então... eu cuido dos custos da América Latina dos custos de... a gente fala... é... SGNA, que é *sales and general administration*... gostaria ir de muito além, que eu acho que sou uma intraempreendedora e... só que a empresa francesa, ela é mais engessada... então eu não consegui ir além do que eu gostaria de ir, então eu vejo muitas coisas dentro do meu custo, que eu vejo muita oportunidade de projeto de melhoria... só que eu não posso avançar, justamente porque é um pouco engessada e... se não tá de acordo com as metas do CFO, é... a gente não pode executar (E5-INT).

Ah... bom a organização ela é... ela é muito preocupada com a sustentabilidade, ela tem é... ela tem é... ela tem ações na bolsa de valores

que precisam, eu não sei explicar exatamente, mas eles precisam trazer resultados nisso para conseguir manter essas ações (E6-INT).

[...] a gente tem a ISO de meio ambiente, segurança, qualidade, que tem esse cuidado né (E3-INT).

Segundo o entrevistado E4-INT há na empresa, capacitação dos colaboradores mediante a cursos disponibilizados pela organização. O entrevistado E5-INT menciona que gostaria de fazer mais pela organização, pois acredita que possui um diferencial, e se auto categoriza como intra-empREENDEDORA. O entrevistado E6-INT considera que os resultados internos da organização refletem o valor das ações na bolsa de valores. E o Entrevistado E3-INT considera que as ISOs são pontos importantes, que podem refletir uma boa gestão organizacional.

No que se refere à entrevistada E5-INT, sua narrativa carrega um rancor com relação à organização. Este fato ocorre pois sua inserção a organização possuía um objetivo, que após um período foi estrategicamente modificado. Sua narrativa apresenta um olhar crítico com relação a sua própria descrição e quando aborda a dificuldade de implantação de processos a entrevistada, deixa claro a barreira colocada entre ela e a gestão estratégica.

Desta forma, os capitais identificados nesta organização permeiam um valor intrínseco, que reflete na organização de forma geral. O capital cultural é considerado como o mais predominante nas entrevistas, pois aparece com maior frequência nas narrativas dos entrevistados, e é incentivado pela organização por meio de cursos, ações culturais e formas de gestão vinculados diretamente ao desempenho dos colaboradores.

O capital social também se faz presente nesta organização, pois apresenta ações que estão relacionadas com o bem-estar organizacional, que compreende o relacionamento entre colaboradores e funcionários, e também a imagem organizacional perante a sociedade de forma geral.

O capital econômico, aparece nas narrativas como uma fonte dependente das práticas sustentáveis. As ações vinculadas à sustentabilidade permitem uma economia de recursos e caracteriza uma busca pela melhoria do ambiente organizacional, que conseqüentemente apresenta benefícios econômicos a longo prazo.

Com relação à narrativa pública da organização, percebe-se que coincide com as narrativas dos entrevistados, pois a INT preocupa-se com aspectos vinculados ao capital econômico, social e cultural. Porém a magnitude da narrativa

pública da organização apresenta preocupações predominantes inicialmente pelo capital social, que engrandece a organização como agente praticante da inovação e tecnologia, com aspectos relacionados à sustentabilidade. O capital cultural é apresentado pela capacitação dos funcionários e ações sociais realizadas na sociedade, e o capital econômico aparece em um sentido mais amplo, como a solidez da organização que se faz presente no mundo todo.

Assim, a comparação entre as duas organizações acontece mediante ao grau de magnitude dado pelas narrativas, e pela coerência que as narrativas se apresentam. Para a organização NAC, as narrativas apresentam que, inicialmente a organização possui estratégias voltadas à cultura, posteriormente a aspectos sociais, e em seguida econômicos, o que coincide com as narrativas públicas da organização. Na organização INT as narrativas possuem o mesmo grau de importância, inicialmente aspectos voltados ao capital cultural, depois social e em seguida e como consequência o econômico. Porém, a narrativa pública da organização apresenta vínculo inicial ao capital social, posteriormente ao capital cultural e em seguida ao econômico como fator decorrente das práticas associadas aos dois tipos de capitais anteriores.

4.5 REVELANDO O *HABITUS* DAS ORGANIZAÇÕES

Capacidade criadora, dinâmica, inventiva, mutável, um haver, uma disposição incorporada, um estado implícito e teórico transponível. O *habitus* corresponde a organização dos princípios geradores da prática, que são adaptados às intenções sem ter a consciência para tal. Esta ação objetiva e subjetiva, regulada e regulante, possui caráter dinâmico com alto grau de legitimação dado pelo próprio agente. São as relações individualizadas e estruturadas que guiarão as práticas sociais relacionadas ao campo.

Desta forma, este tópico possui o objetivo de apresentar as características que compõem o *habitus* de cada organização. A construção da prática decorre dos valores atribuídos ao campo e também advindo do próprio indivíduo, enquanto organização e enquanto agente. Esta capacidade, segundo Bourdieu (2004a, 2009) pode possuir previsibilidade decorrente do pertencimento do agente ao campo, mas também pode apresentar condutas que não condizem com o contexto pesquisado. Assim, a compreensão do contexto das organizações possuíram dois

olhares, primeiro a narrativa dos agentes, individualizados e segundo a narrativa da organização com os dados públicos acessados.

4.5.1 O *habitus* da organização NAC

Para Bourdieu (2004a) o *habitus* corresponde a um sistema de posições duráveis que fundamenta e organiza as práticas sociais decorrentes da sua intencionalidade. É um produto da obediência a algumas regras, que ora permeia pelo espaço individualizado, ora pelo espaço coletivizado. Tais condições são na maior parte das vezes, inconscientes e invisíveis (BOURDIEU, 2009), transmitindo uma “[...] interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade” (WACQUANT, 2007, p.66).

Nesta pesquisa, o *habitus* foi analisado por meio das narrativas que apresentavam a incorporação do significado sobre a sustentabilidade e também aquelas que apresentavam distanciamento daquilo sugerido pela organização. Os entrevistados relacionados abaixo, mencionam que a sustentabilidade na organização NAC apresenta-se como uma forma cultural incorporada, e permeia tanto a prática social de cada agente dentro da organização, quanto fora dela. A organização, por fomentar este tipo de conduta, torna-se “bem vista” perante a sociedade e aos olhos dos próprios funcionários.

Eu vejo que a sustentabilidade esta cada vez mais presente dentro da empresa, a empresa contribui para que a sustentabilidade seja incorporada na governança, para a questão ética, e, para esse equilíbrio social, ambiental e econômico. Então para mim ela é muito importante, eu vejo que os negócios da empresa, já estão no processo da sustentabilidade. Então se pensa na questão da economia dos materiais, na liberação de um procedimento interno. Enfim, está bem bacana (E2-NAC).

[...] As ações de responsabilidade ambiental elas estão em cada parte do nosso negócio, as ações sociais também, então, veja, doação de sangue, tem as instituições que a gente apoia, tem um cunho direcionado ao nosso negócio né. E como a gente se organiza aqui para a separação de lixo, que eu acho que muitas pessoas aprenderam aqui na empresa mesmo, em como separar e como fazer esse cuidado com o meio ambiente, levaram isso para suas casas. O movimento da empresa tem o objetivo de educação nesse sentido. E hoje eu sinto cada vez é mais válido, principalmente quando no final do ano, que a gente tem um balanço social, então tem todo o impacto que a gente gera na sociedade e no meio ambiente e quanto que isso dá de credibilidade para a empresa, tanto para os acionistas, quanto para os colaboradores. As pesquisas de clima também, o colaborador reconhece que a empresa investe em questão ambiental, na questão da diversidade, também, isso é muito presente, na minha área, essa parte de código de conduta, empoderamento feminino, então as pessoas reconhecem isso internamente e externamente também, pelas numeras reclamações, mas quando se fala desse papel da empresa, eles reconhecem (E7-NAC).

A gente tem uma área olhando para fora, vendo a necessidade de lá de fora, o que essa empresa poderia utilizar dos recursos que tem aqui, para ajudar esse meio né. Então eu acho que hoje a empresa, ela desenvolveu isso, ela criou esse espaço e atua de forma bastante focava né (E1- NAC).

Por meio de tais construções da realidade organizacional, e possível verificar que a NAC fomenta a sustentabilidade por meio da modificação na conduta dos agentes e também por meio das práticas de gestão. A sustentabilidade permeia tanto ações como a coleta seletiva, até a seleção de fornecedores que irão compor o círculo que permeia a organização, modificando questões éticas, de governança e também questões sociais, como o empoderamento feminino citado pelo entrevistado E7-NAC.

O *habitus* na organização NAC está relacionado à modificação da cultura organizacional. A narrativas sobre as modificações de ações para uma conduta sustentável carregam a ideia da sustentabilidade como algo bom, e correto, que corrobora para a manutenção do meio ambiente e também a manutenção do negócio cooperativo do qual a NAC faz parte.

Aqui dentro existe uma cultura desde muito tempo que o sistema cooperativista, ele de certa forma, engloba um pouquinho de sustentabilidade né. Trabalhar em uma cooperativa é diferente de trabalhar em uma S.A. [...] a cooperativa abre o campo, a possibilidade de se pensar em algo diferente para o próximo né (E1-NAC).

Outras ações sociais também são fomentadas dentro na organização, são elas o plantio de árvores, e a contratação de deficientes físicos, que corroboram para a modificação da cultura sustentável dentro e fora da organização.

A gente tem colaboradores que fazem plantio de árvores e distribuem, sem estar dentro da empresa então é em um momento livre mesmo. É uma maneira de se praticar a sustentabilidade, conscientizar para que isso venha acontecer, aqui a gente tem vários casos que acontecem como a separação dos resíduos também né que mostram, que são visíveis assim alguns focos (E3-NAC).

Na área que eu atuo, ano passado, a gente contratou dois deficientes auditivos, então, a gente teve esse primeiro passo aqui dentro da cooperativa com essa questão da deficiência, a gente viu que as pessoas abraçam, não só nossa área, mas outras áreas também abraçam, a gente vê que isso emana para as pessoas mesmo, então é algo bacana (E1-NAC).

O *habitus* da organização NAC promoveu uma conduta que se tornou regra. O *habitus*, que antes correspondia a ações isoladas, hoje carrega as regras de um campo que trabalha em prol de um benefício maior.

[...] eu acho que a empresa fomenta também isso porque a gente tem que fomentar isso. Você acaba ajudando as pessoas, difícil alguém ser apático ao tema sabe, não pensar em sustentabilidade, seja em ações voluntárias, a pessoa no mínimo participa de uma ação voluntária sabe, se ela não faz nada mais, que é difícil depois de... que eu acho que, depois que você sai da

ignorância é difícil voltar, mas também é difícil ser palpável, aí eu digo que aqui a empresa aumenta bastante. Quando você entra aqui você ganha uma caneca e fala "ó aqui você não vai ter copinho plástico" Então já vai colocar em você a obrigação de pensar nisso bem como, eu acho que tá na nossa cultura esse pensamento (E4-NAC).

Desta forma, as narrativas sobre as práticas sustentáveis corroboram para uma modificação na cultura da organização. A empresa possui o poder de caracterizar condutas, e discernir comportamentos éticos vinculados à sustentabilidade.

Na narrativa organizacional, acessada no site da organização, o *habitus* organizacional corresponde a um equilíbrio para a sustentabilidade. Suas práticas premeiam a esfera ambiental, social, e econômica quando promovem atividades que desenvolvem a educação como base para o desenvolvimento de uma sociedade, como o desenvolvimento humano de cooperados e colaboradores, a educação de base com o auxílio a saúde de crianças e adolescentes, e a valorização da cultura local, com a participação de eventos de conscientização da saúde e do autocuidado.

Com relação a esfera econômica, a organização preferencia os fornecedores da região que possuam qualidade de produtos e valores relacionados à sustentabilidade, isso, segundo a narrativa da organização, permite que a eficiência econômica seja acionada, reduzindo custos e possibilitando a redução dos preços cobrados dos beneficiários. Esta postura, caracteriza uma abordagem ética nos relacionamentos entre as pessoas relacionadas com o negócio.

Portanto o *habitus* encontrado na organização NAC possui características culturais, pois modificam o comportamento e a forma das pessoas pensarem em processos e condutas relacionadas com a sustentabilidade, bem como suas atitudes e as regras modificadas dentro e fora da organização.

4.5.2 O *habitus* da organização INT

Na organização INT, foi encontrado um *habitus* voltado para as práticas culturais. Segundo os entrevistados, a organização aborda a sustentabilidade com ações internas que incentivam a modificação da cultura.

Mas a INT incentiva muito a gente pensar em vir de bicicleta trabalhar, tem o lugar das bicicletas ali, tem chuveiro lá embaixo pra você chegar, tomar banho e vim trabalhar [...] te incentiva a comer saudável, até isso eles incentivam a gente fazer. Claro que a gente é difícil né (risadas) (E1-INT).

A forma como a gente procura tratar o outro, mas a questão de reciclagem, a forma de como a INT também pensa sobre isso. [...] Pode parecer uma coisa simples, mas falando de meio ambiente, a gente fez uma corrida, que acontece todo ano, e a INT fez uma ação também pra que a gente deixasse de utilizar lixos nos escritórios para passar a utilizar os coletivos, então te obriga a levantar da cadeira separar o plástico e o orgânico (E2-INT).

Aqui na empresa a gente tem a coleta seletiva, então a gente sempre tenta ao máximo deixar tudo certinho, pensando nisso, eu no dia-a-dia também, tendo ter a ações que constituam com essa questão, a empresa inclusive tem uma corrida que é voltada para a sustentabilidade, então é o momento de, aqui dentro da empresa, a gente fala muito sobre isso, quando a gente tá falando da corrida, e tenta fazer ações com os funcionários sobre isso. [...] Quando a gente trouxe a coleta seletiva, a gente fez um trabalho muito intenso pra conseguir conscientizar os funcionários, cada um tinha uma lixeira e a gente tirou e de repente um dia a gente tirou todas as lixeiras e deixamos a coleta seletiva ali, então foi um trabalho de mudança de cultura (E6-INT).

As narrativas são construídas por uma base de modificação de conceitos já enraizados nos colaboradores. Tais modificações fizeram com que estes percebessem, mesmo que sutilmente, a preocupação com o meio ambiente, meio social e cultural da organização. A organização INT não aborda a sustentabilidade como algo implícito, percebe-se que a sustentabilidade é trabalhada no dia-a-dia, com ações e incentivos que permitem a percepção do agente e a conscientização por meio da experiência coletiva.

A corrida realizada pela organização foi citada por todos os entrevistados como uma forma de preocupação com o cuidado da saúde dos colaboradores, e também com a promoção da sustentabilidade para a comunidade regional. Tal ação permeia a esfera do campo organizacional e corrobora para a modificação do *habitus*, pois atinge o inconsciente dos agentes que fazem parte desta ação e principalmente atinge o simbólico incorporado pelo campo. O *habitus* também é visto nas ações que permeiam as certificações relacionadas a sustentabilidade :

A INT ela tem essa preocupação, a INT tem essa corrida que tem o foco em meio ambiente, temos as ISOs de meio ambiente, segurança e qualidade. Que tem esse cuidado, não é uma questão local, mas sim mundial (E3-INT).

A percepção dos colaboradores com relação ao cuidado da organização, atinge os processos de certificações relacionados à sustentabilidade, esta incorporação de ações tomadas como essenciais, corrobora para a criação da modificação da cultura da organização, uma vez que possui um capital legitimado e objetivado por registros certificados. A sustentabilidade passa a ser algo natural, como um hábito, uma ética organizacional, que deve ser seguida para o benefício mútuo.

Quando se pergunta sobre acreditar e realizar ações relacionadas com a sustentabilidade na organização:

Eu acredito que sim, uma vez que isso faz parte de um valor, acho que acaba virando uma coisa natural, não que eu pense nisso o tempo inteiro, quando eu vou pensar em um projeto, e desenvolver, é... Como é que a gente vai fazer? O que a gente vai fazer? Isso é correto? Essa é a melhor forma de fazer? [...] e eu acho que tem muito a ver com as gerações, quando eu era mais nova, eu não pensava assim, hoje já é um pouco diferente, tem isso no *mindset* mais fácil (E3-INT).

Eu acho que é algo natural dela, não vejo uma pressão, eu acho que eles tem uma forma natural de trabalhar com isso, e também exige um pouco de bom senso, eu vejo ali o lixo orgânico e claro, muitos já vem de casa e tudo, pega a lata e joga no lixo orgânico, e a empresa também não pode fazer muito em relação a isso, mas o conjunto sim, a ação em conjunto né, atuar sobre o mau hábito (E4-INT).

Assim, a sustentabilidade torna-se algo natural, um *habitus* que se torna campo, uma regra que deve ser seguida em função da própria natureza do campo. Porém, em uma abordagem sobre a colaboração do trabalho individualizado para práticas sustentáveis dentro da organização, um dos agentes entrevistados menciona que:

(risada sarcástica) Não consigo definir isso, de que forma poderia, eu seria um agente... eu sou um a... se o meu papel aqui contribui para a sustentabilidade... humm... Não, eu acho que isso não, e nem é função da empresa (risada sarcástica) nem meu, não sei, talvez do RH.

Entrevistador: Do RH?

Talvez, seria por meio desses incentivos, por meio de ... agora... a única forma que eu possa contribuir a isso é usando os recursos que a empresa já me dá, e sendo exemplo para os que não tenham esse hábito, agora... eu acho que seria pretensioso da minha parte dizer que minha função exerce um papel sustentável né (risada) eu acho que não [...] não, não tenho o fator sustentável não (E4-INT).

O entrevistado inicia sua resposta com uma narrativa sarcástica sobre a pergunta. Ele não considera que sua função dentro da organização corrobora para práticas sustentáveis. Porém o mesmo entrevistado, anteriormente, menciona que no seu setor, a gestão possui um estudo das funções e dos colaboradores, que identifica seu perfil, e adequa o cliente ao colaborador. Este fato causa economia de energia colaborativa, que permite a otimização do tempo, acarretando em mais eficiência e em menos custo ao cliente.

Tal narrativa permite verificar que alguns agentes não consideram ações individualizadas como auxílio para a sustentabilidade, mas categorizam, muitas vezes, o campo como algo particular, o que torna o significado da sustentabilidade ambíguo, uma vez que o agente não consegue compreender a sustentabilidade a

partir de uma percepção micro, mas consegue identificar ações individualizadas que não corroboram para a sustentabilidade.

No que se refere ao *habitus* organizacional analisado por meio do site da organização, verifica-se que suas práticas correspondem a uma busca pela aceitação social. No site, apresenta-se certificados de qualidade, benefícios que o serviço praticado pela organização apresenta e práticas globais que permeiam os conceitos sustentáveis.

Tal ação corrobora para a elucidação dos capitais apresentadas no tópico anterior, que permite compreender que as ações organizacionais buscam a legitimação para se tornarem “bem vistas” socialmente, se esquecendo da fundamentação que faz com que isso seja concretizado.

A comparação entre o *habitus* das organizações corresponde a uma divergência na forma de apresentar a prática relacionada à sustentabilidade para seus colaboradores e sociedade participante. Enquanto a NAC trabalha com ações de dentro para fora, ou seja, busca disponibilizar recursos de diversas naturezas para a comunidade local, a INT prioriza o bem-estar dos seus colaboradores, e apresenta práticas que correspondem a modificação de conduta dos mesmos. Desta forma, o *habitus* da organização NAC torna-se visível, enquanto o da organização INT torna-se implícito nas ações do dia-a-dia.

4.6 AS NARRATIVAS ORGANIZACIONAIS SOBRE SUSTENTABILIDADE A PARTIR DO *FRAMEWORK* DE BALBINOT E BORIM-DE-SOUZA (2012)

Os estilos de raciocínios apresentados pelo *framework* de Balbinot e Borim-de-Souza (2012), possuem o objetivo de classificar e determinar uma possível verdade a partir de um fenômeno estudado, que é denominado por esta pesquisa como a sustentabilidade. Compreende-se que a escolha deste modelo de raciocínio apresenta uma violência em relação aos dados coletados, pois foram analisados por meio de uma estrutura escolhida pelo pesquisador. Porém, a categorização da mente humana, a partir deste *framework*, permite compreender o fenômeno por meio das narrativas, e elucidar a manipulação social enquanto norteadora de práticas relacionadas com a sustentabilidade.

Este tópico apresenta a categorização da organização NAC, e posteriormente da organização INT. Os dados apresentados aqui foram analisados a

partir das narrativas dos entrevistados e também das narrativas públicas de cada organização. Posterior a classificação das narrativas, há a comparação entre as duas organizações.

4.6.1 Categorização das narrativas da organização NAC

As narrativas da organização NAC apresentaram uma predominância pela abordagem Normativa Reducionista Fraca e Funcionalista apresentado no *framework* de Balbinot e Borim-de-souza (2012). Segundo este estilo de raciocínio, as narrativas seguiram a direção de uma ontologia objetiva, epistemologia positivista, paradigma tecnocêntrico, versão conceitual institucional, desenvolvimento sustentável objetivo e significado da sustentabilidade literal. Porém, em muitos casos sofreram grande influência da abordagem intermediária que se situa entre os dois extremos do modelo.

Tais classificações correspondem a uma perspectiva da sustentabilidade por um olhar independente do ator social, mas considera que os fenômenos sociais são impactados pelas relações humanas. Sua abordagem em relação à sustentabilidade corresponde ao reconhecimento do ambiental natural como fator fundamental para a sobrevivência humana e a utilização de recursos devem auxiliar no desenvolvimento da organização. Com relação as soluções para um ambiente sustentável, a abordagem da organização NAC, permite compreender que os assuntos relacionados com a economia, infraestrutura, política e cultura devem ser, em sua proporção, elaborados e aplicados pelo auxílio dos recursos disponibilizado pela organização, acarretando assim em uma responsabilidade social com a sociedade regional. Este ponto apresenta o desenvolvimento sustentável como objetivo final dos processos relacionados com a sustentabilidade. E aborda uma realidade social decorrente das relações humanas. Para o entrevistado E1-NAC a sustentabilidade significa:

Para mim sustentabilidade é fazer algo, éééé, aproveitando os recursos que você já tem né, e deixando o lugar senão melhor do jeito que está quando você chegou pelo menos da mesma forma (E1-NAC).

O entrevistado não aborda crises ambientais como a principal questão a ser levantada quando se trata de temáticas ligadas a sustentabilidade. Entende a sustentabilidade como responsabilidade de cunho social que deve ser durável a longo prazo. Argumenta que vê a sustentabilidade por duas perspectivas: uma relacionada

a sustentabilidade do negócio em si que não é desenvolvida pela empresa e a outra perspectiva relacionada com questões de responsabilidade social.

Para o entrevistado E2-NAC a sustentabilidade é descrita pela narrativa Normativo Reducionista Fraco Funcionalista em que aborda o reducionismo e objetiva a sustentabilidade ao afirmá-la ser um modo de gestão, não sendo uma questão ambiental ou uma questão de utilização de recursos. Tal entendimento não descarta as dimensões social, econômica e ecológica.

Sustentabilidade para mim é uma forma de gestão, é uma forma de utilizar os recursos da cooperativa de forma consciente em suas componentes econômicas, social e ambiental. Acho que tem muito essa coisa de sustentabilidade quando se fala assim de voltado para questões de meio ambiente como assim vamos usar os recursos de forma a não utilizar tudo para ter para o futuro e tal... não, para mim, assim, é um conceito que a gente trabalha aqui na NAC, é trabalhar mesmo de forma consciente a sustentabilidade econômica, financeira e social (E2-NAC).

Para o entrevistado E3-NAC, a sustentabilidade é entendida como um princípio de morais. Observa-se então alguns exemplos como comportamento das pessoas, separação de resíduos e plantio de árvores. Tais exemplos seriam ações sustentáveis, segundo a narrativa que aborda e recorre majoritariamente em sua argumentação às questões sociais.

Nós temos uma grande luta, eu acho que quando a gente olha, é, para os comportamentos das pessoas e que a gente tenta ensinar, eu acho que, (pensa por alguns segundos) são várias coisas, a gente tem colaboradores que, é, fazem plantio de árvores e distribuem né, sem estar dentro da empresa então tipo num momento livre mesmo. É uma maneira de se praticar a sustentabilidade, conscientizar para que isso venha acontecer, aqui a gente tem vários casos que acontecem como a separação dos resíduos também né que mostram, que são visíveis assim alguns focos (E3-NAC).

Em outro caso, a sustentabilidade é tratada de uma forma objetiva: usar ou devolver os recursos de modo a não ocasionar passivos ao contexto em que se encontra. O entrevistado E4-NAC argumenta que a sustentabilidade se confunde com questões econômicas e é voltada para a manutenção das atividades da empresa no longo prazo. Exemplos de ações com objetivo de utilização de recursos também são abordadas como meios pelos quais a empresa tende a difundir internamente conhecimentos sobre a sustentabilidade.

Ah é um conceito geral assim, eu entendo o quê sustentabilidade é eu passar por um local ou por um ambiente e ao sair dali não deixar nenhum um prejuízo ou um dano para quem vai vir. Eu posso até desenvolver ou melhorar mas eu tenho que usar os recursos e devolver os recursos de modo que eu entro e saio e que não causa nenhuma perda ou nenhum passivo para o ambiente ou para a empresa ou para a faculdade, e é assim que eu entendo (E4-NAC).

O Entrevistado E7-NAC entende a sustentabilidade como sendo inicialmente abordada pelo entendimento econômico de manutenção do negócio a

longo prazo. Argumenta então que hoje, as indústrias se encontram em um novo contexto, no qual se faz necessário uma preocupação ambiental e social. Traz exemplos sobre o descarte de resíduos dentro da própria empresa. Argumenta que as empresas têm impacto sobre o ambiente e que há preocupações com o futuro do ecossistema. Porém, não traz pontualmente quaisquer exemplos ou citações de crises como argumento central para definir ou exemplificar o que é sustentabilidade, definindo-a por meio da necessidade de manutenção das atividades industriais ao longo do tempo.

Eu entendo muito a sustentabilidade, né, como a área que tem um olhar na empresa para o futuro, eu acho que, é, veio essa preocupação com o passar dos anos e é bem atual, porque a era da Indústria ela é recente também então as indústrias surgiram, muitas faliram e muitas outras se mantiveram com o passar do tempo. E aí eu acho que é esse olhar, é o que acontece com as empresas que se mantém com o tempo então tem primeiro de tudo o olhar da sustentabilidade financeira, porque que elas conseguem se manter, né, financeiramente, porque inovam ou porque investem e, mas agora nesse novo contexto em que a gente está tem toda uma preocupação também ambiental e social.

Para o entrevistado E6-NAC, a sustentabilidade é tratada como uma busca incessante pelo equilíbrio, o que corrobora para um olhar sobre o desenvolvimento sustentável como processo.

[...] Eu entendo a sustentabilidade é o que a gente busca né, a gente busca sempre, é difícil correr, um equilíbrio entre os três. Então é, eu posso dizer que sustentabilidade é isso, é um tripé mas é uma coisa que agente busca, entra dentro da empresa e é uma busca constante (E6-NAC).

O entrevistado E5-NAC aborda questões ambientais como foco primário das discussões que envolvem o conceito de sustentabilidade, apresenta então questões como desperdício de água e energia para justificar que pequenas ações trazem impactos. Ao falar a palavra impacto e iniciando sua narrativa abordando a necessidade de se pensar questões ambientais, sua visão holística sobre a sustentabilidade o leva a entender que temas relacionados à responsabilidade social fogem daquilo que entende a sustentabilidade, mas o traz para uma abordagem mais subjetiva e interpretativa da sustentabilidade.

Com certeza. É, em várias ações, então se a gente vai no banheiro tem algum aviso de, de, usar adequadamente a água na hora que você tiver escovando o dente para você não deixar a torneira aberta, para você quando for sair de um ambiente apagar a luz, desligar o monitor quando for sair para o almoço e não estiver utilizando, eu acho que são todas pequenas ações que vão fazendo, né, se cada um não fizesse isso eu acho que o impacto seria bem bem significativo (E5-NAC).

No que se refere à narrativa pública da organização NAC, esta apresenta o significado da sustentabilidade como uma busca pelo equilíbrio entre

saúde ambiental, cultural e econômica. Ações como reduzir os resíduos, reduzir a emissões de gases, promover o consumo consciente, promover a saúde social, o desenvolvimento humano e local, e o engajamento comunitário, são ações vinculadas nos três ambientes relacionados à sustentabilidade

Por saúde ambiental, a organização NAC fomenta que a sustentabilidade deve apresentar preocupações com a redução e a geração de resíduos, enfatizam a destinação e o tratamento de resíduos adequadamente, abordam a conscientização do consumo e promove a redução de emissões de CO₂. Tais preocupações fazem parte da conscientização da própria organização, dos fornecedores vinculados a organização e também da sociedade.

Pelo significado de sustentabilidade pela abordagem social, a organização busca promover a capacitação profissional de cooperados e colaboradores, pela implementação e incentivo de programas e promoções focadas na saúde dos colaboradores, cooperados e beneficiários da cooperativa. A NAC estimula também a educação em saúde e o esporte comunitário por meio de projetos sociais como o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes. Assim como na abordagem ambiental, a NAC vincula a classificação de fornecedores que atendam integralmente aos critérios da responsabilidade legal e social da organização, e dá prioridade aos fornecedores regionais com o intuito de desenvolvê-los e monitorá-los.

E por fim, o pilar econômico, denominado Saúde Econômica, está vinculado à preferencia de empreendimentos cooperativos, como a contratação e a aquisição de produtos e serviços, busca também a melhoria contínua de atendimento ao cliente, implementação da gestão ética, efetivação de ferramentas que relatam o desempenho social, ambiental, econômico-financeiro, de governança e a preferencia por compras conjuntas de produtos com o objetivo de reduzir os custo.

Desta forma, a narrativa encontrada no site da organização NAC compreende uma sustentabilidade que busca o equilíbrio entre saúde ambiental, com a promoção da redução de resíduos, do consumo, e emissões de CO₂; saúde social, com a promoção do desenvolvimento humano, engajamento comunitário e ações sociais e culturais; e saúde econômica, com o suprimento local e a excelência operacional, juntamente com a implementação da ética e transparência nas relações internas e externas. A política nacional de sustentabilidade da organização NAC considera tais ações como forma de gestão sustentável, o que os apresentam por um caminho normativo reducionista fraco e funcionalista da sustentabilidade.

Esta definição, elaborada por Balbinot e Borim-de-Souza (2012), corresponde às narrativas analisadas dos entrevistados, uma vez que as práticas e as abordagens sobre o tema permeiam a esfera ambiental, social e econômica bem como atingem a sociedade regional com as diretrizes relacionadas aos fornecedores, e as ações comandadas pelo ímpeto social caracterizado pela natureza de operação da organização NAC.

4.6.2 Categorização das narrativas da organização INT

A organização INT apresenta por meio de suas narrativas uma abordagem predominante relacionada à sustentabilidade. Suas características centrais baseiam-se em uma epistemologia realista como norteadora de suas ações, porém seu viés econômico, carrega seus significados para uma narrativa normativa, reducionista, fraca e funcionalista.

Alguns de seus colaboradores possuem uma visão macro de suas ações, porém este fato decorre da naturalização da organização, que possui nacionalidade francesa. O fato de trabalhar em uma organização que possui relacionamento com o exterior acarreta em uma ampliação da visão, tanto sobre o tema sustentabilidade, quando sobre o tema gestão. Os trechos das entrevistas podem ser verificados logo abaixo.

Para o entrevistado E1-INT, suas práticas permeiam o ambiente micro, porém o entrevistado consegue visualizar que suas ações, vinculadas à sustentabilidade ambiental, corroboram para um benefício maior. Desta forma, a categorização desta narrativa compreende uma abordagem realista pois considera que suas ações impactam o mundo social em que vive.

Ah esses tipos de ações [...] de a gente tentar evitar o máximo de desperdício, de... reciclar, fazer coisas que... tenha... ah como eu posso dizer... que ajudam o meio ambiente e ter um meio ambiente saudável (E1-INT).

Para o entrevistado E2-INT a sustentabilidade está relacionada com a relação entre homem e mundo. Aborda a esfera ambiental como a manutenção de recursos naturais e permite que a sustentabilidade seja vista como um objetivo de longo prazo.

Eu acredito que tem a ver com a nossa forma de interagir com o mundo é... não desperdiçando nossos recursos naturais, é... e também não prejudicando o meio ambiente, as pessoas, a comunidade é... fazendo que isso seja sustentável no curto, no médio e no longo prazo, então eu acho que é a nossa postura (E2-INT).

O entrevistado E4-INT apresenta a sustentabilidade a partir de problemas ambientais, sua abordagem o leva a compreender a sustentabilidade por uma versão conceitual ideológica, que carrega em si uma visão crítica de mundo, e compreende soluções como a exploração equilibrada de recursos naturais.

Sustentabilidade? Olha eu acho que a gente tá, a gente tá num momento que já tem... recursos demais em uso né, por exemplo, nós temos madeiras demais, derrubadas, nós temos, plásticos demais, já feitos... Então para mim, a sustentabilidade é, é realmente tentar usar menos e usar o que já tem, o fato de reciclar, a gente vê o saco de lixo e pensa que muitas vezes só para que se leve separado a algum lugar, mas a intenção que se leve na verdade né... é retransformar aquilo em algo né... então a sustentabilidade para mim é... é tentar usar o que já tá produzido né, e reusar o que já está produzido (E4-INT).

Para o entrevistado E6-INT a sustentabilidade é a busca pelo equilíbrio nas ações cotidianas. A preocupação com o consumo também é evidenciada, acarretando em uma abordagem ambiental da sustentabilidade, porém o “conseguir” demonstra que a sustentabilidade para o entrevistado é tratada como objetivo final, o que caracteriza uma narrativa normativa, reducionista, fraca e funcionalista.

Entrevistado E6-INT: Eu acho que é conseguir o equilíbrio né, entre entre... é... entre tudo que a gente faz, tudo que a gente vive nesse mundo cheio de coisas, cheio de de é... de de... de produtos, cheio de tudo, mas assim tentar entrar em um equilíbrio com com a natureza, você está falando de sustentabilidade ambiental né?

Pesquisador: Também

Entrevistado E6-INT: Eu acho que sustentabilidade para mim me traz a palavra equilíbrio na cabeça, eu acho que é... conseguir manter um equilíbrio entre tudo que a gente vive, e com as coisas assim, eu acho que é basicamente isso

Pesquisador: Poderia então falar que é o sinônimo?

Para mim eu acho que é basicamente isso, de verdade assim, eu acho que é a busca por um equilíbrio, que você consiga né, viver de uma maneira bacana né, mas deixando o outro lado também... é... sem afetar o outro lado né, buscar esse equilíbrio (E6-INT).

Para o entrevistado E7-INT a sustentabilidade parece representar claramente que faz parte de um processo de planejamento, porém está relacionada ao ambiente organizacional, pois em nenhum momento o entrevistado menciona ações que passem do campo organizacional.

Olha... permeia aí algumas visões né, pra mim essa palavra está muito relacionada ah... a como as coisas elas são, elas dão continuidades, ou seja, existem todo o processo, passa por uma fase de planejamento né, até você aplicar e tentar de fato... e deixar aquilo estável né, então, aquilo é... como falo, sustentabilidade para mim é uma coisa que foi bem definida no princípio, ela foi bem desenhada, não foi feita às pressas, ela foi feita com embasamento, usando todas as teorias possíveis né, e usa muito a prática de planejamento, que principalmente gestores fazem muito, que é planejar, planejar, planejar e rever o planejamento para que uma vez que você coloque em execução, seja sustentável ao ponto de se terminar um projeto, se

terminar um... programa, se terminar um processo, então para mim é sustentabilidade é uma coisa que esta se relacionada muito a uma coisa que é planejamento (E7-INT).

No que se refere à narrativa pública da INT, a organização apresenta um significado voltado para pessoas, negócios, ética e ambiente. O cuidado com as pessoas, que compreende seus colaboradores, possui posição primária em um nível de preocupação. Os negócios aparecem em segundo, ética em terceiro e meio ambiente em último, porém com o objetivo de receber todo o investimento dos três elementos citados anteriormente.

Sua natureza de operação também apresenta como fator que integra a sustentabilidade na organização, e seus serviços apresentam soluções tecnológicas que corroboram para a eficiência de organizações de diversos segmentos. Tal característica, e também pela sua preocupação inicial em pessoas, caracteriza a organização INT com uma visão social da sustentabilidade. Onde considera o homem como principal modificador da cultura e das práticas organizacionais, bem como utiliza sua inteligência para fomentar o desenvolvimento e solucionar problemas por meio da tecnologia da organização.

Desta forma, as características vinculadas à INT apresentam uma abordagem normativa, reducionista, fraca e funcionalista, por evidenciar a prática econômica e micro da organização, porém quando os entrevistados possuem um olhar mais macro sobre suas ações em prol da sustentabilidade, as narrativas são carregadas para uma realidade intermediária, que compreende que os fenômenos sociais, bem como os problemas ambientais, são causados pela relação entre homem e ambiente. É possível afirmar que a INT é caracterizada por uma sustentabilidade com uma ontologia objetiva, porém é influenciada pelo meio social, que permite caminhar entre as duas perspectivas analíticas apresentado por Balbinot e Borim-de-Souza (2012).

4.7 O DISCURSO DINÂMICO SOBRE SUSTENTABILIDADE À LUZ DE PIERRE BOURDIEU E A APROXIMAÇÃO CONSTRUCIONISTA ENTRE AS DUAS ORGANIZAÇÕES ANALISADAS

As organizações analisadas estão imersas em um campo denominado por esta pesquisa como a própria organização. A constituição de práticas sustentáveis em torno da organização evidencia a estrutura do campo, e também o meio social que o cerca. A análise da organização NAC apresentou um campo com

preocupações relacionadas à necessidade da população regional, fazendo com que alguns recursos próprios da organização fossem destinados a manutenção do bem-estar local. A organização INT evidencia interesses sobre o desenvolvimento pessoal e desenvolvimento da organização global. Suas práticas sobre sustentabilidade beneficiam seus colaboradores, que conseqüentemente beneficiam a organização de modo geral.

A sustentabilidade é tratada pelas duas organizações por uma predominância em uma abordagem mais objetiva. Suas ações, mesmo que caracterizadas pelas narrativas como sustentáveis, possuem o foco de uma sustentabilidade como objetivo, que vinculada aos inúmeros problemas sociais, vistos e compreendidos pelos agentes dos campos, são tornados como meio para alcançar algo maior, e não uma modificação de processos para manter igualdade em diversos níveis.

Fica evidente que tais ações em prol da sustentabilidade são possibilitadas devido a preocupação das organizações. De forma geral, os agentes possuem conhecimento sobre o tema devido ao impulso dado pela organização, tornando-a possuidora de capitais legitimados pelos próprios agentes do campo. Algumas narrativas enfatizam que fora da organização, suas práticas, muitas vezes, não possuem caráter sustentável, e que a organização promove e incentiva a sustentabilidade dentro e fora do ambiente de trabalho.

Ainda sobre os capitais, fica evidente que o alcance dos capitais culturais atinge diretamente os campos analisados, devido a modificação de cultura na organização NAC e a capacitação dos colaboradores na organização INT. O espaço social é acessado pelos capitais quando a promoção de práticas evidencia o interesse organizacional. O capital social possui este papel quando apresenta, com promoções de marketing sobre as ações sustentáveis, o interesse das organizações para tal questão.

O capital econômico muito pouco citado nas narrativas, é percebido, tanto pela teoria quanto pela abordagem dos entrevistados, enquanto capital que, junto com o capital social, são transformados em capital econômico quando tais ações repercutem em economia e também na imagem organizacional para a região e para o mundo.

Na organização NAC, esta transformação acontece por meio da própria natureza de operação da organização. O autocuidado, as políticas internas

relacionadas com os fornecedores, o incentivo interno da sustentabilidade, são características de uma organização que segue um regimento de cooperativa. Desta forma, sua natureza é apresentada como uma sustentação do próprio negócio, logo, toda a sua conduta gira em torno de uma sustentabilidade que fomenta sua economia, sua cultura e seu meio social.

Na organização INT, o objetivo maior é representado pela obtenção de lucro. Por ser uma empresa internacionalizada, e possuir capital aberto, ela precisa apresentar números que correspondam ao seu desenvolvimento. Com esta conduta, o capital econômico torna-se mais presente nas narrativas dos entrevistados, porém o capital predominante que relaciona-se com a sustentabilidade ainda corresponde ao capital cultural. Sua fundamentação apresenta uma abordagem de economia e também uma preocupação que pode ser traduzida pela responsabilidade social que a empresa possui. Esses fatos, assim como na organização NAC, acabam indiretamente se transformando em capital econômico, pois representa uma boa conduta da organização, e também a economia em diversos níveis.

O *habitus*, por sua vez, se faz presente quando reflete um compartilhamento de interesses e objetivos incorporados, que constituem e dão vida às práticas sustentáveis. Sua forma intrínseca, regido pela estrutura do campo apresenta-se como prática quando, mesmo que inconsciente, os significados atribuídos à sustentabilidade apareçam em forma de ações. As narrativas que apresentavam ricos significados relacionados ao tema, apresentavam também uma incorporação, e uma aplicação diretamente ligada ao agente.

Este fato pode ser visto e também sentido, pela energia que a entrevistada E2-NAC fala sobre sustentabilidade. Seu cargo, gerente de sustentabilidade, denuncia tal entusiasmo. O *habitus* desta entrevistada, está vinculado às suas atividades diárias, tornando-o mais acessível e também mais compreendido pela própria colaboradora.

Desta forma, o significado da sustentabilidade possui interesses pessoais e também interesses que correspondem ao campo como organização. A dominação que o campo exerce sobre os colaboradores é nítida, e corresponde a um *habitus* organizacional que busca a modificação de culturas, e práticas voltadas a uma economia, mesmo que disfarçada pela preocupação com a sociedade de modo geral. A busca incessante por mecanismos que apresentem tal conduta, mostra a organização como um campo que também é dominado por uma sociedade que cobra

tais ações. Essa relação entre campo e espaço social apresenta-se como verdadeira para esta pesquisa, uma vez que o campo produz práticas voltadas, exclusivamente aos seus consumidores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como apresentado na teoria abordada anteriormente, a sustentabilidade a nível organizacional tornou-se complexa e com muitas definições. Para a teoria, as práticas sustentáveis, principalmente em âmbito organizacional, possui uma abordagem voltada ao economicismo, que considera o desenvolvimento sustentável como objetivo final da sustentabilidade, por outro lado, a teoria apresenta inúmeras formas de se pensar na sustentabilidade, preocupando-se com características mais amplas, críticas e até mesmo com fatores que colocam em evidência a ideologia e a cultura de práticas vinculadas ao tema.

Para colaborar com os interesses sociais e organizacionais da sustentabilidade, procurou-se perceber por meio da tríade bourdieusiana, as características que compunham o campo organizacional voltado para ações em prol da sustentabilidade. A abordagem sociológica que esta pesquisa adotou, correspondeu à preocupação com o homem em sociedade, e com a organização enquanto fomento de uma economia criada por e para os agentes situados em uma estrutura social, compreendida como espaço social e campo.

Considera-se que os objetivos foram alcançados pois, a pesquisa apresentou tanto uma padronização de narrativas quanto algumas aproximações de cognições que muitas vezes enriquecem o campo pesquisado. A perspectiva em perceber a sustentabilidade por meio da sociologia bourdieusiana, compreendendo o campo, identificando os capitais e analisando o *habitus*, permitiu que a sustentabilidade fosse compreendida como fator influenciador de ações dentro de cada organização.

Os estilos de raciocínios acompanharam e auxiliaram tal compreensão a medida em que apresentaram ontologias, epistemologias, paradigmas e conceitos sobre sustentabilidade que guiaram a classificação das narrativas das organizações pesquisadas. Esta abordagem permitiu perceber como a sustentabilidade era vista e significada pelos entrevistados, dentro e fora da organização, corroborando para a interpretação da sociologia de Bourdieu e apresentando uma realidade do contexto social pesquisado.

Esta abordagem da sustentabilidade sob luz dos conceitos de Pierre Bourdieu, permitiu compreendê-la sem romantismo, pois foi considerado uma leitura

estruturalista e construtivista trazida pela sociologia bourdieusiana. Esta forma de apresentação dos dados demarca um novo espaço de pesquisa pois considerou-se três elementos subjetivos como objetos de pesquisa: o pesquisador, o entrevistado e a organização.

Desta forma, a interpretação das narrativas apresentaram uma diferenciação no campo das organizações. Enquanto a organização NAC possui um campo mais amplo e considera a regionalização das suas práticas, e organização INT considera-se como um campo restrito, com práticas voltadas aos colaboradores da própria organização. Essa diferenciação pôde ser evidenciada quando foram verificadas o alcance das práticas organizacionais. Compreendeu-se então que o campo da organização NAC é composto pelos agentes, os colaboradores, mas seu interesse permeia a esfera regional, pois possui uma preocupação com a saúde populacional que permeia suas filiais. A organização INT apresentou um campo voltado às práticas sustentáveis internas, com a promoção de ações vinculadas aos colaboradores. Desta forma, a organização INT apresentou-se dominada pelo seu contexto organizacional, que respondia a uma dominação do espaço social caracterizado pela sede europeia da organização.

Os capitais também apresentaram características coerentes entre as duas organizações. As narrativas da organização NAC apresentaram uma predominância pelo capital cultural, seguido do social e conseqüentemente o econômico. A organização INT também apresentou a mesma ordem nas preocupações e estratégias vinculadas à sustentabilidade. Vale ressaltar que nas duas organizações a sustentabilidade foi tratada como meio para alcançar a economia e a eficiência de processos e serviços, porém as narrativas não apresentaram diretamente o viés econômico, mas sim uma abordagem ideológica para a modificação de culturas e meios sociais com o intuito de corresponder aos procedimentos adotados pelas organizações.

A compreensão do *habitus* das organizações apresentaram características que condizem com o campo de cada empresa. A NAC apresentou um *habitus* que permeia tanto a organização como campo, quanto seu espaço social. Suas práticas extrapolam os limites do campo quando disponibiliza recursos próprios para auxiliar a saúde da região. A organização INT possui um *habitus* incorporado voltado aos seus colaboradores e conseqüentemente à sua sede europeia, suas

práticas carregam o sentido de bem-estar colaborativo, que se torna responsável pelo seu colaborador em seu ambiente de trabalho.

E por fim os estilos de raciocínios apresentaram coerência entre as duas organizações. As narrativas apresentaram predominância pela abordagem Normativa Reducionista Fraca e Funcionalista, porém com influência da abordagem intermediária que carrega o olhar para o homem como ser pertencente ao meio natural, pois consideraram que o ser humano possui o poder de impactar as estruturas sociais e também cria-las. As narrativas também apresentaram soluções para transformar um ambiente sustentável, o que caracteriza uma sustentabilidade social. Porém, o desenvolvimento sustentável é tratado como objetivo a ser alcançado, retrocedendo a um viés econômico da sustentabilidade.

Compreende-se assim que, as narrativas, de modo geral, apresentaram relações entre as duas organizações. Limitando-se para a perspectiva de campo, que uma possui um olhar mais amplo enquanto a outra uma abordagem mais restrita. Considerou-se que as duas organizações possuem práticas em prol da sustentabilidade, e consideram tais ações importantes para o meio natural e também para a manutenção do próprio negócio, que carrega não só a responsabilidade de um crescimento econômico, mas também a responsabilidade de inúmeras pessoas que dependem da manutenção, e das ações que correspondem à organização. Assim, a sustentabilidade apresenta-se como uma prática que está ligada ao cuidado do ambiente, e vincula-se com a responsabilidade de apresentar soluções que corroboram para a manutenção de uma vida social.

Dito isto, esta pesquisa considerou algumas limitações pra sua conclusão e desenvolvimento, são elas: o acesso às narrativas de organizações que possuíam a mesma abordagem pesquisada e o interesse dos pesquisados em apresentar disposição para responder as perguntas. Para a primeira limitação, compreende-se que algumas organizações não possuem a prática de receber pesquisadores como forma de corroborar para a pesquisa científica, esta ação acaba dificultando e restringindo o campo de pesquisa disponível, acarretando, muitas vezes, em uma delimitação extremamente crítica das unidades de análise. E pelo interesse dos entrevistados, compreende-se que assim como a maioria das organizações, alguns entrevistados não possuíam interesse de serem pesquisados, acarretando em possíveis desvios de significados nas pesquisas.

Como sugestão para pesquisas futuras, considera-se que sejam realizadas mais pesquisas comparativas, tanto entre empresas internacionalizadas, quanto entre empresas nacionais. O tipo de análise de narrativas também apresenta-se como parâmetro sugestivo para pesquisas futuras, uma vez que compreende o campo pesquisado e a construção de significados pelos próprios agentes. Desta forma, o vasto campo a ser detalhado, tanto por meio da abordagem de Bourdieu quanto por meio da abordagem sobre sustentabilidade apresenta-se com grande importância para a academia e para os estudos organizacionais, pois compreende o relacionamento social no campo organizacional, o que corrobora para a melhoria de gestão e práticas relacionadas ao tema.

REFERÊNCIAS

- ALVES, E. R. Pierre Bourdieu: a distinção de um legado de práticas e valores culturais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 179-184, 2008.
- ARAÚJO, I. S. Mercado Simbólico: um modelo de comunicação para políticas públicas. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v. 8, n. 14, p. 165-77, 2004.
- ATKINSON, P.; COFFEY, A.; DELAMONT, S. **Key themes in qualitative research: Continuities and changes**. New York: Rowman & Littlefield, 2003.
- AVELINO, F.; ROTMANS, J. Power in transition: An interdisciplinary framework to study power in relation to structural change. **European Journal of Social Theory**, v. 12, p. 543-569, 2009.
- AVELINO, F.; ROTMANS, J. A dynamic conceptualization of power for sustainability research. **Journal of Cleaner Production**. v. 19, p. 796-804, 2011.
- BALBINOT, Z.; BORIM-DE-SOUZA. Sustainable development and sustainability as quasi-objects of study in management: a search for styles of reasoning. **Management Research: The Journal of the Iberoamerican Academy of Management**, v. 10 n. 3, p. 153-186, 2012.
- BANDURA, A. **Social foundations of thought and action: A social cognitive theory**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1986.
- _____. Social cognitive theory: An agentic perspective. **Asian Journal of Social Psychology**, v. 2, p. 21-41, 1999.
- _____. Social cognitive theory: An agentic perspective. In: FISKE, S. T.; SCHACTER, D. L.; ZAHN-WAXLER, C. (Eds.), **Annual review of psychology: Palo Alto, CA. Annual Reviews**, v. 52, p. 1-26, 2001.
- BATTILANA, J.; LECA, B.; BOXENBAUM, E. How actors change institutions: Towards a theory of institutional entrepreneurship. **The academy of management annals**, v. 3, p. 65-107, 2009.
- BEARD, C.; HARTMANN, R. Naturally enterprising-eco-design, creative thinking and the greening of business products. **European Business Review**, v. 97, n. 5. p. 237-243, 1997.
- BENERJEE, S. B. Who Sustains Whose Development? Sustainable Development and the Reinvention of Nature. **Organization Studies**, v. 24, n. 1, p. 143-180, 2003.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **The Social Construction of Reality: A Treatise in the Sociology of Knowledge**. Garden City, NY: Doubleday, 1966.
- BRAIDOTTI, R. *et al.* **Women, the Environment and Sustainable Development**. Zed Books, London, 1994.

BASTOS, L. C.; BIAR, L. A. Análise de narrativa e práticas de entendimento de vida. **D.E.L.T.A.**, v. 31, p. 97-126, 2015.

BARBIER, E. B., The Concept of Sustainable Economic Development. **Environmental Conservation**, v. 14 n. 2, p. 101-110, 1987.

BORIM-DE-SOUZA, R. *et al.* Sustainable development and sustainability as study objects for comparative management theory: proposing styles of reasoning for an unknown metropole. **Cross Cultural Management**, v. 22, n. 2, p. 201-235, 2015.

BOURDIEU, P. **A distinção**: Crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007a.

_____. **A produção da crença**: Contribuição para uma economia dos bens simbólicos. 3 ed. Porto Alegre: Zouk, 2015.

_____. **A reprodução**: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

_____. **As regras da arte**: Gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

_____. Capital simbólico e classes sociais. **Novos estudos**, v.96, julho, p.105-115, 2013.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004a.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **Escritos de Educação**. 9ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007b.

_____. **Ofício de sociólogo** - Metodologia da pesquisa na sociologia. 7 ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____. **O poder simbólico**. 16ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_____. **O sendo prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

_____. **Os usos sociais da ciência**: Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004b.

_____. **Razões práticas**: Sobre a teoria da ação. 9ªed. Campinas: Parirus, 1996.

_____. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zarah, 1997.

_____. The Forms of Capital. In: Mark Granovetter; Richardson Swedberg (Ed). **The sociology of economic life**. 3ª ed. Boulder, CO: Westview Press, 2011.

BRULON, V. Transpondo Bourdieu para as Organizações: um Convite à Sociologia Reflexiva em Estudos Organizacionais. Rio de Janeiro: **XXXVII EnANPAD**, 2013.

BRYMANN, A. **Social research methods**. Oxford University Press, Oxford, 2001.

BUTTEL, F. H. **Agricultural Research and Development and the Appropriation of Progressive Symbols: Some Observations on the Politics of Ecological Agriculture**. Ithaca, NY: Department of Rural Sociology. Cornell University, 1998.

CAPROTTI, F. Environment, business and the firm. **Geography Compass**. v. 6, n. 3, p. 163-174, 2012.

CLARKE, J. J. **Nature in Question**. Earthscan, London, 1993.

CLARO, P. B. O.; CLARO, D. P., AMÂNCIO, R. Entendendo o conceito de sustentabilidade nas organizações. **R.Adm**. São Paulo. v. 43, n. 4, p. 289-300, 2012.

COSTA-LIMA, G. O discurso da sustentabilidade e suas implicações para a educação. **Ambiente & Sociedade**, v. 6, n. 2, p. 99-119, 2003.

CUNHA, M. I., Conta-me AGORA! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Faculdade de Educação**. v. 23, p. 1-2, 1997.

DAVIES, B.; HARRÉ, R. Positioning: The discursive construction of selves. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, v.20, p. 43-63, 1990.

DORTIER, J-F. Les Idées Pures N'Existent Pas. In: **Pierre Bourdieu: Son oeuvre, son héritage**. Sciences Humaines Éditions, 2008.

EKINS, P. **The living economy: a new economics in the making**. Routledge & Kegan Paul, London, 1986.

ESIN, C.; FATHI, M.; SQUIRE, C. Narrative analysis: The constructionist approach. In.: FLICK, U. **The SAGE handbook of qualitative data analysis**. London: SAGE publications ltd, 2014.

FARLA, J., *et al.*, Sustainability transitions in the making: A closer look at actors, strategies and resources. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 79, p. 991-998, 2012.

FLICK, U. **An Introduction to Qualitative Research**. 5th edition. London: Sage, 2014.

GARCIA *et al.* Usos da pesquisa documental em estudos sobre administração pública no Brasil. **Teoria e prática em administração**, v. 6, n. 1, p. 40-68, 2016.

GARCIA-PARPET, M. F. A sociologia da economia de Pierre Bourdieu. **Sociologia&Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 3, 2013.

GERGEN, K. J. **An invitation to social construction**. London: Sage, 1998.

GLADWIN, T. N.; KENNELLY, J. J.; KRAUS, T. S. Shifting paradigms for sustainable development: implications for management theory and research. **Academy of Management Review**, v. 20, n. 4, p. 874-907, 1995.

GODOI, C. K.; BALSINI, C. P. V. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. 2. ed. – São Paulo: Saraiva, 2010.

GODOY, A. S. Estudo de caso qualitativo. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELO, R.; SILVA, A. B. da. **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.

GOODLAND, R.; LEDEC, G. Neoclassical economics and principles of sustainable development. **Ecological Modelling**, v. 38, n. 1, p. 19-46, 1987.

GUBRIUM, J. F.; HOLSTEIN, M. Narrativa practice and the coherence of personal stories. **The social quarterly**, v. 39, n. 1, p 163-197, 1998.

GUBRIUM, J. F.; HOLSTEIN, J. A. Analytic inspiration in ethnographic fieldwork. In.: FLICK, U. **The SAGE handbook of qualitative data analysis**. London: SAGE publications ltd, 2014.

HACKING, I. Language, truth and reason. In: Hollis, M. and Lukes S. (Eds), **Rationality and relativism**, Blackwell, Oxford, p. 159-177, 1982.

_____. **The social construction of what?** Cambridge, MA: Harvard University Press, 1992.

HARRIS. S. R. Constructionism in sociology. In: **Handbook of constructionist research**. New York: The Guilford press, 2008

HARTLEY, J. F. Case studies in organizational research. In: CASSELL, C.; SYMON, G. (Ed.). **Qualitative methods in organizational research: a practical guide**. London: Sage, p. 208-229, 1994.

HAUGHT, J. F. Christianity and ecology. In: GOTTLIEB, R. S. (Ed.). **This Scared Earth: Religion, Nature, Environment**, Routledge, New York, NY, p. 270-285, 1996.

HOLLIS, M.; SMITH, S. **Explaining and understanding in international relations**. Clarendon Press, Oxford, 1990.

HOLSTEIN, J. A.; GUBRIUM, J. F. The constructionist mosaic. In.: HOLSTEIN, J. A.; GUBRIUM, J.F. **Handbook of Construcionist Research**. New York: The Guilford Press. 2008.

JIMÉNEZ-HERRERO, L. M. **Desarrollo sostenible: transición hacia la coevolución global**. Pirámide Ediciones, Madrid, 2000.

LÉLÉ, S. M. Sustainable development: a critical review. **World Development**, v. 19, n. 6, p. 607-621, 1991

LIEBSCHER, Peter. Quantity with quality ? Teaching quantitative and qualitative methods in a LIS Master's program. **Library Trends**, v. 46, n. 4, p. 668-680, Spring 1998.

MARSH, D.; FURLONG, P. A skin, not a sweater: ontology and epistemology in political science. In: MARSH, D.; STOKER, G. (Ed.). **Theory and methods in political science**. Palgrave, New York, p. 17-41, 2002.

MEBRATU, D. Sustainability and sustainable development: historical and conceptual review. **Environment and Impact Assessment Review**, v. 18 n. 1, p. 493-520, 1998.

MILNE, M.J.; KEARINS, K.; WALTON, S. Creating adventures in wonderland: the journey metaphor and environmental sustainability. **Organization**, v. 13, n. 6, p. 801-839, 2006.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016.

MISOCZKY, M. C. A. Implicações do Uso das Formulações sobre Campo de Poder e Ação de Bourdieu nos Estudos Organizacionais. **RAC – Edição especial**, p. 09-30, 2003.

MOITA-LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MUNCK, L.; BORIM-DE-SOUSA, R. Responsabilidade social empresarial e sustentabilidade organizacional: a hierarquização de caminhos estratégicos para o desenvolvimento sustentável. **REBRAE – Revista Brasileira de Estratégia**, v. 2, n. 2, p.185-202, 2009.

NORGAARD, R. B. Sustainable development: A coevolutionary view. **Futures**, v.20, n. 6, p. 606-620, 1998.

OLSSON, P.; GALLAZ, V.; BOONASTRA, W. J. Sustainability transformations: A resilience perspective. **Ecology and Society**, v.19, 2014.

OSORIO, L. A. R.; LOBATO, M. O.; CASTILLO, X. A. Debates on sustainable development: towards a holistic view of reality. **Environment, Development and Sustainability**, v. 7, n. 1, p. 501-518, 2005.

PAINTER-MORLAND, M.; BOS, R. T. Should Environmental Concern Pay Off? A Heideggerian Perspective. **Organization Studies**, v. 37, n.4, p. 547-564, 2016.

PEPPER, D. **Eco-socialism**. Routledge, London, 1993.

PHILLIPS, M. On Being Green and Being Enterprising: Narrative and the Ecopreneurial Self. **Organization**. v. 20. n. 6. p. 794 – 817.

RICHARDSON, R.J. *et al.* **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2014

SAMRA-FREDEERICKS, D. Social Constructionism in Management and Organization Studies. In.: **Handbook of Constructionist Research**. New York: The Guilford Press, 2008.

SCARTEZINI, N. Introdução ao método de Pierre Bourdieu. **Cadernos de campo: revista de ciências sociais**, n.14/15, p. 25-37, 2012.

SCHMIDHEINY, S. **Changing Course: A Global Business Perspective on Business and Environment**. The MIT Press, Massachusetts, MA, 1992.

SHEPHERD, D. A.; PATZELT, H.; BARON, R. A. “I care about nature, but...”: Disengaging values in assessing opportunities that cause harm. **Academy of Management Journal**, v. 56, n. 5, p. 1251-1273, 2013.

SILVEIRA, D. F.; CÓRDOVA, F. P. Pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SPARKES, A. C.; SMITH, B. Narrative constructionist inquiry’. In: HOLSTEIN, J.; GUBRIUM, J. (Eds). **Handbook of Constructionist Research**. New York: Guilford Press. p. 295-314, 2008.

TEIXEIRA, E. B. A análise de dados na pesquisa científica – importância e desafios em estudos organizacionais. **Desenvolvimento em Questão**. Ijuí (RS), v. 1, n. 2, p. 177-201, 2003.

WACQUANT, L. Esclarecer o habitus. **Educação & Linguagem**, v. 10, n. 16, p. 63-71, 2007.

_____. **Mistério do ministério: Pierre Bourdieu e a política democrática**. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

_____. Poder simbólico e fabricação de grupos: Como Bourdieu reformula a questão das classes. **Novos estudos**, v. 96, p. 87-103, 2013.

WEICK, K. E. **Sensemaking in organizations**. London Sage, UK, 1995.